



EFÊMEROS & ETERNOS

NA CONSTRUÇÃO DO IMCAV
INSTITUTO MEMÓRIA E CIDADE EM ARTES VISUAIS

Catálogo das memórias visuais em Sandro Abade Pimentel

Individuais e coletivas | 2000 a 2021



Prêmio das Artes Jorge Portugal Premiação Aldir Blanc Bahia

Artes Visuais | Livro virtual

Esse projeto obteve apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultural do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Realização:



IMCAV

INSTITUTO MEMÓRIA E CIDADE
EM ARTES VISUAIS

Em construção

Ficha Técnica

Sandro Abade Pimentel

Autor | Organizador | Identidade Visual

Maria Pinheiro

Co-organizadora | Revisão

Edward MacRae

Revisão Final Inglês e Português

Leandro Araujo

Design gráfico, editoração e tratamento de imagens

Sterfane Estime

Novas Fotografias

Shelley Green

Tradução para o inglês

Wagner Coutinho Alves

Tradução para o inglês

Janete Catarino

Comunicação e produção de lançamento

Edvaldo Bolagi

Comunicação e produção de lançamento



EFÊMEROS & ETERNOS

NA CONSTRUÇÃO DO IMCAV

Instituto Memória e Cidade em Artes Visuais

Salvador | Bahia | 2021

Índice

O projeto de revisão de centenário

Breve Introdução e Agradecimentos	12
Big Bem - texto Edward MacRae	13
Os Escaravelhos São Eternos	14
Escaravelho para Anísio Teixeira – Centenário 2000	15
Escaravelho para Cecília Meireles – Centenário 2001	16
Escaravelho para Carlos Drummond de Andrade - Centenário 2002	17
Escaravelho para Ary Barroso – Centenário 2003	18
Escaravelho para Dercy Gonçalves – Centenário entre 2004/2007	19
Escaravelho para Nise da Silveira – Centenário 2005	20
Escaravelho para Oscar Niemeyer – Centenário 2007	21
Escaravelho para Cartola – Centenário 2008	22
Escaravelho para Carmen Miranda – Centenário 2009	23
Escaravelho para Pagu – Centenário 2010	24
Azulejo para ação de rua 2007	25
Instalações de Telas na Galeria e Ações de Rua	26
Tri-Bahia, 100 Anos Depois	28
Painéis Urbanos com Escaravelho	32
Como Contar uma História do Tempo texto Ana Carolina Bierrembach	33

Índice

2000 a 2010

2000: Centenário de Anísio Teixeira	44
Projetos: O Leite das Pedras e os Oito Olhos da Aranha Armazém Santo Expedito	
2001: Centenário Cecília Meireles	54
Projetos: Água 100 + Cartogramas de Salvador	
2002: Centenário Carlos Drummond de Andrade	64
Projeto: Retrato Filmado na Baixa dos Sapateiros	
Por Falar em Salto Alto – texto Alberto Heráclito	68
Negras, Mulatas e Melindrosas – Texto Raimundo Fonseca	70
2003: Centenário de Ary Barroso	73
Projeto: Cama, Mesa e Banho – Uma Casa do Imaginário Baiano a Partir da Baixa dos Sapateiros	
2004, 2005, 2006, ou 2007? Qual o Centenário de Dercy Gonçalves?	82
Projetos: Festival da Livre Expressão Sexual I e II Beijos para Yemanjá	
2005: Centenário da Dra. Nise da Silveira	91
Projeto: Pesquisa-Ação em Artes Visuais para Prevenção ao Abuso de Drogas	
2007: Centenário de Oscar Niemeyer	98
Projeto de Revisão de Centenários: The Big Bem – Uma História do Tempo	
2008: Centenário de Cartola	104
Projeto: Trilha para o Expresso da Maré das Mais de Mil Tribos	
2009: Centenário de Carmen Miranda	108
Projeto: Se Papai Noel Fosse Egípcio	
O Efêmero e o Eterno – Poesia de Alberto Heráclito	111
2010: Centenário de Pagu	120
Projeto: Um Copo de Mar para Pagu	

Índice

2011 a 2017

2011: Centenário de Arthur Bispo do Rosário	130
Projeto: Um Sol Arthur Bispo do Rosário	
Qual a Cor do Meu Semblante?	132
Ordenar em Bispo: Fé, Macumba e Magia	133
2012: Centenários de Mazzaropi, Jorge Amado, Nelson Rodrigues e Luiz Gonzaga	144
Projeto: Exu Hermes Trismegisto	
A superação do Pânico de Ser um Caipira	148
O Eros Rodrigues	152
O Encontro de Jorge e Zélia no Coração de São Paulo	156
Nascido em Exu	160
2013: Centenário de Vinicius de Moraes	164
Projeto: Autenticando a eterna primavera Participação no MNB2J	
2014: Centenário de Lupicínio Rodrigues e Dorival Caymmi	178
Projeto: Circuito Cultural 2 de Julho Participa no Arte de Passagem e na 3ª. Bienal da Bahia.	
2015: Centenário de Grande Otelo	194
Projeto: O Jardim das Delícias Macunaímicas	
2016: Centenário de Zélia Gattai	198
Projeto: O Tempo a partir das serpentes - Anarquistas Graças a Oxalá	
2017: Centenário de Mestre Didi	206
Projeto: O Tempo a Partir das Serpentes - Artistas Graças a Olorun	
O Tempo a Partir das Serpentes	214

Índice

2018 a 2021

2018: 100 Anos do Museu de Arte da Bahia no Projeto Arte de Passagem	218
As Águias e Seus Reinos de Pássaros	222
2000 a 2021: Outros Centenários não Citados	224
2019: Centenário de Guanambi	226
2020: Centenário de Dolly MacRae	230
2020: Centenário de Clarice Lispector	232
Projeto: Perto do Coração Selvagem - Carurú para Yansã pelos 100 Anos de C.L. O Ovo da Águia Clarice Lispector	238
2021: Rumo ao Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922	240
Projeto: IMCAV - Instituto Memória e Cidade em Artes Visuais	241
Plataformas Audiovisuais	242
Conclusão	248
Créditos Fotográficos	250
Bibliografia	252

Travesseiro para o século 21.
Acrílica sobre tela. 190 x 185 cm. 2000

01



Breve introdução e agradecimentos

A ideia de organizar ações anuais, observar personalidades brasileiras que fizeram 100 anos no início desse nosso novo século, ocorreu em um deslanchar de fatos que me ganharam dia após dia no decorrer dos anos, no esforço de contemporização da história cultural e artística brasileira. Hoje, percebo que a necessidade de revisão e análise das atuações centenárias aqui observadas, é motivada pela visitação às provocações que sedimentaram o século XX e levaram à inscrição do Brasil na história da arte mundial.

Para uma cultura nova como a nossa, os últimos 100 anos são ainda uma experiência marcante e uma memória viva, mas que exigem um revigorar constante, pois são ainda nossos lastros de continuidade criativa. Sendo o Brasil um país novo, nossos centenários exigem suas energias renovadas, e agora posso sentir que seus corpos etéreos possuem suas eternas juventudes. Eis um direito que temos de promover na balança de Anúbis: Os que contribuirão para que uma diversidade do bem exista, merecem ser eternamente jovens.

Fundamental para que esse trabalho exista foi, além da minha vivência na pesquisa da obra e vida desse elenco de máximo esplendor, constatar o quanto o moderno já é um clássico na nossa cultura e fazer o cruzamento dessa nova tradição, com teorias e práticas contemporâneas em Salvador. Assim, do inicial materialismo marxista da minha juvenil década de 1980, passo para a deriva anarco-marxista do situacionista Guy Debord, ao criar situações e intervenções, para, então, render-me ao idealismo material do conceitual Joseph Beuys, em sua ideia da escultura social. O que me leva às teorias da estética relacional de Nicolas Bourriaud.

Os centenários tornam-se processos de entendimento dessa nova tradição brasileira, seus sinais imateriais nas práticas do uso da magia artística, do ocultismo cristão, do candomblé,

e de como essa cultura materializa-se no sistema da arte brasileira, relacionando-se com as ideias filosóficas redirecionadas ou surgidas, a partir do maio de 1968. Tais são as ideias por mim absorvidas, que dialogam com a sociedade de redes planetárias, do nosso século XXI, construindo pontes com o processo criativo no qual me insiro.

Assim, esse projeto deve a sua existência a uma rede relacional, da qual ele obteve apoio e ajudas constantes. Desenvolveu através de trocas artísticas, materiais, técnicas e poéticas, com colegas, instituições, intelectuais e produtores. As nomeações desses agentes são destacadas no decorrer desse livro, escrito na trajetória de 20 anos de minha produção. Agradecimentos especiais aos que me acompanharam na construção da última ação, *Perto do Coração Selvagem*, para os 100 anos de Clarice Lispector, e aos que compõem a ficha técnica deste E-Book. E claro, aos agentes da SECULT Bahia, especialmente ao setor de artes visuais, que nos auxiliam na realização do Edital Prêmio Jorge Portugal 2020, pela Lei emergencial Aldir Blanc em nosso estado.

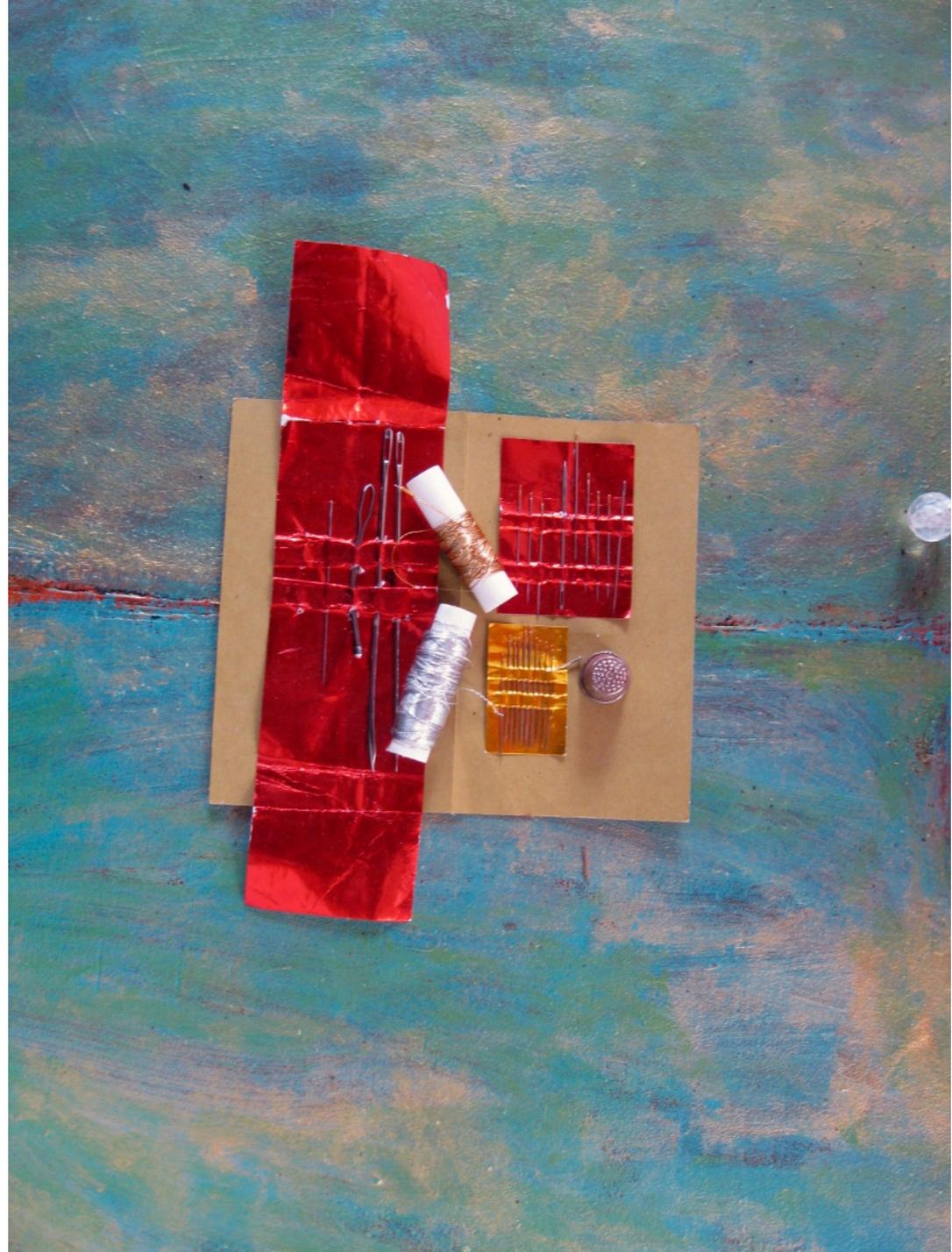
O agradecimento maior, é para as personalidades brasileiras centenárias, às quais me refiro, que me inspiram e com leveza me apropriam de suas criações. Agradeço a seus intérpretes, seus estudiosos, seus produtores e aos seus familiares, que são os legítimos herdeiros legais de suas obras, que decifram o Brasil.

E meus agradecimentos máximos para minha mãe, *in memoriam*, Vivaldina Moreira Abade, por ter dedicado sua vida ao meu sonho de ser artista, e ao Edward MacRae, companheiro diário desses 20 anos registrados aqui.

Sandro Abade Pimentel

Material de trabalho no atelier do
Instituto Sacatar de Residência Artística.
Fotografia. 2009

01



BIGBEM

Edward MacRae

Bang! - Ou melhor, um Big de um Bang e o universo começou a se expandir a partir de sua condição primordial de grande densidade e temperatura.

Bém, bém - O sino Big Ben. Artefato de três metros de diâmetro e mais de treze toneladas de peso. Seu som é irradiado ao mundo todo dia pela BBC. Símbolo do progresso tecnológico da Britannia vitoriana que se quis eterna.

Cerâmica – Do grego *keramikos* - refere-se a materiais inorgânicos e não metálicos formados pela ação do calor. Artefatos de cerâmica estão entre os mais duráveis criados pelo ser humano. Sobrevivem a todos os outros e ajudam a estabelecer as datas em sítios arqueológicos.

O escaravelho Khepri - Deus solar - a incorporação do próprio Sol. Sua representação é a de um besouro eternamente a rolar bolas esféricas de excremento e a deitar ovos em corpos de animais mortos para eventualmente nascer/renascer. Noite/Dia.

Modernismo- Série de movimentos culturais nas artes, arquitetura, música, literatura e artes aplicadas que emergiu no período 1884-1914. Incentivava o reexame de todos os aspectos da existência, do comércio à filosofia, com o objetivo de descobrir o que estaria retardando o progresso para propor novas formas de caminhar para frente.

Intervenções urbanas- jovens mapeando a cidade com seus besouros pintados em ladrilhos e azulejos. Atelier-oficina-atividade-ação.

Telas na galeria do antigo Palácio. Frida Kahlo e suas sete pontas: Kandinsky, Modigliani, Picasso, Matisse, Klimt, Chagal e Klee. Santos Dumont, Oscar Wilde, Drummond. Cecília, Pagu, Cartola, Carmem Miranda e o infinito que esses habitam.

E a tri-Bahia D. Canô, D. Zuzú, Vô Abade.

Fogo- Luz Conexão / Ruptura. Bem... Big Bem.

Texto escrito em 2007 para a exposição *The Big Bem – Uma história do tempo*.
Curadoria Edward MacRae.

Sobre a década que passou
ontem e há 100 anos

Os escaravelhos são eternos

Em 2007, formulei o projeto “The Big Bem- Uma História do Tempo”, que propunha uma revisão de centenários ocorridos na primeira década dos anos 2000. A ideia base era a de escolher para cada ano da década 2000 a 2010, uma personalidade da arte e cultura brasileira que entrou na idade centenária, o propósito: traçar um breve painel do que ocorria no mundo no ano de seu nascimento.

Com o levantamento da pré-produção concluída, pinteí uma série de acrílico s/tela, todas com 1,20m x 1,20m que tem o escaravelho, besouro que simboliza o sol e a eternidade para os egípcios antigos, como um brasão a atestar o tempo em que a cultura brasileira ganhou contornos de civilização.

Para ambientação histórica das telas apresentadas a seguir, proponho abaixo um breve roteiro de fatos e nascimentos ocorridos entre 1900 e 1910, que recentemente completaram seus 100 anos:

1900	Morre Oscar Wilde em Paris. A americana Isadora Duncan vai para a Europa. Nasce Anísio Teixeira.
1901	<i>Os Buddenbrooks</i> de Thomas Mann é lançado e nasce Cecília Meireles. Santos Dumont faz o vôo número 1.
1902	Nasce Carlos Drummond de Andrade e Graça Aranha publica <i>Canaã</i> .
1903	Nasce Ary Barroso e Kandinsky pinta <i>O cavaleiro azul (Der blauer Reiter)</i> .
1904	Gustav Klimt pinta <i>A árvore da vida</i> .
1905	Nasce Dercy Gonçalves e Nise da Silveira. De 1905 a 1910 - Gaudí constrói <i>A Casa Milá, la Pedrera</i>
1906	Walter Benjamin faz 14 anos, Santos Dumont faz o vôo no 14 Bis e Modigliani pinta <i>Minha irmã</i> .
1907	Picasso introduz os mistérios da arte africana na pintura <i>Mademoiselles d'Avignon</i> . Nascem Frida Kahlo, Oscar Niemeyer, D. Canô, D. Zuzu e Vô Abade.
1908	Nasce Cartola. Paul Klee que fez aulas na Von Stuck com Kandinsky, casa-se com a pianista Lili Strunpf.
1909	O jovem Marc Chagall pinta <i>Minha noiva de luvas pretas</i> e nasce Carmen Miranda.
1910	Matisse pinta <i>A Dança</i> , Chagall, Nijinsky e Kandinsky já conhecem Paris. Nasce Pagu.

Escaravelho para Anísio Teixeira - Centenário 2000
Acrílico sobre tela 120x120 cm - 2007

01





Póeria

Carpe una hora puerum
non videri

Que a pena não queira deixar
Me achando de não se desistir

Inquieto, virei

É não se desistir

E não quer não

Mas a poesia doze

momento

Juanda minha vida

interna

Drummond

Derjor

Derjor a vida...

Faço do meu

cheio de felicidade

Momento no postar

Domingo não chora

segunda não mais humos

sextas com meu amor

Feliz de Carlos

chape com amigos

.....

Carlos

de pedrada

Stamen 2007

Escaravelho para Carlos Drummond de Andrade - Centenário 2002
Acrílico sobre tela - 120x120 cm - 2007

Escaravelho para Ary Barroso - Centenário 2003
Acrílico sobre tela - 120x120 cm - 2007

01



Escaravelho para Dercy Gonçalves - Centenário entre 2004 e 2007
Acrílico sobre tela - 120x120 cm - 2007

01



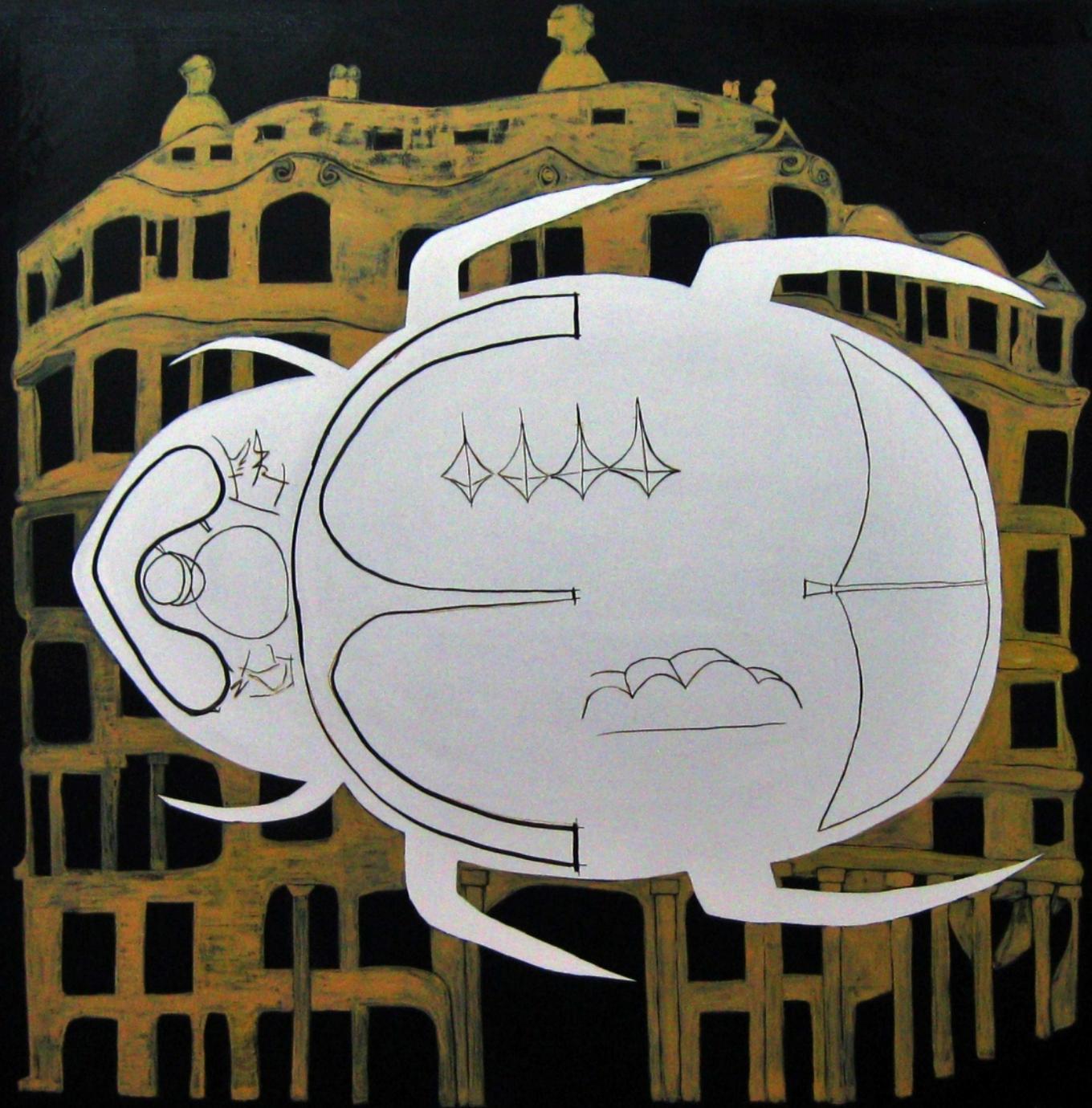
4Pimentel 2007

Escaravelho para Nise da Silveira - Centenário 2006
Acrílico sobre tela - 120x120 cm - 2007



Escaravelho para Oscar Niemeyer - Centenário 2007
Acrílico sobre tela - 120x120 cm - 2007

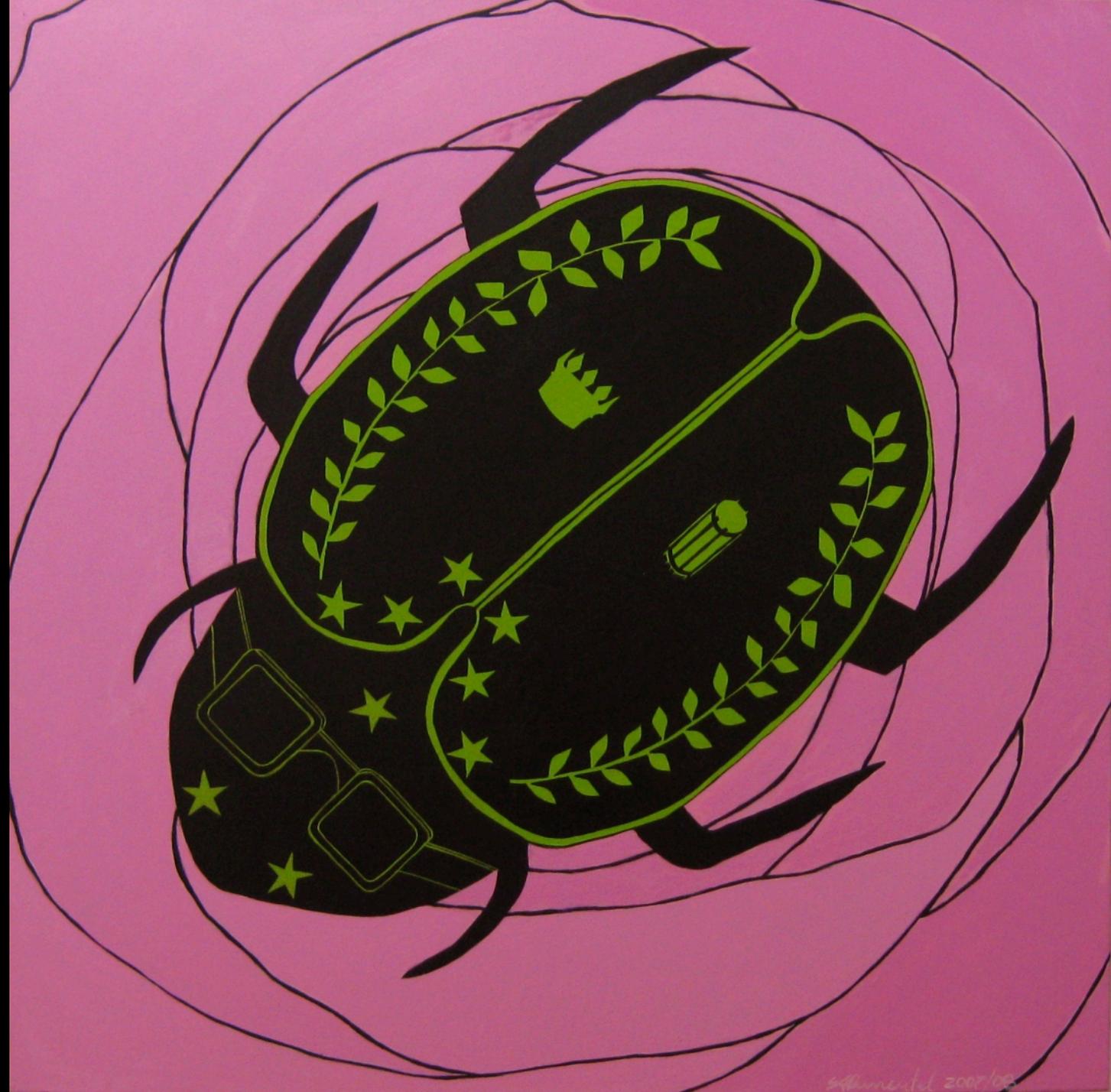
01



Spaurer 2007

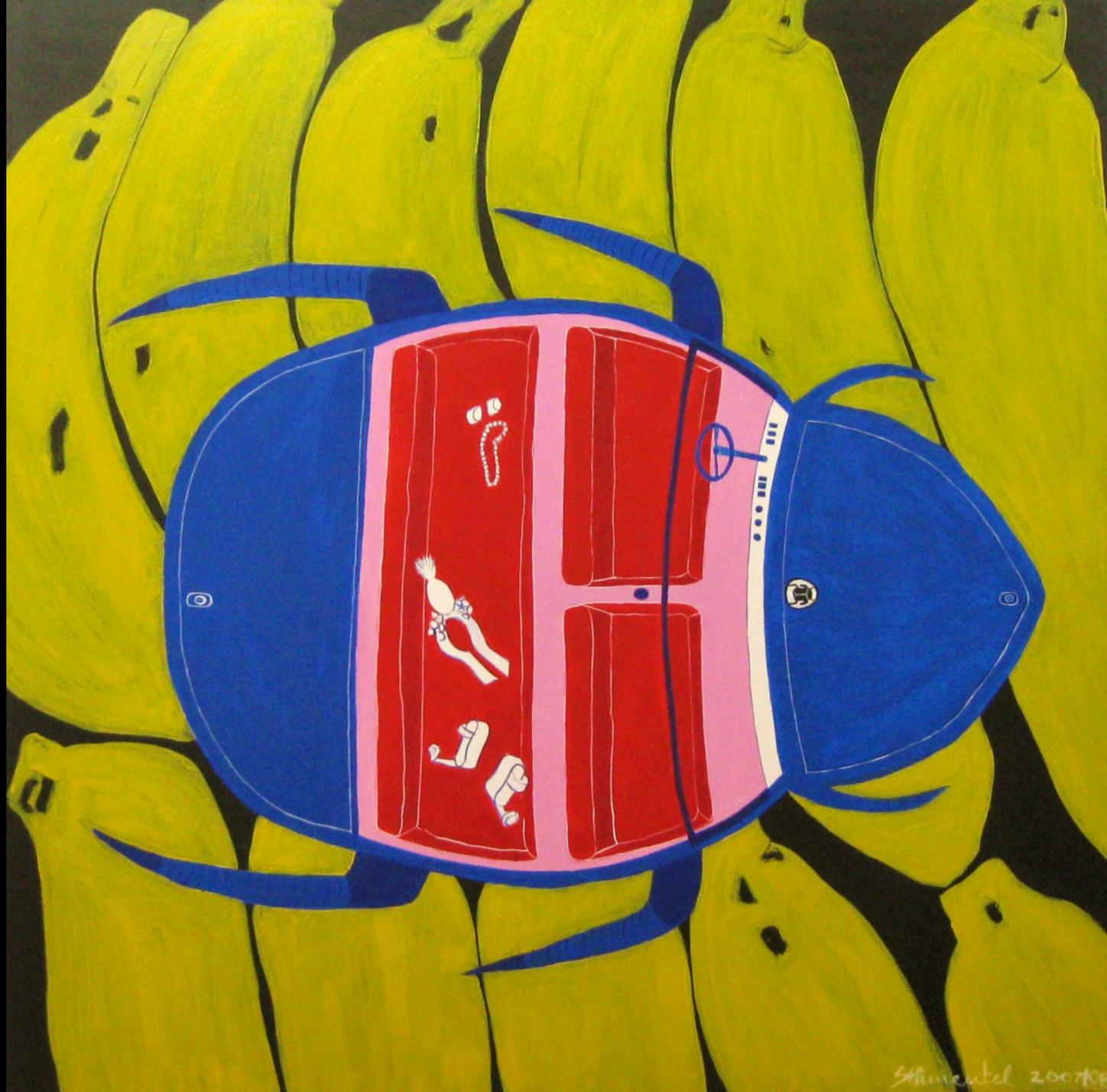
Escaravelho para Cartola - Centenário 2008
Acrílico sobre tela - 120x120 cm - 2007

01



Escaravelho para Carmem Miranda - Centenário 2009
Acrílico sobre tela - 120x120 cm - 2007

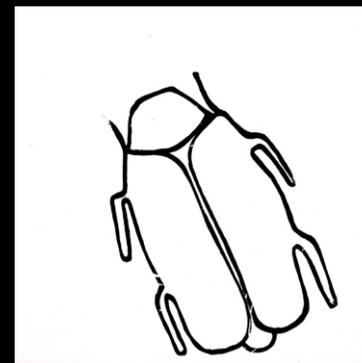
01



Escaravelho para Pagu - Centenário 2010
Acrílico sobre tela - 120x120 cm - 2007

01





Instalação de telas na Galeria e Ações de Rua

O The Big Bem - Uma História do Tempo, projeto de revisão de centenários, foi lançado com duas ações complementares pensando unir socialmente o Palácio da Aclamação, um edifício de representação oficial do estado da Bahia, com a Estação Ferroviária da Calçada, que serve ao subúrbio de Salvador.

Essas ações foram realizadas com a montagem da instalação "Tri-Bahia" e das telas com os escaravinhos para a constelação centenária, na Galeria do Conselho de Cultura, e a fixação de painéis de azulejos industriais e lajotas cerâmicas na Avenida Contorno. Construí assim uma cartografia que, saindo da Galeria, levava à Estação da Calçada.

Foi determinado então um discurso sobre o efêmero e o eterno, no uso diferenciado de azulejos industriais e de lajotas cerâmicas.

As cerâmicas foram realizadas em uma olaria no povoado de Maragojipinho pelo ceramista Guilherme. Nesse processo, que durou cerca de 3 meses, confeccionei um carimbo metálico para a impressão, em baixo relevo, do desenho do besouro nas cerâmicas. Nos painéis de rua, o feitiço milenar da cerâmica representava o eterno. Foram assentados para ganhar uma maior permanência na cidade.

Os azulejos brancos, nos quais haviam sido

impressos em preto os desenhos de um escaravinho, foram pintados com tinta acrílica e impermeabilizados com resina transparente. Os murais, que com o tempo tendem a se apagar, representavam o efêmero.

Conceitualmente a ação buscava sinalizar questões trazidas pela ocupação midiática realizada na arte urbana. Houve certa discricção na colocação dos painéis no trecho da Cidade Baixa. E uma provocação de quanto dessa contaminação poderia ficar como um legado para a cidade e quanto acabaria sendo removida pela ação do tempo. Foi pensado também que diálogo de ocupação poderia ser estabelecido com grafites, pichações e murais pintados já existentes.

As pinturas dos dois tipos de ladrilhos foram realizadas em oficinas de artes, junto com um grupo de estudantes do Complexo Escolar Oscar Cordeiro, situada no trecho da ação urbana e que congregava alunos dessa área da cidade. Esse grupo era formado pelos jovens alunos artistas: Robeane Oliveira, Bruno Santos, Willians Oliveira e Israel Falcão, monitores das oficinas realizadas com pessoas da comunidade e colegas artistas convidados. O The Big Bem fez assim sua expansão pela cidade, ancorada na Baía de Todos os Santos.



Escaravelho em cerâmica
Maragojipinho - 2007

TRI BAHIA 100 anos depois

Para Dona Canô, Dona Zuzu e Vô Abade

Eu nunca me esqueci do ano em que meu avô nasceu. Talvez por isso, não esqueci as moças de Picasso, nem o avião de Santos Dumont. O bom foi ir vendo a performance de Dona Canô, nesses meus últimos trinta anos de baiano do interior morando na capital. Ainda bem que eu vim de lá do Sertão Produtivo sabendo da música dos seus filhos, mas a delícia foi ouvir *Das Partes* com seu neto.

Dona Canô, a mais famosa, é mãe de artistas talentosos. Os mais conhecidos, Bethânia e Caetano, deram inegável contribuição baiana para a formação de uma civilização brasileira. A missa de aniversário dos seus 100 anos foi linda, fiz belas fotos da viagem. Na trilha, o canto do neto Moreno Veloso, parecido em voz com o pai, mas com um acento temporal próprio. Em *Das Partes* ele canta: Insetos que cantam, riem e plantam pra comer. É a confirmação de besouros do bem, cientes de suas responsabilidades, o que dá uma mensagem ecológica linda.

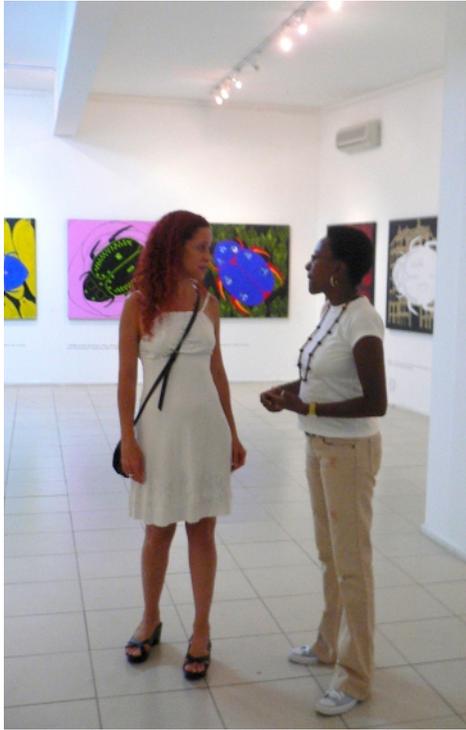
Contudo, o melhor do ano de 2007 foi conhecer Dona Zuzu e sua família, de elegância e graça. Segundo sua filha Maria Auxiliadora, Dona Zuzu era uma Yemanjá persistente e doce. Foi bordadeira de casas do Candomblé baiano e da Igreja da Piedade. Casou-se com Seu Raimundo

Barroso, jogador e diretor de um time de futebol chamado Dublin, na Bahia de 1920 e 1930. Dessa sólida união com um baobá, árvore resistente e frondosa, surgem seis filhos, quatorze netos e oito bisnetos.

Em 1932, a família compra a casa onde reside até hoje e onde funciona o restaurante “Aconchego da Zuzu”, de propriedade de seu segundo filho. A família tem intensa participação na cultura do bairro do Garcia e envolvimento nos mais amplos setores culturais, arte e educação da Cidade do Salvador. São para mim a própria confirmação da dignidade da afro descendência na Bahia. D. Zuzu faleceu em 2010, antes, me deu a honra de comparecer na abertura da exposição em 2007.

O meu avô, já falecido, é o menos conhecido do trio de homenageados pelos seus centenários, mas posso falar de um senhor de enorme doçura, um homem correto, um funcionário público honesto, um senhor apreciador de música, ervas e leituras místicas. Anotou-me a hora exata do nascimento para o mapa astral, leu a minha mão e me desejou sorte.

São esses três as minhas personalidades para a instalação **Tri-Bahia, 100 Anos Depois**.



03



03

Painéis urbanos com escaravelhos

1. Avenida Contorno
2. Ladeira Conceição da Praia
3. Trapiche Barnabé
4. Av Jequitáia - Trapiche Santa Luzia
5. Largo do Pilar
6. Água Brusca
7. Jequitáia
8. Estação Ferroviária da Calçada



Como contar uma história do tempo?

Pode-se contá-la tal como foi. Neste caso, o momento da explosão inicial e todos aqueles que o sucederam são considerados como concluídos e, justamente por isso, não podem ser modificados. Nessa versão da história do tempo, existe uma imagem verdadeira e eterna do passado. Trata-se de estabelecer uma permanente repetição do passado no presente, o que representa uma forma de continuidade. Essa repetição garante a manutenção de uma única versão dos fatos – a dos vencedores. Nessas circunstâncias, ao presente só resta receber o passado de uma forma passiva. O presente fica desprovido de uma capacidade de reflexão que permita uma retomada diferenciada do passado, capaz de dar voz ao enorme contingente de cadáveres e catástrofes que vão se amontoando pela história, que são mantidos em um silêncio profundo e eterno; o presente também fica impossibilitado de manifestar as vozes de felicidade que correm paralelas ao continuum autoritário da história.

Pode-se contá-la tal como será. Nesta versão, a explosão originária pode ser considerada como um ponto de partida para uma história futura. Considera-se que a história possui uma direção fixa, que conduz ao progresso da humanidade. Os eventos que acontecem entre o passado e o futuro somente possuem valor se reduzem a distância entre esses dois instantes. Esse tipo de compreensão da história desvaloriza as possibilidades de transformação do presente, induzindo ao conformismo e ao imobilismo.

Mas a história também pode ser contada de outro modo, que se contrapõe às duas maneiras anteriormente apresentadas. Se na primeira versão só

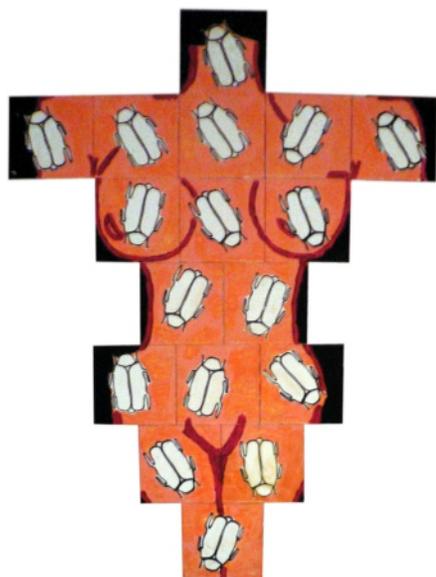
resta ao presente repetir exaustivamente uma determinada visão do passado, nesta outra cabe ao presente arrebentar com essa perspectiva única e estabelecer muitas outras versões. O presente passa a ser plenamente ativo e a determinar sua própria interpretação do passado. Se na segunda versão o presente é considerado como um tempo de transição, que serve apenas como articulação entre o passado e o futuro, neste outro modo de relatar, o presente também é plenamente potencializado. É neste momento que se abrem as infinitas possibilidades de transformação do passado e do futuro.

Depois da explosão do BIG BEM, a história passa a ser contada seguindo a última versão apresentada. Neste sentido, rompe-se com a repetição e abre-se a possibilidade da apropriação. Depois do estrondo inicial, ainda é possível ouvir muitas vozes que se manifestam simultaneamente, algumas de dor e outras de alegria. Todas com igual intensidade. Na versão do BIG BEM os acontecimentos desprendem-se da passagem morosa da história e soltam-se em um movimento vertiginoso, que potencializa o passado, o futuro e sobretudo o presente. A história deixa de ser concebida como eternidade passada ou futura e passa a ser compreendida dentro das potencialidades da sua efemeridade presente.

Texto baseado em considerações de Walter Benjamin e Lina Bo Bardi
Ana Carolina Bierrenbach – janeiro de 2008
Texto para exposição *The Big Bem – Uma história do tempo*.

Av. Contorno

Subida para o 2 de Julho e para a Ladeira dos Aflitos, primeira parada do trecho até a Calçada. Aqui a Mulher abria caminhos. No corpo de besouros, observada pela Serpente de escaravelhos e por olhos de esfinge de uma mulher gato. Dois pequenos painéis colocam questões sócio culturais: a branca e a negra, a mulher militante, a mulher lésbica, a mulher ninfomaníaca e outras questões, à margem da sociedade, que envolvem o sexo feminino. Painel de mulheres pintado por Alberto Heráclito, corpo de besouros pintado de Israel Falcão e olhos de esfinge pintado por Robeane Oliveira.

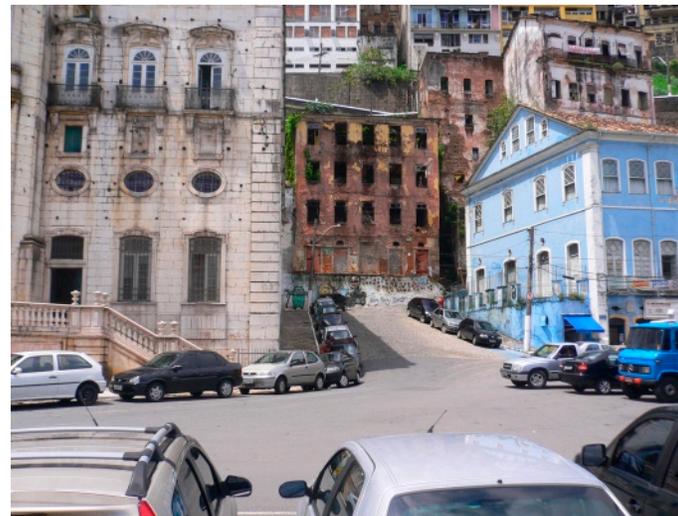


01



Ladeira de Conceição da Praia

Parede perpendicular à Igreja de mesmo nome. Já havia no lugar um velho grafite que foi restaurado para interagir com nossos ladrilhos. O muro fica embaixo de uma ruína que ameaçava desabar a poucos metros da centenária Igreja da Padroeira da Cidade. Cerâmicas de Maragojipinho pintadas por Robeane Oliveira, Bruno Costa, Israel Falcão, Willians Oliveira e por mim, em oficina na Escola estadual Landulfo Alves. Foram colocados para a festa do Nosso Senhor do Bonfim, já que do local parte o cortejo para a Igreja no Bonfim. A ladeira de Nossa Senhora da Conceição da Praia é famosa pelos artesões que trabalham com ferro, executando esculturas, gradis e outros objetos de serralharia. O local é também bastante frequentado por ocasião da Festa da Padroeira, no dia 8 de dezembro.



Trapiche Barnabé

Uma fachada que deixava aparecer os tijolos da parede e onde antigas janelas foram fechadas com simplórios blocos industriais. Em uma dessas aberturas foi assentado o painel. Para que a cerâmica aparecesse ao máximo, só os besouros foram pintados, permitindo um encontro natural entre a parede de tijolo e a cerâmica pintada. Esse painel foi produzido em oficina realizada no meu Atelier com Robeane, Bruno, Willians e Israel, a turma do coletivo Big Bem.

01



Av. Jequitáia

Esquina que dá acesso ao Pilar, trecho entre a Praça Marechal Deodoro (Praça da Mão) e a antiga Igreja do Pilar, onde foi o Trapiche Querino, e hoje é um magazine pintado de um vermelho vivo. Recebeu um painel feito na oficina Lumas, no Rio Vermelho, espaço misto de Loja e Atelier de Lúcia Moraes, onde se reuniram os amigos Cintia Rabelo e filhos, o ator Bertran Duarte, e os artistas visuais Carol Leite e Antônio Carlos Portela.



01

Largo do Pilar

Onde fica a antiga Igreja de Santa Luzia, protetora dos olhos. Nessa esquina da Av. Jequitáia, um galpão industrial fechado recebeu um conjunto de azulejos pintados no Atelier, pelo coletivo Big Bem e com participação do Artista visual Ayrson Heráclito, da atriz e performer Ivana Chastinet, e da artista visual Aline Costa, entre outros amigos. No local havia um grafite de aspecto punk, ao qual os ladrilhos foram incorporados, recebendo posteriormente efeitos em tinta spray vermelha e dourada para realçar a junção do nosso trabalho com o aspecto pré existente do local. Situado em uma área de enormes dificuldades sociais, esperávamos chamar atenção para as transformações necessárias para o trecho.

01



Água Brusca

Na praça do Mercado Municipal de frutos do mar. Nossa montagem no muro de um estacionamento motivou o proprietário a fazer uma reforma que recebeu a mesma cor que aplicamos no fundo do nosso assentamento. Chamamos essa montagem de No azul de Jezebel. Pintado pelos alunos da Escola Landufo Alves, que nos sediou no trecho urbano da ação de rua. Esse painel conta com a participação do bailarino Alemão Frank Handeller e de crianças da Rua Areal de Baixo no 2 de julho onde fica o Atelier Abadepimentel.

01

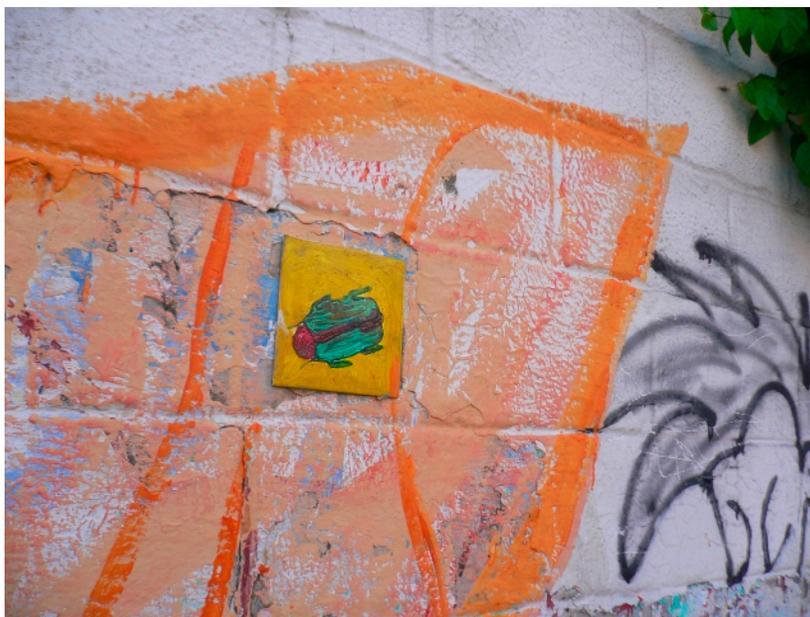
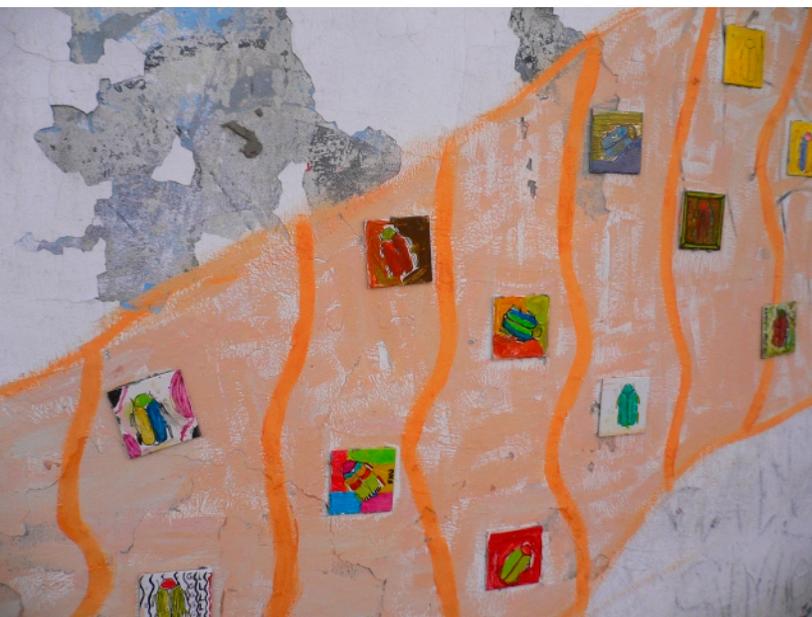


Antigo Espaço Jequitaia

Próximo ao Complexo Escolar Oscar Cordeiro, do qual faz parte a escola Landulfo Alves, na mediação da Feira de Água de Meninos. Aos escaravéis iniciais colocados no alto do muro, foram acrescentados outros 100 azulejos, pintados na Estação Calçada, dentro da serpente com olhos de Hórus. Conta com escaravelho pintado pelo músico Armandinho e com o do designer francês de robótica Jean-Marc Teodoresco.



01



Estação Ferroviária da Calçada

Aqui colocamos nossa Vídeo Instalação: um piso de grama natural, para uma estrutura circular suspensa por cabos de aço, fazendo um box onde era projetado o vídeo de todo o processo urbano. Em um *stand* fizemos oficinas e distribuimos material impresso sobre o projeto. Diariamente apareciam curiosos para saber que besouros eram aqueles. Falávamos então do nosso mapa tecno-psicodélico e sugeríamos que a pessoa pintasse um escaravelho para a serpente com olhos de Hórus.



01





01

Campo Grande

Esquina que abre para o Canela, corredor das Escolas de Artes Visuais, Teatro e Música da UFBA, também do Espaço de Convivência do CETAD, entidade que hospedou a Pesquisa Ação em Artes Visuais, patrocinada pelo Ministério da Cultura, durante a qual, no ano de 2006, criei a oficina de ação urbana com azulejos. Abril 2008, os escaravelhos feitos na virada de 2007 para 2008 pelo *Big Bem* entram na exposição a céu aberto em comemoração ao aniversário dos 459 de Salvador, refazendo o mapa que partiu da Galeria do Conselho de Cultura até a Calçada, docemente comunicando:

-Não, eu não sou mosquito,

-Não, eu não sou barata,

-Não, nem carrapato, eu sou Bizz Ouro que guarda a prosperidade e o conhecimento que já possuía a experiência humana na antiguidade.



Centenário de Anísio Teixeira

Anísio Teixeira nasceu em Caetité, cidade surgida onde era a Fazenda São Timóteo e que, no ano de 1724, passou a pertencer a Vila do Rio de Contas. Seu nome deriva do Tupi *caé* (mata) *ita* (pedra) *eté* (grande), referências à formação rochosa a leste da cidade, a pedra redonda. Em 5 de abril de 1810, torna-se vila e, em 1867, cidade. Hoje pertence ao território de identidade sócio cultural chamado Sertão Produtivo.

Nascido em uma família de liderança política e econômica, Anísio estudou em colégios jesuítas em Caetité e Salvador. Formou-se em direito em 1922 na faculdade do Rio de Janeiro. Com 24 anos, tornou-se o que é hoje um secretário de educação do estado da Bahia. Em 1925, viajou para a Europa. Em 1927 e 1928, foi para os Estados Unidos, onde realizou sua pós graduação. Criou a Universidade do Distrito Federal (R.J.) em 1935. Foi conselheiro da UNESCO. Concebeu a Escola Parque na Bahia. Nos anos 50, dirigiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Formulou e foi o primeiro dirigente da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (atual CAPES). Esteve entre os idealizadores da Universidade de Brasília e foi seu Reitor, em 1963, para ser afastado pelo golpe militar de 1964.

Morreu em circunstância misteriosa, pois seu corpo foi encontrado, sem traumatismo, em um poço de elevador

de um edifício no Rio de Janeiro. Há fortes indícios de crime político, cometido pela ditadura militar. Em 2019, a EDUFBA publicou o livro *Breve História da Vida e Morte de Anísio Teixeira – Desmontada a Farsa da Queda no Fosso do Elevador*, de João Augusto de Lima Rocha. Lá, o autor, um dos maiores conhecedores da vida e obra de Anísio, comprova seu assassinato. O livro mereceu elogios e prêmios nacionais. Foi um estímulo lê-lo, enquanto finalizava esta fala, sobre o educador que possibilitou que minha mãe se tornasse professora, estudando nas cidades de Livramento e Caetité.

Outra forte emoção literária sobre Anísio Teixeira, foi ler, durante o 2020 na pandemia da nova covid, a *Coleção Arquitetura Moderna na Bahia [1947-1951]* de Nivaldo Vieira de Andrade Junior, também editada pela EDUFBA em 2019, com cinco volumes, lindamente documentados em imagens com desenhos e fotografias belíssimas. A coleção é o desdobramento de uma tese de doutorado. Ajudou-me muito a compreender melhor a contribuição de Anísio para os tempos modernos, o pensamento associado à construção do espaço na produção da arquitetura, que abriga as atividades dos corpos e seus deslocamentos no espaço e tempo modernos. Ao pensar os espaços para a saúde e a educação, ao construir hospitais e escolas, Anísio implementa o moderno na Bahia. Mas vai mais longe, pensa a educação e a cultura e,

nelas, a arte. Planeja edifícios e eventos, para fomentar ações criativas de caráter artístico.

Nasci em uma cidade que fica a cerca de 50 Km de Caetité. Guanambi é o seu nome, que em Tupi guarani quer dizer beija-flor. Entre os anos de 1998 e 1999, regressei à minha cidade natal e, lá, pintei uma série chamada *O Leite das Pedras e os Oito Olhos da Aranha*. Abstrações que tentavam captar o clima da Serra Geral, onde ficam essas cidades, quando o mundo virtual começava a alcançar regiões até então culturalmente áridas, devido à sua grande distância dos grandes centros urbanos.

Em 2000, ano de centenário do mais ilustre cidadão do território por minha produção interpretada, essas pinturas possibilitaram a ocupação de um casarão que se tornaria um centro de cultura em bairro central de Salvador: O Mercado Cultural Santo Expedito. Durante essa ocupação do casarão, que durou cerca de 8 meses, foram realizados vários saraus, exposições, encontros musicais, performances e festas temáticas. Por ele passaram diversos então iniciantes, que se tornariam nos anos seguintes, grandes artistas contemporâneos.

Não havia ainda meu projeto de centenários, mais tarde ficou claro para mim o enredo que entrelaçava as ações na região do Anísio Teixeira com minhas demandas de buscar entender o papel da memória, na minha percepção da cultura nacional.

Caetité. Casa de Anísio Teixeira
Ensaio fotográfico em 2010



01

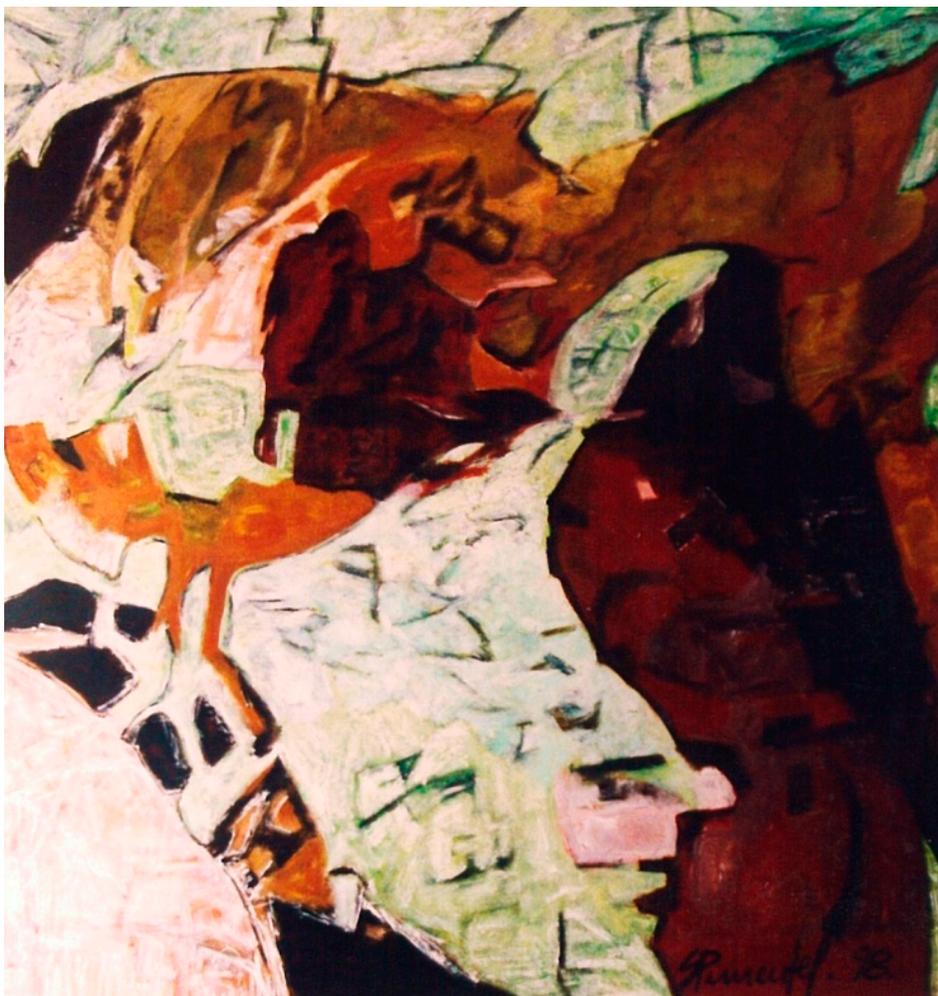




Caetité
Ensaio fotográfico em 2010



01



Vazio Preenchido
Acrílico sobre tela, 180x200 cm. 1998



01

Perfume em Flor
Acrílico sobre tela, 180x200 cm. 1998

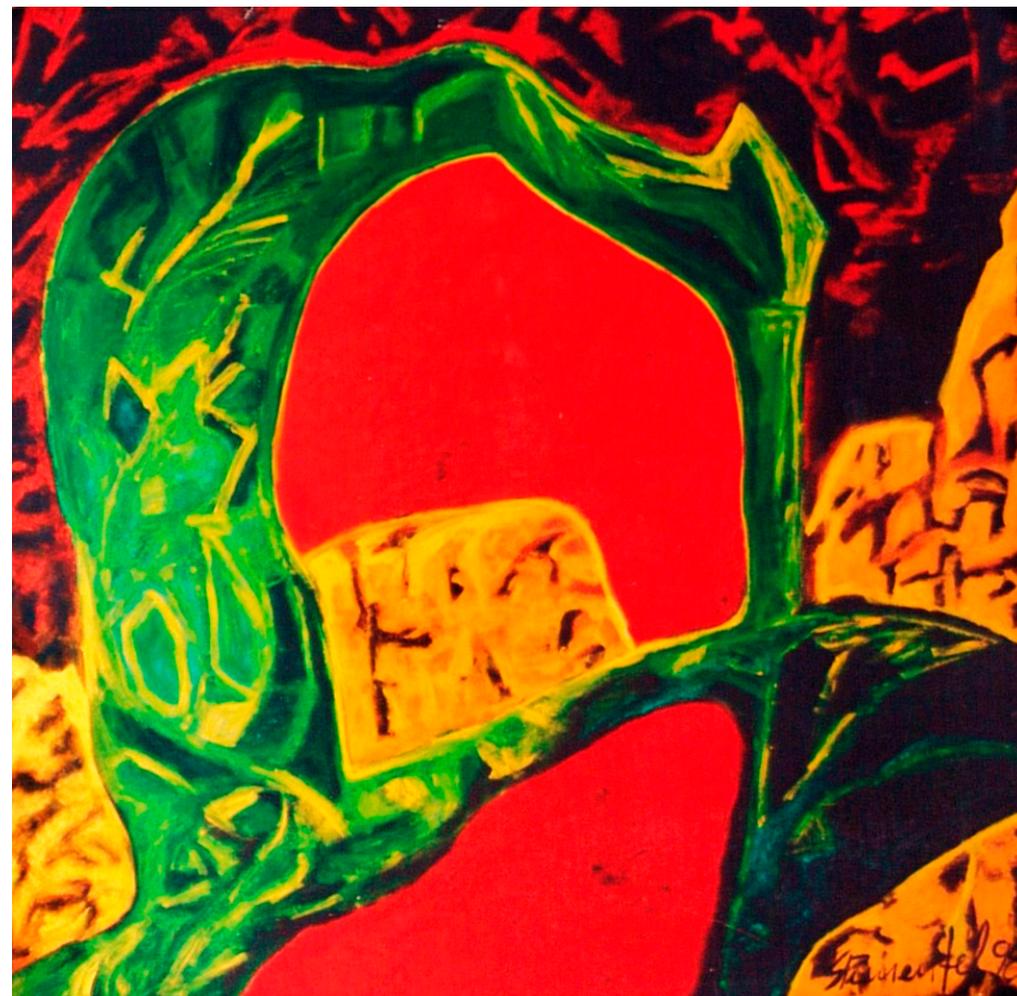


01

Palmas de Monte Alto
Ensaio fotográfico em 2010



Caatinga beat
Acrílico sobre tela, 180x200 cm. 1998



01

Arco
Acrílico sobre tela, 180x200 cm. 1998



Guanambi
Ensaio fotográfico em 2010
Fotos: Acervo pessoal



Os oito olhos da aranha
Acrílico sobre tela, 50x40 cm. 1999



01

O leite das pedras
Acrílico sobre tela, 170x170 cm. 1999

O Armazém Cultural Santo Expedito

A ocupação do casarão na Rua Carlos Gomes, nº 897, começou com um Bazar, em que amigos deveriam se desfazer de pertences e transformá-los em moeda de troca ou venda. A ideia foi concebida pela letrista Alba Tinoco e produzida por mim, em uma casa que fora alugada durante um tratamento médico de minha avó na capital baiana. Após seu regresso ao interior, fiquei com a incumbência de pagar o aluguel. Foi quando surgiu, através da ação generosa de amigos, o ateliê aberto como espaço cultural.

Em seguida, visto que a casa se inseria no circuito de carnaval, realizei *O Grito*, um baile carnavalizando o expressionismo de Munch. Começou na quinta de abertura do carnaval e continuou durante os oito meses seguintes. Toda essa animação agregou novos parceiros, como o sebo de Edu Panpani e o bar de Muriel Pititinga.



MÚSICA PRÁ PULAR BRASILEIRA

dancing nacional do samba ao techno

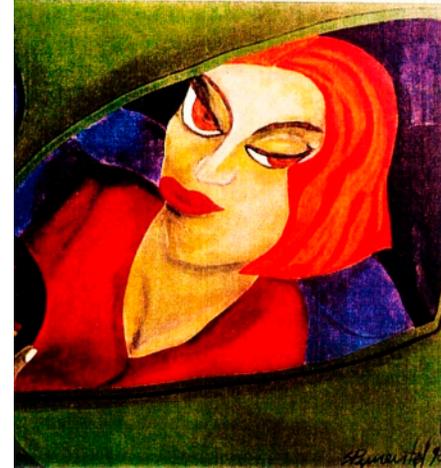
todos os sábados do mês de julho
a partir das 22 hs.

consumação mínima: R\$ 3,00

Armazém stº Expedito
rua Carlos Gomes, 897 - 3294531



LANÇAMENTO DA QUINTA SANTA
ARMAZÉM CULTURAL STº EXPEDITO



FESTA-SORTEIOS

- 1º lugar: "FLERTE" Sandro Pimentel
acrílico s/ tela (1,00X1,00)
- 2º lugar: 1 CD da "LP" (Edu Pampani)
- 3º lugar: Camiseta com desenho Gey Correia
(bar Muriel Pititinga)

ingresso: R\$ 5,00 (concorrendo aos sorteios)

Menu: Bobó de Camarão de Val Santos

QUINTA • 30/11 • 21 HORAS RUA CARLOS GOMES 897, F. 329-4531



Armazém Cultural
Sto EXPEDITO
Quinta Santa
30/11 a partir das 21 hs

PROGRAMA

mantras de abertura:
FAO
MIRANDA
salmo 69
leitura performática:
AYRSON
HERÁCLITO

vídeo:
"Inferno de Narciso"
DANILLO
BARATA
pinturas:
SANDRO
PIMENTEL

menu:
bobó de camarão
VAL
SANTOS
bar:
MURIEL
PITITINGA

música:
EDU
PAMPANI
e dj:
MARCIO
BASTOS

sorteios:
1 tela de Sandro Pimentel
1 CD da Long Play
1 camiseta de Gei Correia

Convites (nº limitado!):
R\$ 5,00

(concorre aos sorteios)

Rua Carlos Gomes 897
fone 329 4531

2001

Centenário de Cecília Meireles

«Nasci aqui mesmo no Rio de Janeiro, três meses depois da morte de meu pai, e perdi minha mãe antes dos três anos. Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratemplos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a Morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno.

[...] em toda a minha vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou o sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade.

[...] Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área de minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas o jogo do seu olhar. Mais tarde foi nessa área que os livros se abriram, e deixaram sair suas realidades e sonhos, em combinação tão harmoniosa que até hoje não compreendo como se possa estabelecer uma separação entre esses dois tempos de vida, unidos como os fios de um pano.» [1]

Cecília Meireles

Morena, pena de amor (1939)

19
Por todos os lados,
o mar me rodeia;
me deixa recados
escritos na areia.

Das águas sou filha:
nasci de um beijo de espuma
em redor de alguma
silenciosa ilha.

Maravilha, maravilha
da espuma em pedra serena:
a água nos meus olhos brilha,
da pedra é que sou morena.

Cecília Meireles [1]

«O verso equipara-se às braçadas no oceano. Trata-se de um processo respiratório, de controle do ar. Mergulhar na sensação e subir à tona para respirar. Uma conclusão afetiva do fundo sucedida por uma observação prática da superfície. Subir com os olhos para prever o ponto em que se nadou e novamente mexer os braços em direção ao fundo. Inspirar, respirar. Aliás, o mar é a musa de Cecília. Não existiu igual pescadora das redes das rezas, ouvindo as ondas como uma televisão do invisível. Reconhecendo no mar uma fronteira entre deus e os homens, entre o adeus e a volta, entre o pecado e a remissão, entre o pressentimento e o aviso, entre o perigo e a salvação. Ela mesma afirma: tudo é mar. Ela mesma confessa: Água é o meu próprio corpo, / simplesmente mais denso. [...]» [2]

Cecília Meireles faleceu no Rio de Janeiro em 9 de novembro de 1964.

1 - http://www.releituras.com/cmeireles_bio_imp.asp

2 - *Tudo é mar – e mais nada* de Fabrício Carpinejar. *Cecília de Bolso – Uma antologia poética*. L&PM POCKET. 2010

Água 100+

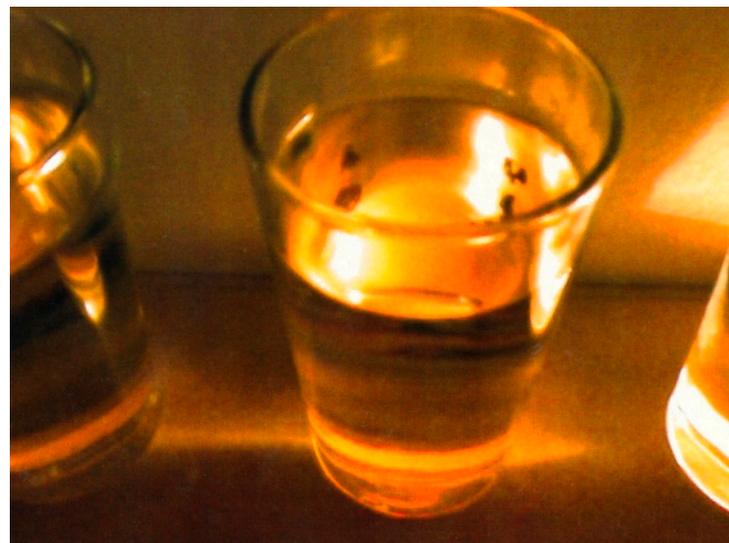
Instalação realizada com Lilian Canário e Rosa Ribeiro.

Elementos: copos, água do mar da Bahia, caixa de luz, fotografias em transparência e em projeção.

Ação: recolhimento de 100 copos de água, em 100 pontos da orla de Salvador. A experiência realizada em 2001 recebeu uma montagem efêmera de uma noite na Galeria do ACBEU. Tinha como objetivo criar uma iluminação com águas para o século 21, daí seu título.

Foi realizada através de curadoria para montagens efêmeras de Stella Carrozzo.

04



Cartogramas de Salvador

Com o fim das atividades do Armazém Santo Expedito, o passo seguinte foi a criação de um atelier na Vila Brandão, uma invasão de 50 anos na Vitória, região do metro quadrado mais caro de Salvador. Quando lá estive, vivi um período de intensa movimentação daquela comunidade e de outros artistas que ali residiam.

Do atelier da Vila Brandão saíram a Carta-instalação sobre a Feira de São Joaquim, montagem realizada no Rádio Bazar, no Espaço Jequitáia, uma fábrica abandonada na Cidade Baixa, e as exposições simultâneas: *Cartogramas* e *Água 100 +*.

Os Cartogramas de trechos da malha urbana de Salvador foram expostos na Saladearte do Clube Baiano de Tênis. A vídeo instalação *Água 100 +*, experiência psicogeográfica com águas marítimas de Alagados a Pedra do Sal, teve montagem relâmpago na Galeria do ACBEU, na mesma noite de abertura dos Cartogramas. As exposições propunham uma movimentação urbana no trecho onde se localizavam as galerias, com as duas mostras simultâneas.

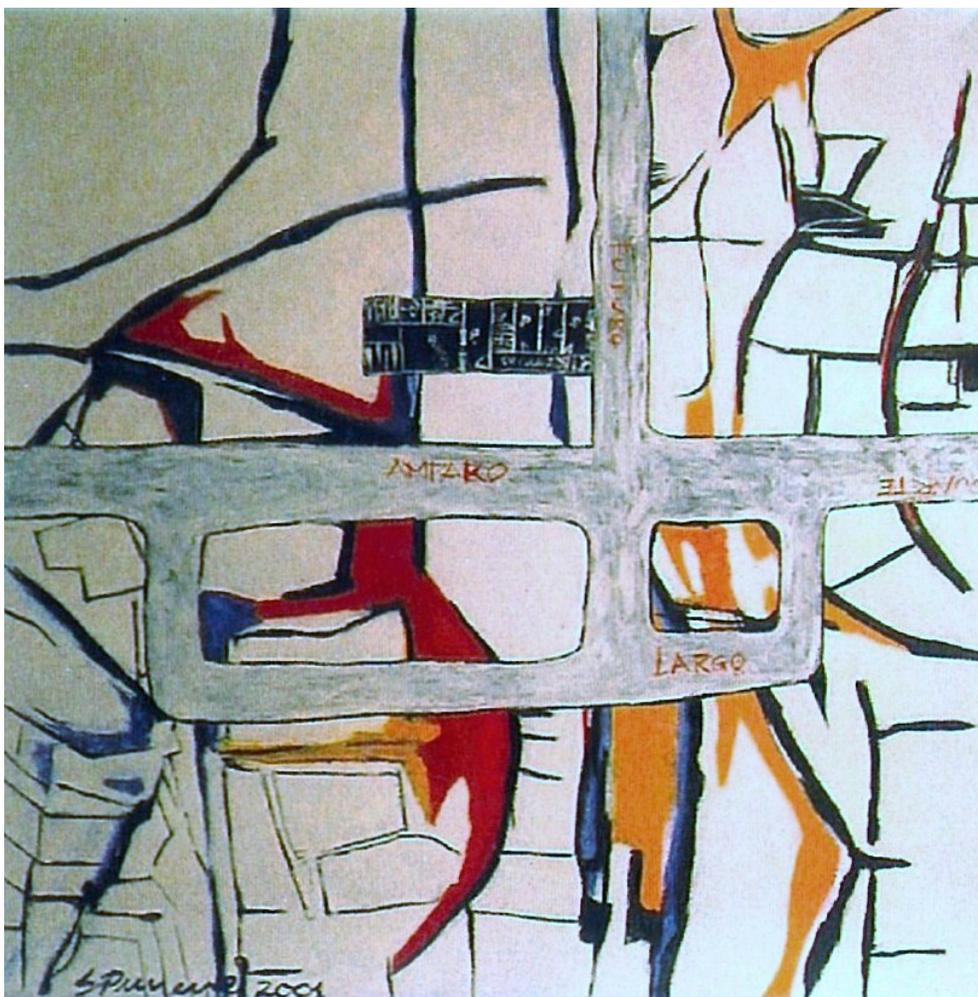


05

Feira de São Joaquim

Instalação 2001. Curadoria Danilo Barata.





01

Cartograma do Tororó
 Acrílico sobre tela, 80x80 cm. 2001

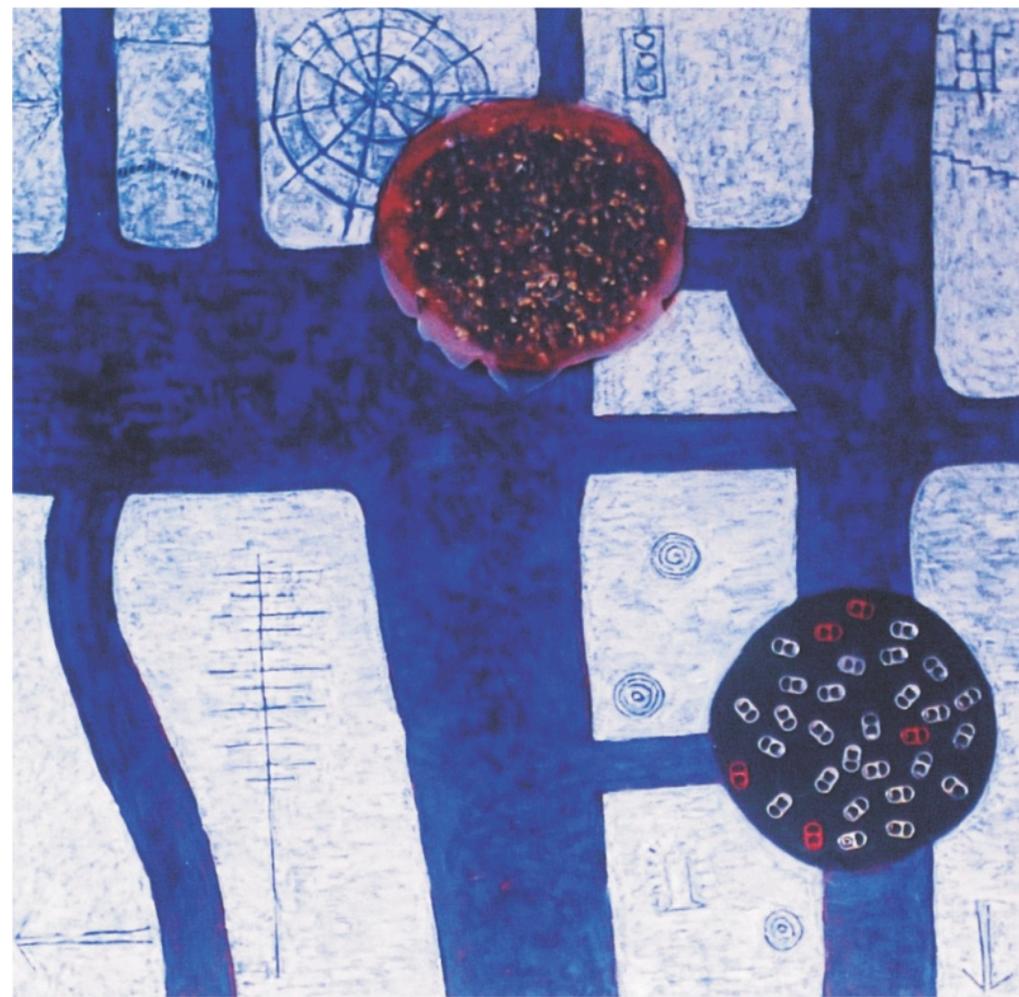


02

Cartograma da Vila Brandão
 Acrílico sobre tela, 80x80 cm. 2001

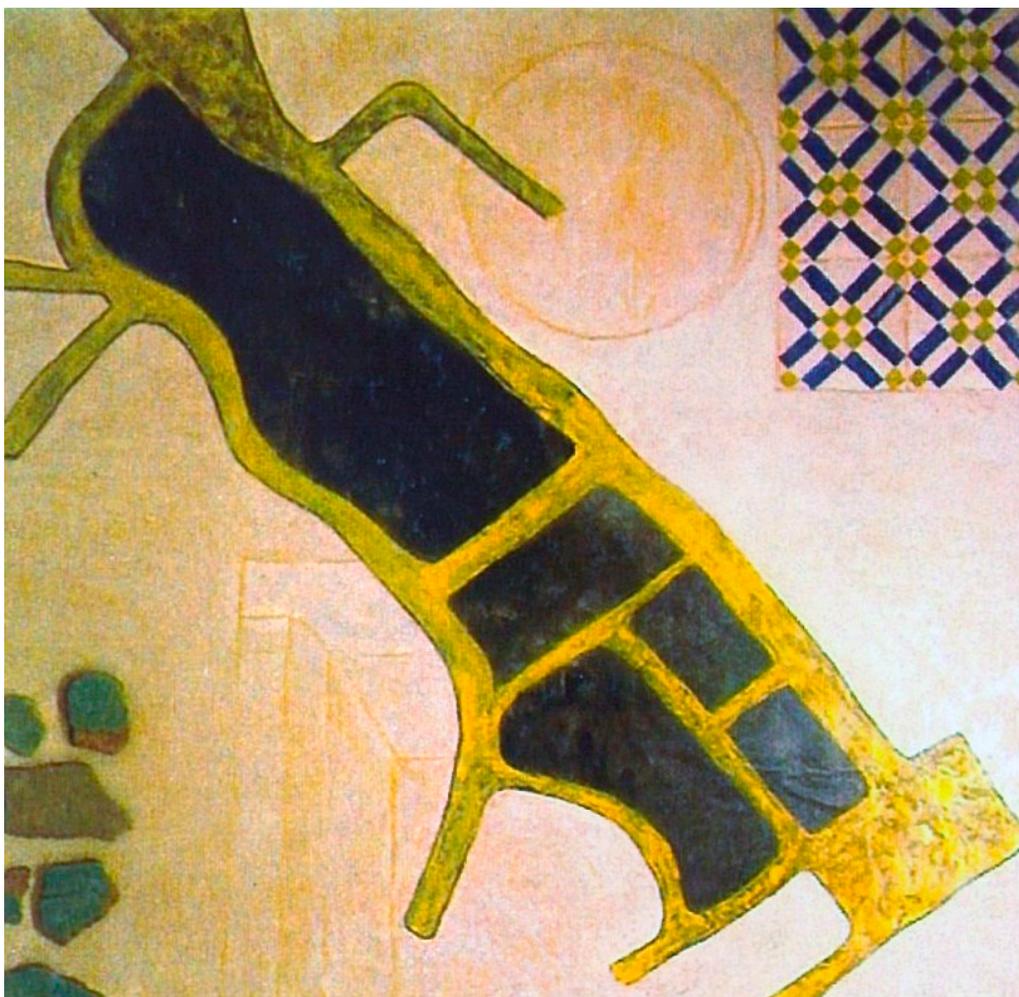


Cartograma do Jardim Baiano com vista do Dique do Tororó
Acrílico sobre tela, 80x80 cm. 2001

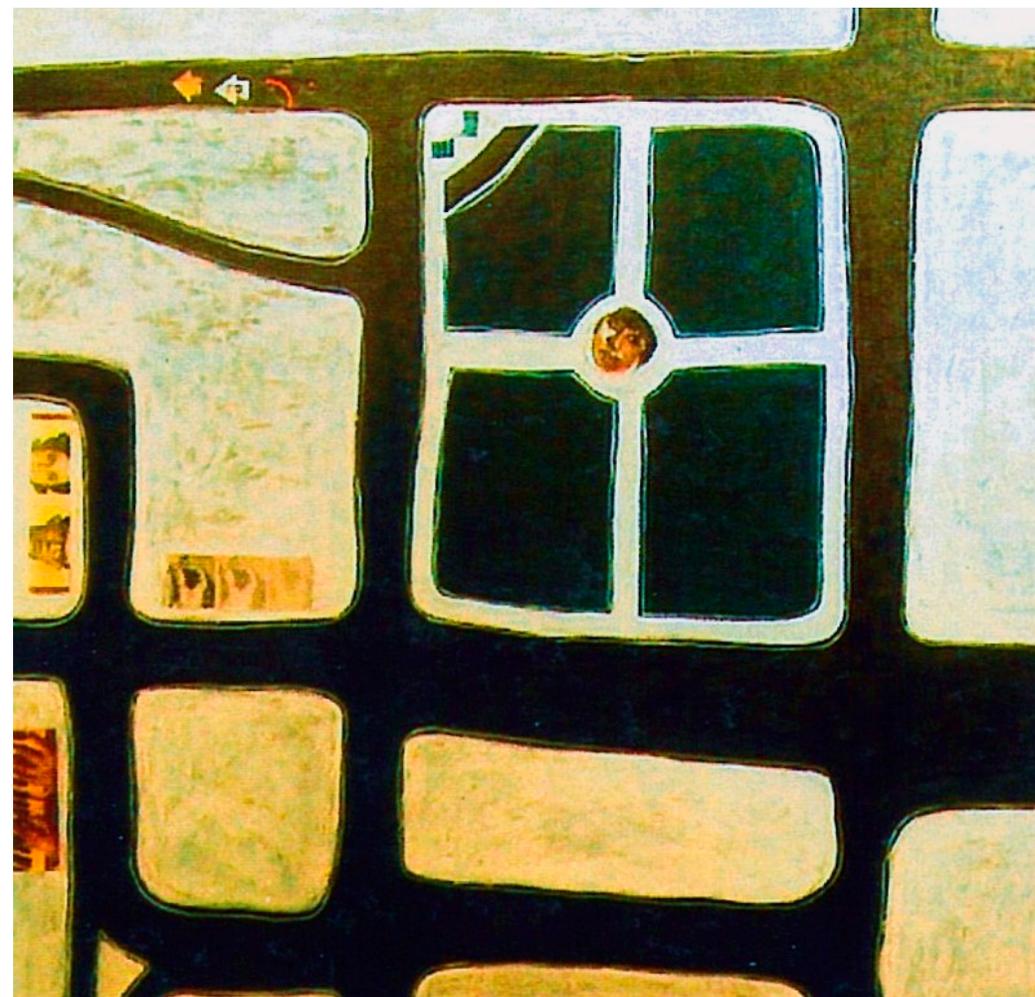


01

Cartograma do Dois de Julho
Acrílico sobre tela, 80x80 cm. 2001



Cartograma do Santo Antônio
Acrílico sobre tela, 80x80 cm. 2001

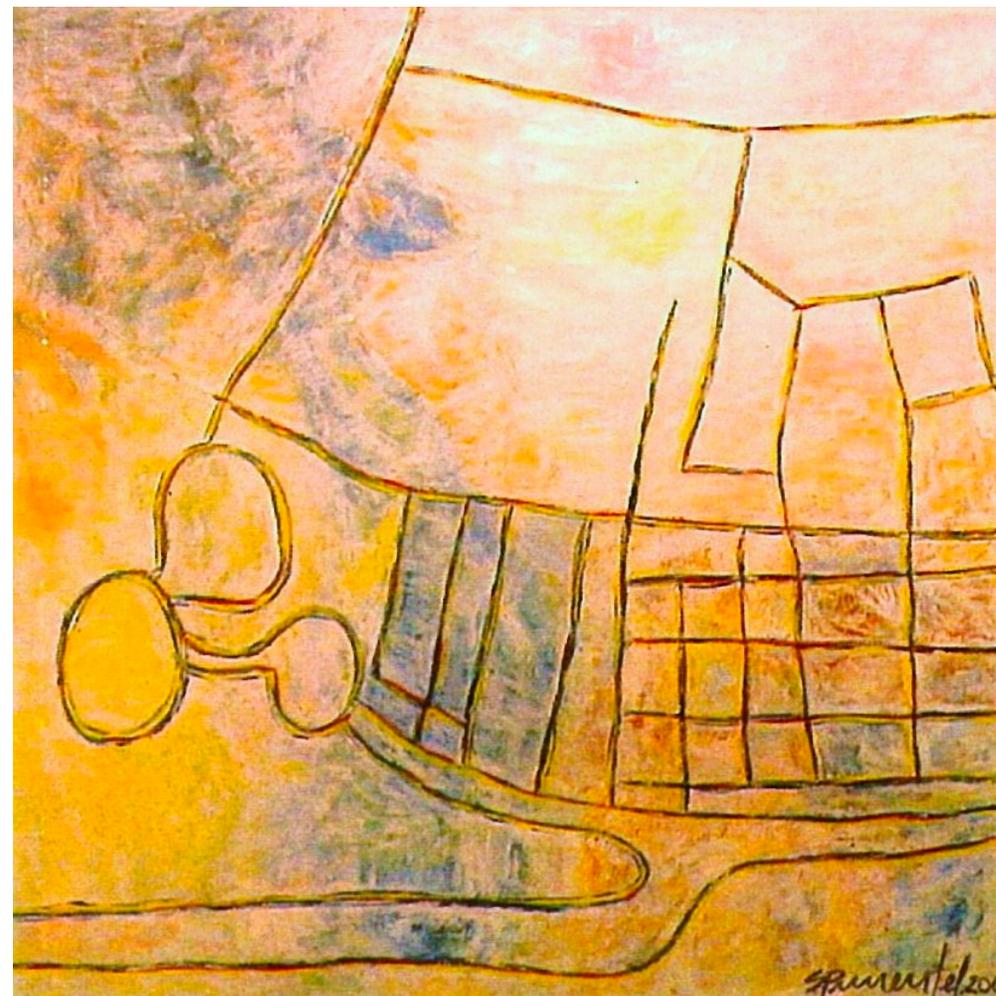


01

Cartograma do Campo Grande
Acrílico sobre tela, 80x80 cm. 2001



Cartograma de Itapuã
Acrílico sobre tela, 80x80 cm. 2001



01

Cartograma da Boca do Rio
Acrílico sobre tela, 80x80 cm. 2001



01

Cartograma do Rio Vermelho
Acrílico sobre tela, Díptico 80x80 cm. 2001

Cartograma do Comércio
Acrílico sobre tela, 100x100 cm. 2001

02



2002

Centenário de Carlos Drummond de Andrade

«O modernismo não chega a ser dominante nem mesmo nos primeiros livros de Drummond, *Alguma Poesia* (1930) e *Brejo das Almas* (1934), em que o poema-piada e a descontração sintática pareceriam revelar o contrário. A dominante é a individualidade do autor, poeta da ordem e da consolidação, ainda que sempre, e fecundamente, contraditórias. Torturado pelo passado, assombrado com o futuro, ele se detém num presente dilacerado por este e por aquele, testemunha lúcida de si mesmo e do transcurso dos homens, de um ponto de vista melancólico e cético. Mas, enquanto ironiza os costumes e a sociedade, asperamente satírico em seu amargor e desencanto, entrega-se com empenho e requinte construtivo à comunicação estética desse modo de ser e estar.

Vem daí o rigor, que beira a obsessão. O poeta trabalha sobretudo com o tempo, em sua cintilação cotidiana e subjetiva, no que destila do corrosivo. Em *Sentimento do Mundo* (1940), em *José* (1942) e sobretudo em *A rosa do Povo* (1945), Drummond lançou-se ao encontro da história contemporânea e da experiência coletiva, participando, solidarizando-se social e politicamente, descobrindo na luta a explicitação de sua mais íntima apreensão para com a vida como um todo. A surpreendente sucessão de obras-primas, nesses livros, indica a plena maturidade do poeta, mantida sempre.» [1]

Alvo de admiração irrestrita, Carlos Drummond de Andrade morreu no Rio de Janeiro, no dia 17 de agosto de 1987, poucos dias após a morte de sua filha única, a cronista Maria Julieta Drummond de Andrade.

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao amanhecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade |2|

1 - http://www.releituras.com/drummond_bio_imp.asp

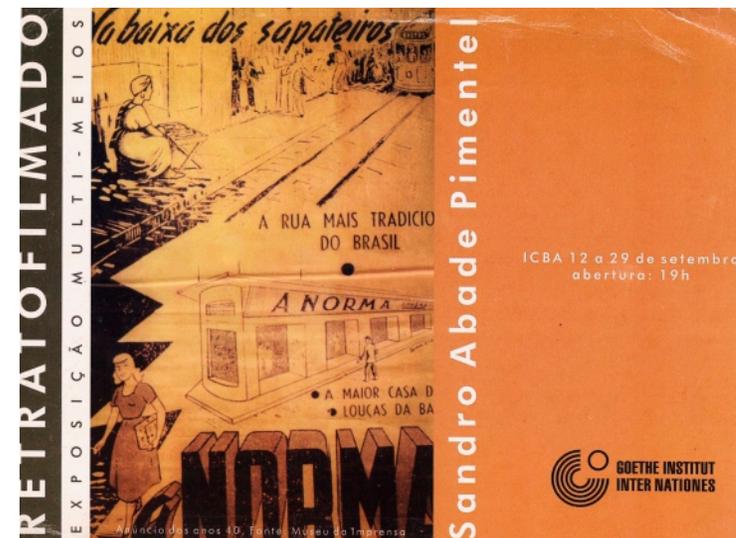
2 - http://www.pensador.info/autor/carlos_drummond_andardade/4/

2002

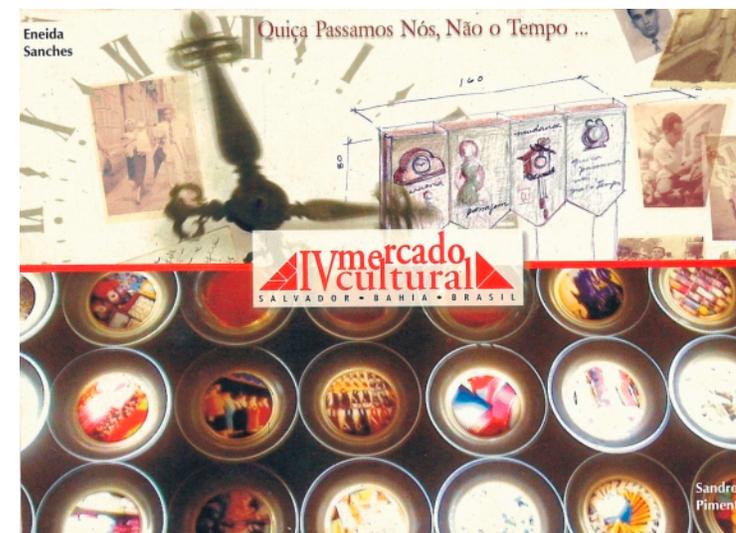
Na Baixa dos Sapateiros

A Baixa dos Sapateiros foi escolhida como território de mapeamento do projeto intitulado *Tramas Mundi – mapeamento urbano com técnicas de arte contemporânea*, que vinha desenvolvendo desde 2000 em Salvador. Cheguei a esta artéria depois das águas da costa marítima, em um mapa de pontos ligando Alagados à Pedra do Sal. As *águas mapeadas* abriram em exposições simultâneas (Acbeu e Saladearte) com 12 cartogramas da malha urbana, confeccionados em derivas por estas áreas. Quando pesquisava estes trechos, percebi que a Baixa dos Sapateiros reunia elementos para uma pesquisa mais detalhada.

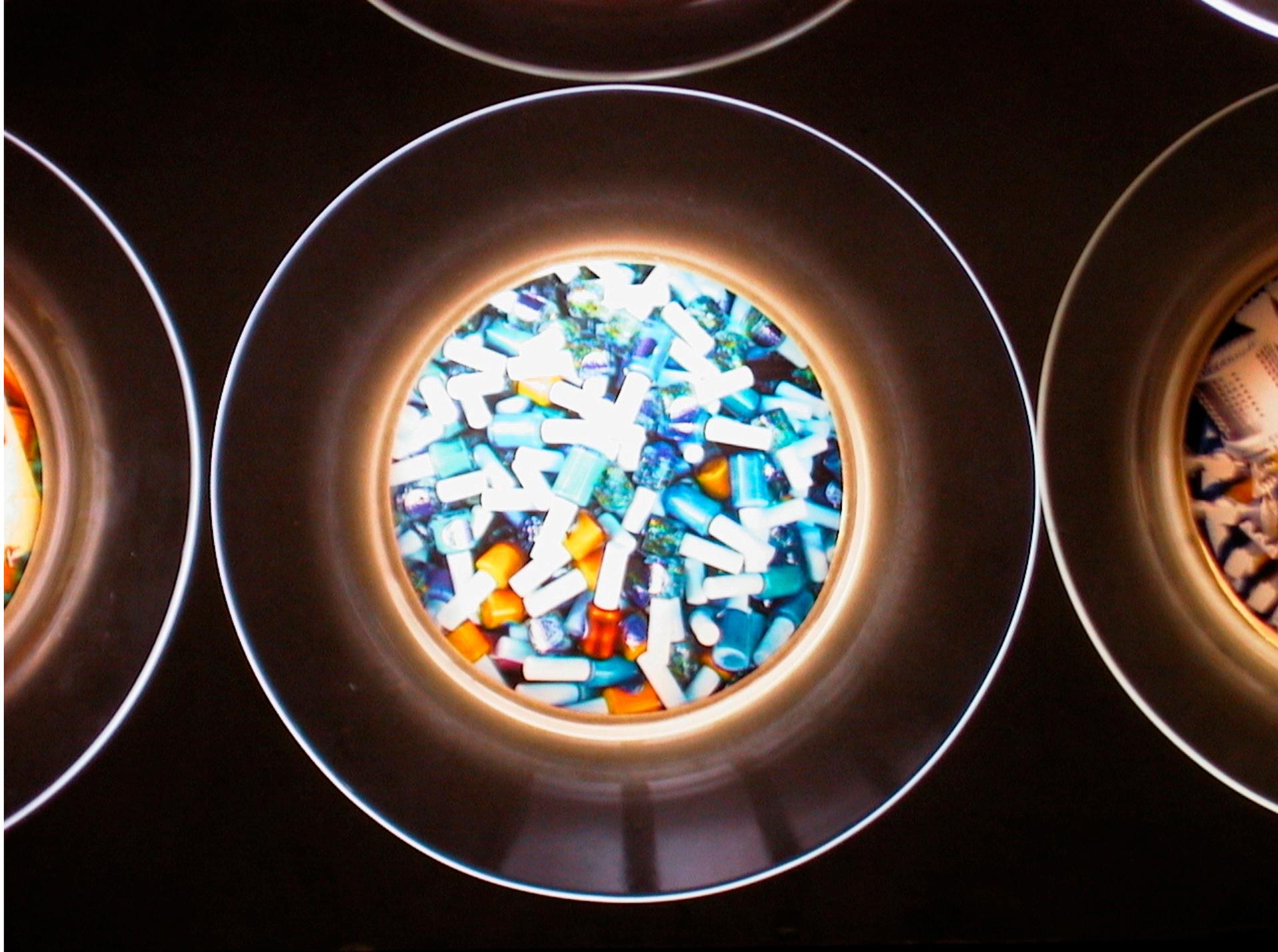
Em 2002, propus ao ICBA uma montagem de *Retrato Filmado na Baixa dos Sapateiros*. O projeto foi aceito e integrou as comemorações dos 40 anos do Instituto. Esta primeira etapa teve o cinema como inspiração formal, enfocando a história social e urbana através de iconografias referentes à arquitetura, comércio e cultura artística. Esse projeto veio a integrar o IV Mercado Cultural, recebendo uma montagem posterior na Galeria da Casa de Angola na Bahia, acrescido de um caruru parafinado, oferta estética para as festas de 4 de dezembro da Baixa dos Sapateiros.



Curadoria de Peter Anders



Curadoria de Rosa Lima



Tabuleiro - instalação
Detalhe. 2002

Por falar em salto alto

Alberto Heráclito
Poeta e Historiador

04



Em 1854, o viajante inglês James Wetherell fez questão de descrever em seu diário de viagem à Bahia, os trajes de um grupo de negras baianas, num dia de festa. Encantado com a cena pitoresca, não se esqueceu dos detalhes e do colorido das rendas e babados, bem como da profusão de colares, pulseiras e anéis, “todos em ouro e coral.” Mas um detalhe deslumbrou o olhar do inglês: os pés dessas mulheres. E espantado escreveu: “sem meias, são enfiados em pequenos sapatos que cobrem a ponta dos dedos e os saltos, muito altos e pequenos, não alcançam o calcanhar (Wethrell, Apontamentos da Bahia, p. 203).

O olhar estrangeiro de Wetherell, não conseguia ler os significados da riqueza do vestuário, muito menos de um calçado que não cumpria a sua função original: o de proteger e dar conforto exterior aos pés. Aliás, Wetherell não compreendia nada da inserção social dessas mulheres no contexto da cidade. Em primeiro lugar, tratava-se de escravas libertas, que com muito esforço e das mais variadas maneiras tiveram a possibilidade de comprar ou mesmo ganhar a própria liberdade. Muitas delas eram trabalhadoras de ganho nas ruas, ocupação que permitiam-nas comprarem a sua alforria. É que a Bahia do século 19 criou uma rede complexa de relações entre senhor e escravo. As mulheres escravas, como eram hábeis negociantes, volta e meia conseguiam contratar-se como escrava de ganho. O próprio Wetherell explica a lógica desse contrato: “o dono obriga o escravo a pagar a quantia de, digamos, um xelim por dia, e tudo o que o escravo ganhar a mais dessa soma – e isso ocorre frequentemente - fica sendo de sua propriedade.” (Idem, p.240).

Devido ao caráter excessivamente espetacular da Bahia oitocentista, a exibição pública de todos os emblemas de distinção e prestígio que uma pessoa pudesse ostentar era a

regra de ouro. É nessa lógica que devemos ler a suntuosidade visual das negras. O que Wetherell não sabia é que nos seus pequenos calçados elas exibiam o seu maior bem: a condição de liberdade. Deixem-me explicar: pela legislação escravista brasileira, era terminantemente proibido aos negros o uso dos sapatos, como forma de reconhecimento público da sua condição de cativos. Assim, logo que adquiram a alforria, queriam mostrar a todo custo esse objeto tabu: o sapato.

Eu me proponho a pensar por que o primeiro grande comércio especialmente dedicado aos pobres nomeou-se Baixa dos Sapateiros. Certamente que nessa área da cidade comercializava-se objetos além de sapatos. Todavia, ali também se reunia um bom número de sapateiros, de cujas mãos saíam o primeiro emblema de liberdade consumido pelo negro. Pensada, neste texto, enquanto metáfora da liberdade negra, o surgimento da Baixa dos Sapateiros (mais ou menos na mesma época das observações de James Wetherell) coincide com o aumento significativo das alforrias na Bahia. São esses negros, egressos da escravidão, quem vão aquecer o grande comércio popular da Baixa dos Sapateiros. Com certeza, o sapato faria parte do item de primeira necessidade a ser adquirido, nessa tão ansiada nova etapa da vida, mesmo levando em conta o parco poder de consumo dos mesmos.

A Baixa dos Sapateiros, portanto, para além da sua história, nos fala, de uma forma quase sagrada, da luta pela conquista da humanidade negra. Da possibilidade de revirar o jogo, mostrar o seu blefe e por dentro dele rever o mundo e reconstitui-lo. Nessa metáfora que acabo de inventar, o sapato e a sua Baixa constituem, respectivamente, símbolo e território dessa proeza da liberdade. E os pequenos e altos sapatos das baianas ainda intrigam (e sapateiam) (n) o olhar estrangeiro.



Tabuleiro - instalação

Elementos: Mesas de luz; Pratos de vidro transparente; Fotografias em transparência. 2002.

Negras, mulatas e melindrosas

Raimundo Fonseca
Historiador

- *Que esta fazendo Maria?*
- *Vou ao cinema patroa. Estou deitando pó!* [1]

[...] hoje com o advento das melindrosas, as negras estão importantes e cheias [...], e as mulatinhas muito peor, porque entre a cosinha dos outros e a meia de sêda de 2\$500 no mercado modelo, pó de arroz “Meu coração”, vestido de voile de 4\$000 o corte na Baixa dos Sapateiros, ir ao cinema “Olympia”, e depois fazer o “footing” no Saldanha, tomar um chopp com o cabo da guarda [...], a diferença é muito grande.

[...] Foi no bonde da Graça. Carro cheio. Pára na Praça Rio Branco. Embora com a lotação completa, embarafustou pelo vehiculo uma pretinha de saias acima dos joelhos, com ligas de côr verdes de duas polegadas de largura. E com a maior semcerimonia sacou de uma bolsa de papelão, fingindo couro marron, um espelhinho e se pôz a concertar as pastadas de pó de arroz, que só permitem ver os buracos dos olhos.

Em tempos de cinematógrafos, as negras e mulatinhas baianas não só calçavam os pés na Baixa, mas buscavam também nas suas salas de exibição, referências que as deixassem mais importantes e cheias. Agora, além do jeito

lansã ou Oxum de ser, elas tinham como modelos Theda Bara, Virgínia Person, dentre outras Vamps e melindrosas que começaram a desfilarem nas telas da Baixa, a partir de 1910, com a inauguração do cinema Jandaia. Mas o Olympia inaugurado em outubro de 1915 transformou-se no cinema mais popular da antiga Rua da Vala: [...] neste popular cinema que muito se tem imposto às sympathias do povo [...]; só não vai ao Olympia quem mesmo não quer passar algumas horas distraído. [2]

A avenida J.J. Seabra, contudo, vai ter seus momentos de glória e glamour, quando da reinauguração do Cine-Theatro Jandaia, em julho de 1931, firmando-se como um dos pontos mais chics da Velha Cidade da Bahia; local preferido de astros e estrelas da scena muda, da scena falada e cantada. Em julho de 1938 apresentou-se no palco do Palácio das Maravilhas, o rouxinol brasileiro, Bidu Saião, que deixou marcado no imaginário popular sua passagem pelos palcos da cidade:

Bidu Saião foi presa!
Por que? Perguntavam assustados.
Levantou o saião e mostrou o bidu. [3]

O cancionero popular também fez registro do cinema da Baixa:

Cantei também no Jandaia
E fui ao Bomfim.
Fui a Conceição da Praia
Fiz uma prece pra mim. [4]

Uma rua reflete os diversos momentos de uma cidade. Portanto, não podemos imaginá-la como uma realidade estática. A história urbana é responsável pelas funções e

alterações que cada artéria é chamada a desempenhar. Por isso, com o processo de degradação do antigo centro de comércio e lazer de Salvador, a Baixa dos Sapateiros sofrerá os reflexos dessa degradação e os seus cinemas começarão a fazer parte do roteiro dos 'cines-poeira', freqüentados por um público em busca de cenas torrentes de sexo não só na tela mas, em especial, nas poltronas e banheiros. Contudo no novo milênio até esse público tem se afastado dos antigos cinematógrafos ali instalados, restando em funcionamento apenas um o cine tupy, que concentra em seu interior todo esse público em busca de prazeres eróticos.



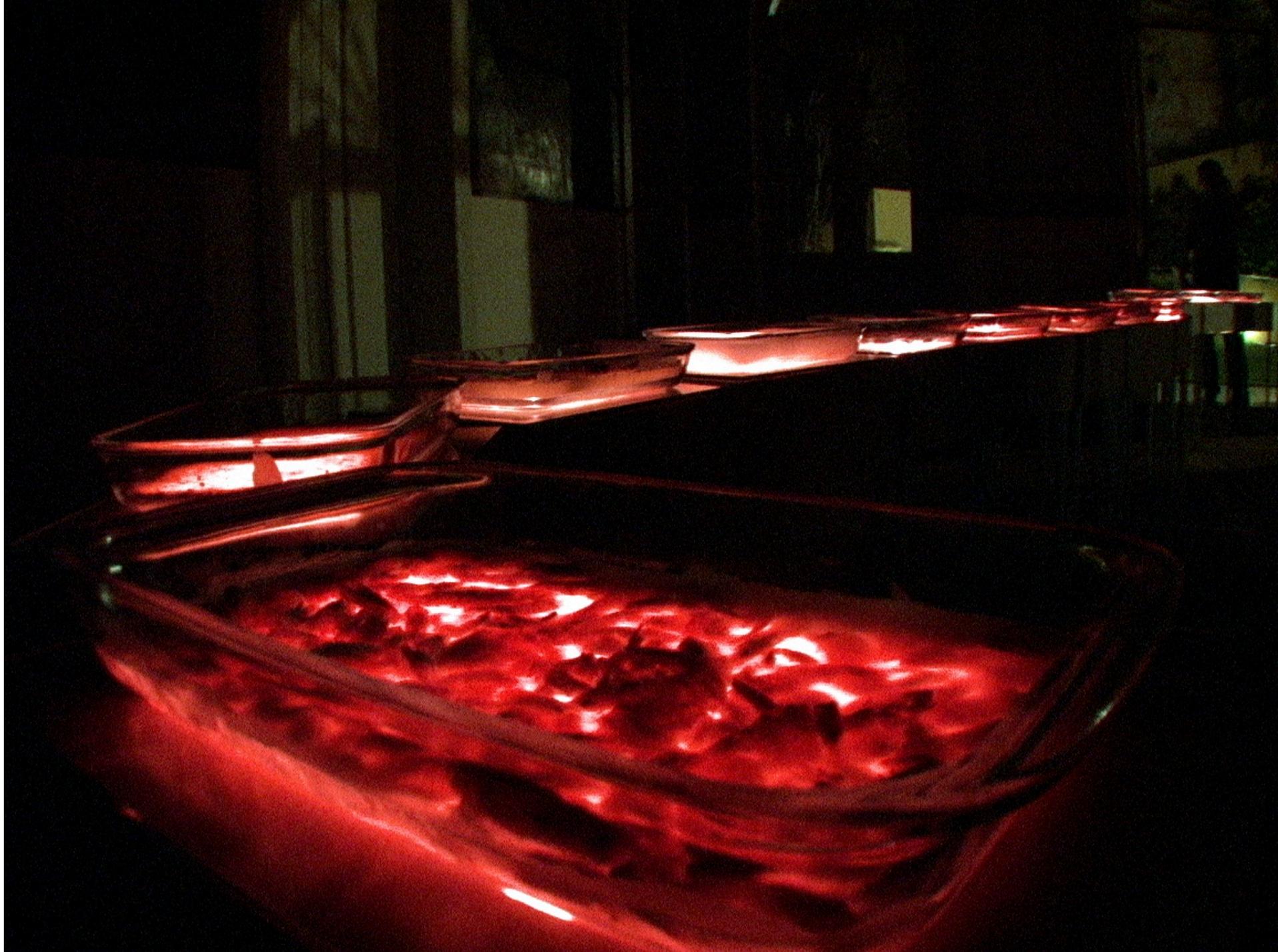
06



1. A tarde, Bahia, 8 de out. 1927, p1.
2. LEAL, Geraldo da Costa; LEAL FILHO, Luis. Um cinema chamado saudade. Salvador: [s.n.], 1997,p.187.
3. Ibid., p. 189.
4. SANTOS, Milton. A Baixa dos Sapateiros. In Revista do IGHBA, v.81, 1957, p. 71.

O Mapa Sincrético - instalação

*Elementos: Mesas de luz vermelhas,
Travessas de vidro transparente,
Cereais e verduras usados
em caruru parafinados. 2002.*



Centenário de Ary Barroso

«A viagem certa:

Ary Evangelista Barroso nasceu em Ubá, Zona da Mata de Minas Gerais, em 7 de novembro de 1903. Antes de completar oito anos de idade, perdeu os pais, Angelina e João Evangelista, ambos mortos de tuberculose, ela aos 22 anos e ele aos 31, com intervalo de menos de dois meses entre uma morte, primeiro a mãe, e outra. O único irmão, Milton, mais novo, morreu, de gripe, no dia do primeiro aniversário. O menino órfão foi morar com a avó Gabriela, viúva, e a tia materna Rita, Ritinha, também viúva. A casa era mantida com as aulas de piano dadas por tia Ritinha.[...]»
[1]

«Coqueiro que dá côco, e samba exaltação:

- Naturalmente, no princípio eu sofria influência de Sinhô. Seguida pela fase que chamo de Eduardo Souto. Foram estes dois que me acompanharam musicalmente no começo da minha carreira. Depois eu conseguir me libertar e criei um estilo todo pessoal, cujo início pode ser marcado com Faceira. [...] Nessa fase eu era mais ingênuo, mais puro, mais autêntico. Depois vim a criar um estilo que chamaram de “exaltação”. Por que, não sei. É a fase em que falo do Brasil grandioso, nas suas várias facetas, de beleza, de riquezas. Não tem nada de exaltação. Começa naturalmente com *Aquarela do Brasil*.

Ary Barroso» [2]

«*Na Baixa do Sapateiro*, gravado antes, já prenunciava o estilo grandiloqüente das novas composições de Ary, como *Brasil Moreno* e *Terra Seca*, samba que considerava sua obra-prima.»
[2]

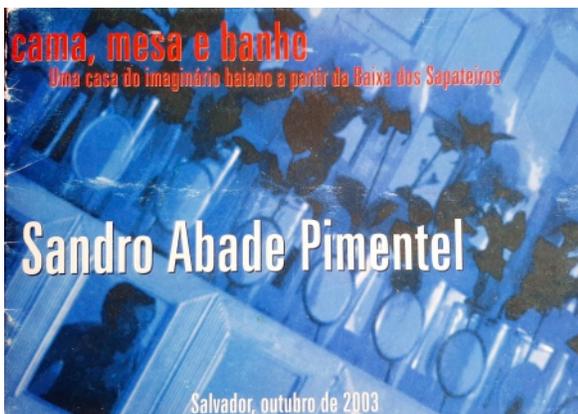
A primeira vez que entrei em contato com a música de Ary Barroso de forma mais contundente, ainda menino em Guanambi, foi com o disco *Aquarela do Brasil* de Gal Costa, por volta de 1980. Evidentemente, a pesquisa sobre a Baixa dos Sapateiros realizada em 2002, foi propulsora do projeto *Cama, mesa e banho - Uma casa do imaginário baiano a partir da Baixa dos Sapateiros*. Colocar a experiência em homenagem ao centenário do Ary Barroso ocorreu como parte do processo da pesquisa.

A partir de então, a cada ano observo que estrelas brasileiras alcançam o que chamo idade da eternidade. Assim foi organizado o *The Big Bem*, em 2007.

Ary Barroso morreu no domingo de carnaval, dia 9 de fevereiro de 1964. A Escola de Samba Império Serrano hesita em entrar na avenida para desfilarmos o enredo em sua homenagem, mas por fim mostra emocionadíssima sua *Aquarela Brasileira*. Afinal, como dizia o Ary: *É preciso cantar para vencer o silêncio da morte*. [1]

1 - Ary Barroso de Moacyr Andrade. *Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira*. P. 10, Ed Mediafashion. 2010.

2 - Ary Barroso, *Sua Glória É Lutar. História da Música Popular Brasileira N° 5*. RCA/Abril Cultural MPB 05. 1970



Capa e encarte folder Cama, Mesa e Banho
Designer Leandro Araújo. 2003.



2003

Cama, Mesa e Banho

Uma Casa do Imaginário Baiano
a Partir da Baixa dos Sapateiros

Este projeto deu seguimento ao trabalho de mapeamento da rua conhecida nacionalmente e internacionalmente como Baixa do Sapateiro. Sua apresentação, em homenagem ao centenário de Ary Barroso, ocorrido naquele ano, foi possibilitada pelo Prêmio Braskem de cultura e arte que me foi concedido em 2003.

Durante todo o ano de 2002, foi realizada uma pesquisa da região, com apoios e pequenas contribuições angariadas junto à comunidade local. Este estudo fez um levantamento de seus aspectos históricos, urbanísticos e socioculturais, resultando na montagem de duas exposições documentais, intituladas *Retrato Filmado na Baixa dos Sapateiros*, em páginas anteriores registradas. Nestas exposições foram apresentados os resultados dessa pesquisa iconográfica em instalações e vídeos, contando a história da rua, sua tendência comercial, a influência do cinema na cultura local, assim como a relação mística formada a partir da junção da fé africana com a católica.

Nesta segunda etapa, a pesquisa anterior serviu de base para a confecção de três instalações, construídas com materiais à venda nas lojas da rua. *Cama, Mesa e Banho*, *Uma Casa do Imaginário Baiano*, é a configuração plástica,

propriamente dita, de todo o trabalho de mapeamento realizado no ano de 2002.

Alguns territórios de Salvador guardam signos que levam à compreensão de todo o processo de edificação sociocultural da cidade. A Baixa dos Sapateiros é para a cidade um desses trechos ícones, funcionando como transversal do tempo de toda a existência desta urbe.

Primeira artéria periférica da velha cidade fundada por Tomé de Souza, cumpriu a função de fosso medieval, protegendo a encosta, quando o então chamado Rio das Tripas, corria onde hoje fica a via de trânsito. Nesta etapa, cumpriu também a função de abastecimento alimentar, com hortas e o funcionamento do abatedouro São Bento, que ao lançar sobre o fosso os restos dos abates, deu nome ao rio.

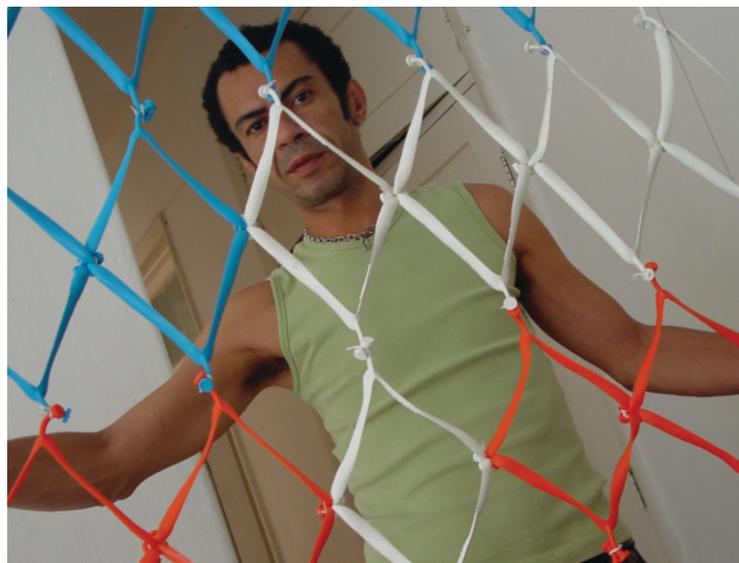
As primeiras obras de urbanização do canal, transformaram o Rio das Tripas na Rua da Vala, concentrando artesãos e pequenos comerciantes. A rua tornou-se conhecida como Baixa dos Sapateiros devido ao fato dos sapatos lá vendidos serem importantes símbolos de liberdade para escravos recém libertos, a quem até então fora vedado o uso de

calçados. Além disso, foi nessa região que surgiu o primeiro templo das religiões afro-brasileiras, o Ilê Axé Iá Nosso Oká, consolidando-se assim a importância dessa rua para a cultura africana e popular da cidade.

A Baixa dos Sapateiros é uma área de concentração de várias atividades artísticas. Torna-se impossível pensar a experiência do cinema em Salvador sem levar em consideração os que ali existiram, pois é aí que, ainda no início do século XX, o público mais popular entra em contato com a magia da arte industrial, tomando para si os signos de elegância das estrelas cinematográficas.

Nos cinemas da rua, o teatro e a música encontraram espaços para apresentações que se tornaram célebres, como as de Carmen Miranda, Bidú Sayão, Erivelto Martins, Pablo Neruda entre outros astros e companhias ilustres. A Baixa dos Sapateiros é imortalizada na canção de Ari Barroso, que ao longo de todo o século passado recebeu inúmeras versões, nas vozes mais ilustres que cantam este país.

Representá-la é entrar em contato com o cruzamento da cultura popular e da industrial, possibilitando a formulação de importantes questões estéticas desenvolvidas na cidade, desafios que as instalações propostas buscaram elucidar.

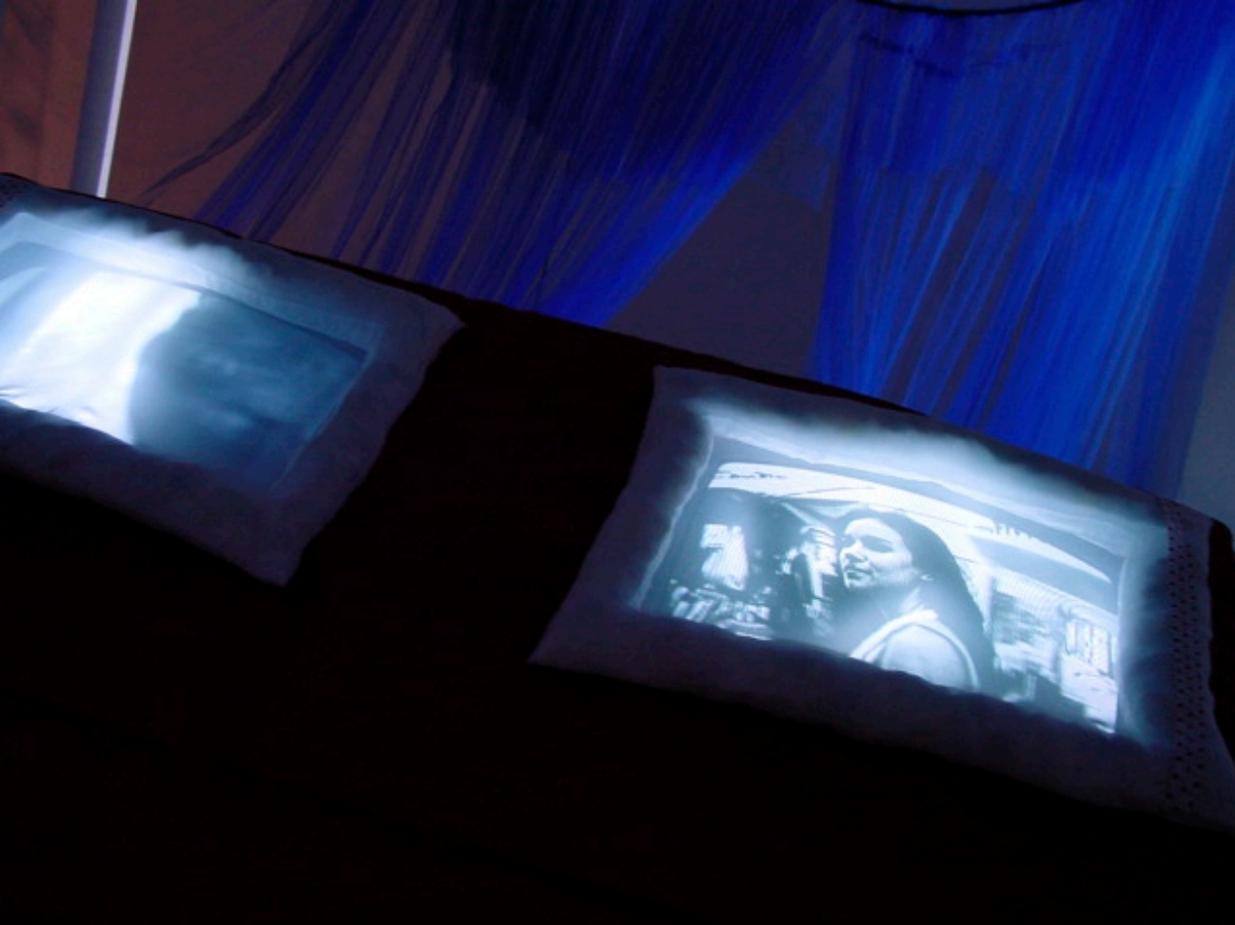


CONCEITOS DAS OBRAS

A civilização industrial elegeu o bem de consumo, oriundo de seu modo produtivo, como identificação de status social. O processo industrial pretendia produzir em larga escala os mais variados produtos para contemplar nossa necessidade de nos sentirmos em posição confortável no mundo. A diferenciação de poder de consumo vai então ditar o que é chique, o que é cafona, o que é erudito, o que é popular. Surge todo um processo de estetização e estilização que, visto do ângulo socioantropológico, fornece possibilidades de compreensão da formação de uma estética brasileira pós-industrial.

A Baixa dos Sapateiros é, ao longo da existência da cidade, território de construção de uma identidade cuja referência é o jeito popular de ser baiano. Ali, se constroem todas as possibilidades de materializar maneiras de se vestir, ecoam os sucessos musicais das próximas temporadas, dão-se os passos das novas danças e gingas, ditam-se chavões a serem repetidos por toda a cidade, surgem os modos de morar e existir do grande contingente de habitantes desta metrópole.

Cama, Mesa e Banho - Uma casa do Imaginário Baiano, foi exposta na Galeria da Cidade, Fundação Gregório de Mattos. A Galeria tinha curadoria para montagens de Rita Câmara.



03



Cama. Vídeo instalação

Elementos: Vídeo Travesseiros para sonhar encontros; mosquiteiro de filó azul; cama com colchão vazado para 2 monitores; colcha vermelha, travesseiros de tecido branco transparente.



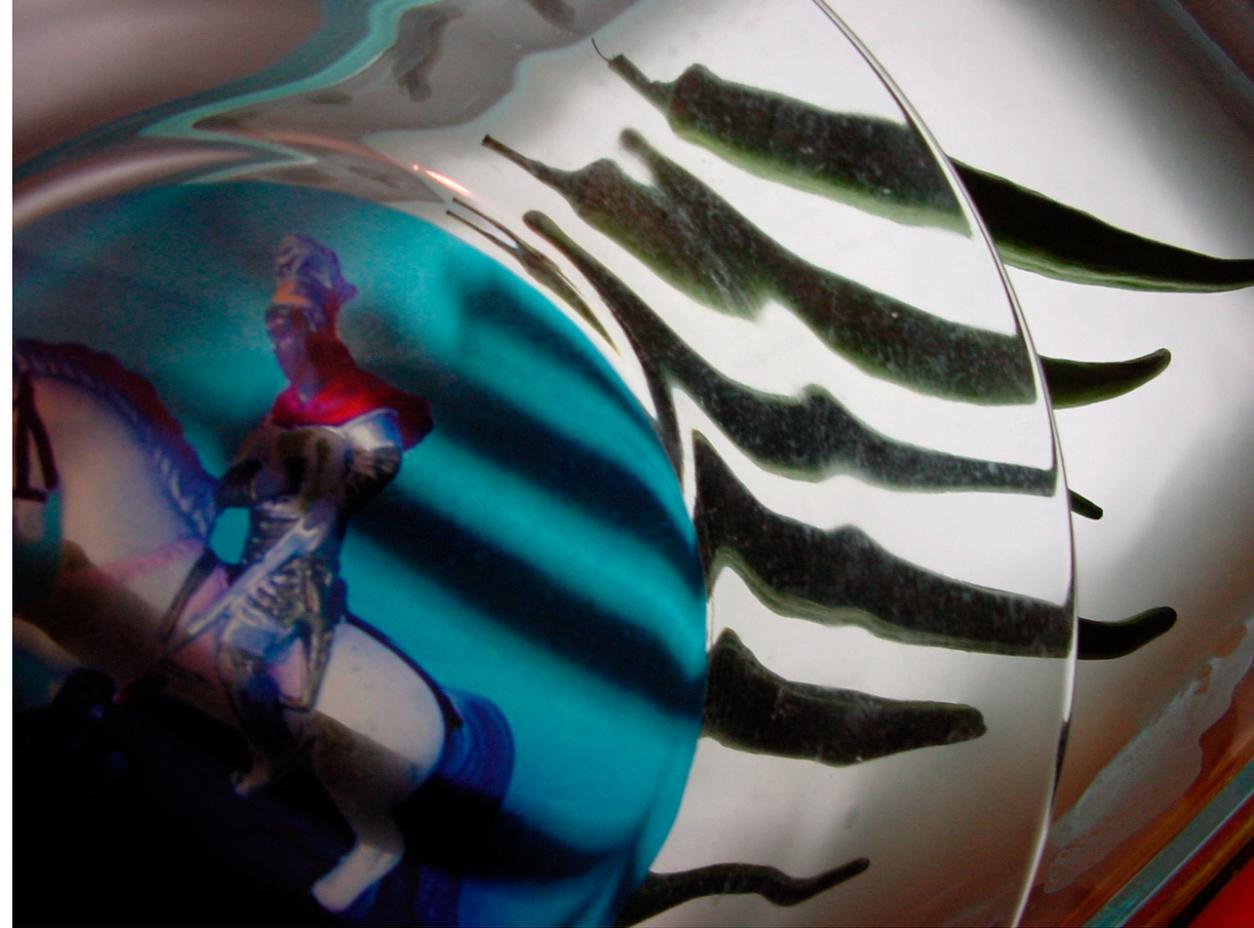
03

Mesa. Instalação

Elementos: mesa de luz com aberturas preparadas, toalha Branca, travessas de vidro transparentes com elementos de um carurú parafinados, pratos de vidro transparente com imagens de santos católicos.



03



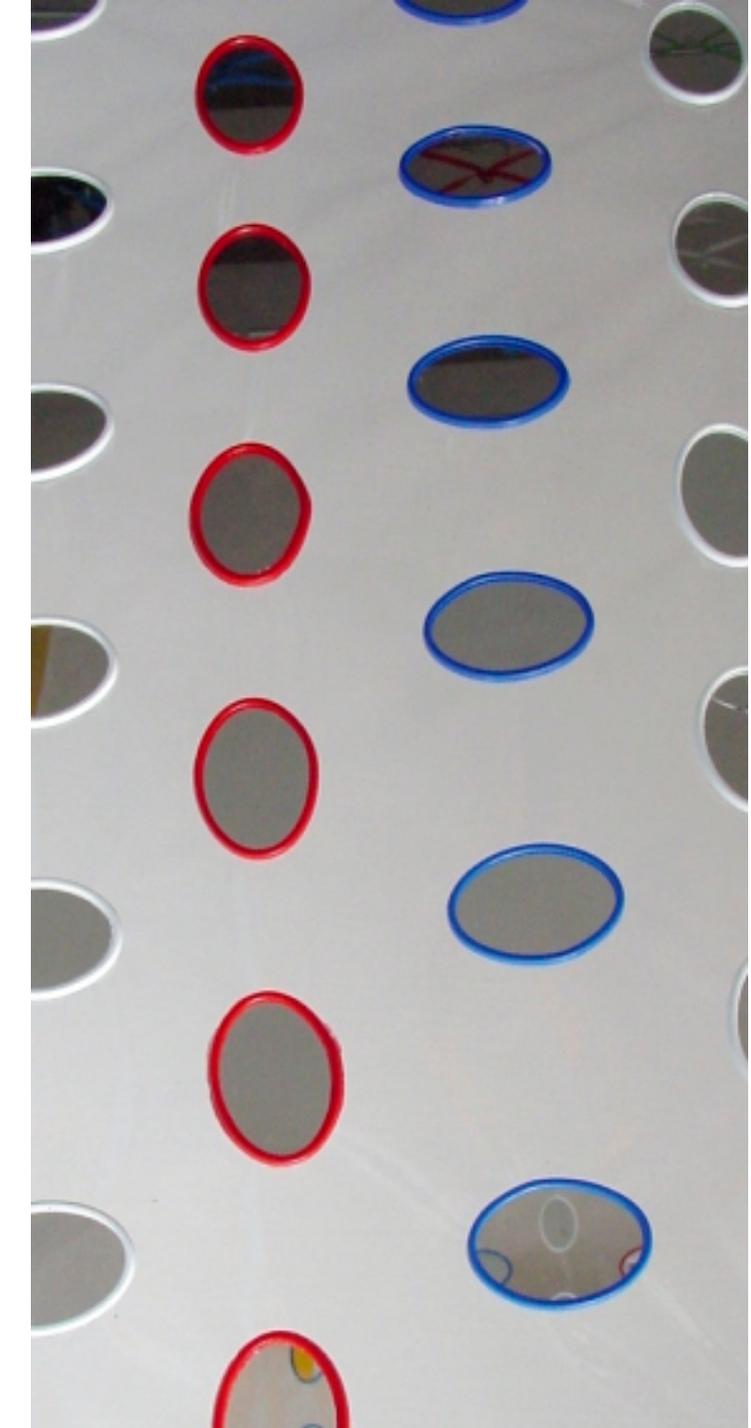
Mesa. Instalação
Detalhes.

03



Banho. Instalação

Elementos: Louça sanitária branca, banheira amarela, azulejos azuis, aparador feito com espelhos retangulares, cortina de plástico transparentes com espelhos ovais, tapetes de sandálias havaianas e de grama industrial, rede com as tiras das sandálias e "juke box" com versões da canção Na Baixa do Sapateiro.



03



2004

**Qual o ano do
centenário de
Dercy Gonçalves?**

2005,
2006,
2007,
?

Cem anos

«No dia 23 de junho de 2007, Dercy Gonçalves completou cem anos com uma festa na praça General Brás, no centro do município de Santa Maria Madalena (sua cidade natal) na região serrana do Rio de Janeiro. Na festa, Dercy comeu bolo, levantou as pernas fazendo graça para os fotógrafos, falou palavrão e saudou o povo, que parou para acompanhar a comemoração.

Embora oficialmente tenha completado cem anos, Dercy afirmava que seu pai a registrou com dois anos de atraso, logo teria completado 102 anos de idade, nasceu então em 1905.

Foi neste mês de comemorações em 2007, em que Dercy subiu pela última vez num palco, na comédia teatral *Pout-PourRir* (espetáculo criado e dirigido pela dupla Afra Gomes e Leandro Goulart, que reúne os melhores comediantes da atualidade e do passado), onde comemorou Cem Anos de Humor, com direito à festa, autógrafos de seu DVD biográfico e um teatro hiper lotado por um público de fãs, celebridades e jornalistas.

Esta noite, inesquecível para quem estava presente, onde Dercy foi entrevistada pelo ator Luis Lobianco (que

interpreta no espetáculo uma sátira à Marília Gabriela), ainda deixou para a história duas frases memoráveis. Uma Marília Tagarela pergunta à atriz se ela tem medo da morte, e Dercy, sempre de forma irreverente responde: *Não tenho medo da morte, a morte é linda...* (ela repensa) *..., mas a vida também é muito boa!* e no fim, após cortar o bolo com as próprias mãos e atirar nos atores, diretores e platéia, faz o público emocionar-se ainda mais, dizendo: *Eu vou sentir falta de vocês. Mas vocês também vão sentir a minha.»*¹

Morte

Morreu no dia 19 de julho de 2008, no Hospital São Lucas, em Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro. O estado decretou luto oficial de três dias em memória à atriz. Na mesma semana, Afra Gomes e Leandro Goulart e o elenco de *Pout-PourRir* prestam, em cena, uma última homenagem à Dercy.

«Deus é um apelido. Ele pra mim não existe. O que existe é a natureza. Deus é fantasma, mas a natureza é a verdade que nunca podemos contestar a existência.»

Dercy Gonçalves

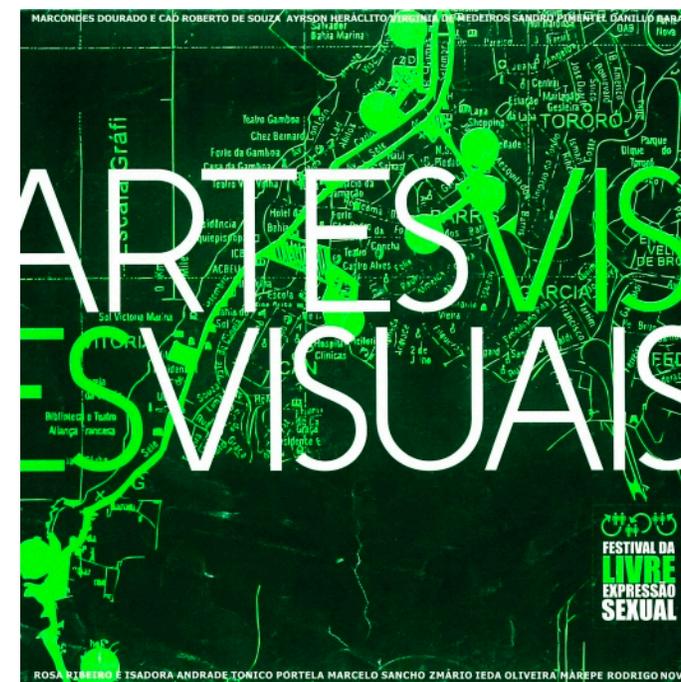
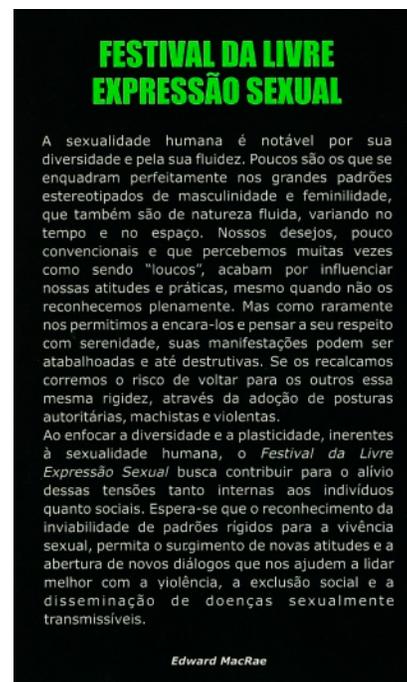
¹- http://pt.wikipedia.org/wiki/Dercy_Gonçalves

2003

Artes Visuais no I Festival da Livre Expressão Sexual

Enquanto Dercy comemorava a proximidade de seus 100 anos, falando muitos palavrões e mostrando os peitos em carro alegórico, eu construía uma abordagem da sexualidade relacionada à cultura popular, na Baixa dos Sapateiros, na instalação Cama, exposta na Galeria da Cidade. A partir dessa instalação, criei uma performance para espaço público, onde essa cama era remontada.

Fiz a articulação que conectou Alberto Heráclito, que fez a curadoria, Marcelo Sancho que comigo assumiu a produção executiva das artes visuais desse primeiro festival, com Edward MacRae e Osvaldo Fernandez, que construíram a rede relacional que produziu o evento como um todo, além de obterem o patrocínio institucional junto ao Ministério da Saúde. Realizado em 2003, o I Festival da Livre expressão Sexual, teve uma segunda versão em 2005.



DA LIVRE EXPRESSÃO SEXUAL - A

A curadoria de artes visuais rejeitou os espaços consagrados para a arte como lugares possíveis de interferência artística. E mais: exigiu do artista um exercício criativo que relacione obra e local, não esvaziando, em nenhuma hipótese, as tramas culturais que informam o território da inserção da obra de arte. O intuito político subjacente é claro: esvaziar o caráter espetacular, galerista da obra de arte. Produzir novos olhares para a obra, novas dinâmicas de interação entre artista, espectador. Saber que a obra é um fenômeno desse encontro.

Beto Heráclito, Curador.
Marcelo Sancho e Sandro Pimentel, Produção Executiva.

TERRITÓRIO PELOURINHO
 22/05 ABERTURA

- **Marcondes Dourado**
Vídeo: "Ogodo ano 2000"
 A partir das 19h, Cinema do Museu Eugênio Teixeira Leal, Rua Castro Rabelo, 01.
- **Caó Cruz Alves**
Vídeo: "Catálogo de Meninas"
 A partir das 19h, Cinema do Museu Eugênio Teixeira Leal, Rua Castro Rabelo, 01.
- **Maria Pinheiro**
Vídeo: "Meninas e Meninos"
 A partir das 19h, Cinema do Museu Eugênio Teixeira Leal, Rua Castro Rabelo, 01.
- **Roberto de Souza**
Foto-Instalação: As Idades do Sexo
 Foyer do Cine XIV, a partir das 20h.
 Rua Frei Vicente, 14, Quarteirão Cultural do Pelourinho.

TERRITÓRIO CARLOS GOMES
 23/05

- **Ayrsen Heráclito**
Instalação: Travo amargo
 Bar do Azulejo, a partir das 21h. Rua Carlos Gomes (beco dos bares).
- **Virginia de Medeiros**
Intervenção: Redobras da matéria
 Pousada das Travestis, Rua do Sodré, 423, 2 de Julho, a partir das 20h.
- **Sandro Pimentel**
Performance: Viés do tempo
 Bar do Azulejo a partir das 21h.
- **Danillo Barata**
Vídeo: O corpo como inscrição de acontecimentos
 Bar do Azulejo a partir das 21h.

31 DE MAIO DE 2003

TERRITÓRIO BARRIS
 24/05

- **Rosa Ribeiro e Isadora Andrade**
Foto-Instalação: Isto são horas?
 Bar e Restaurante Quixabeira a partir das 22h. Travessa dos Barris, 30.
- **Tonico Portela**
Mostra de Arte: O sexo e o tempo
 Bar e Restaurante Quixabeira a partir das 22h.
- **Marcelo Sancho**
Intervenção: Mostra de amostras de corpo
 Boate Queens a partir 00:30h. Rua Teodoro Sampaio, 160, Barris.

TERRITÓRIO BARRA
 30/05

- **Zmário**
Ação: R.G.
 Entrada da Boate OFF Clube a partir das 23h. Rua Dias D'Ávila, 33 Barra.
- **Ieda Oliveira**
Intervenção
Título: Coração é terra que ninguém passa
 Local: Praia do Porto da Barra a partir das 15h.

TERRITÓRIO GARCIA E GAMBOA
 31/05

- **Marepe**
Instalação: Maçã do Amor
 Bar Camarim a partir das 22h. Beco dos Artistas, 10, Garcia.
- **Rodrigo Novaes**
Vídeo-Intervenção: Dionysiac
 Bar Camarim a partir das 22h.

TERRITÓRIO TODOS
 22 23 24 30 31

Material gráfico para divulgação do I Festival da Livre Expressão Sexual.
 Salvador 2003

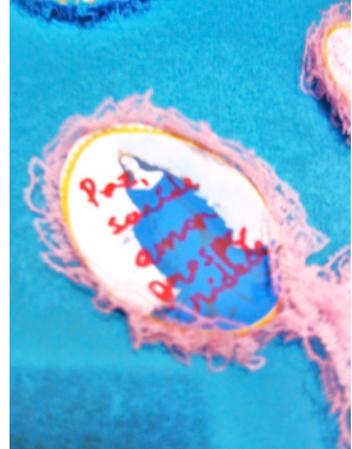


07

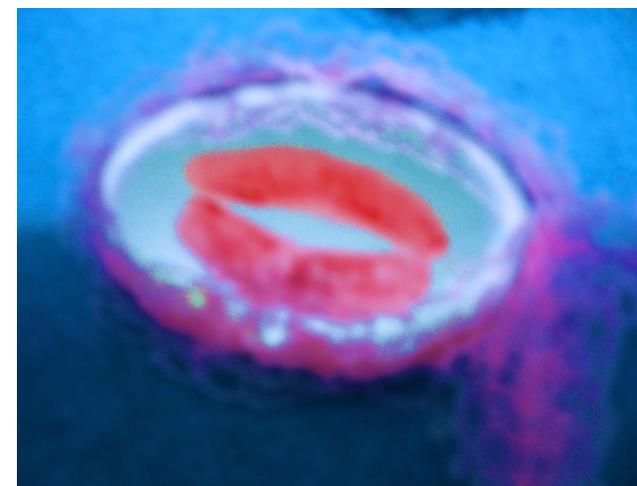
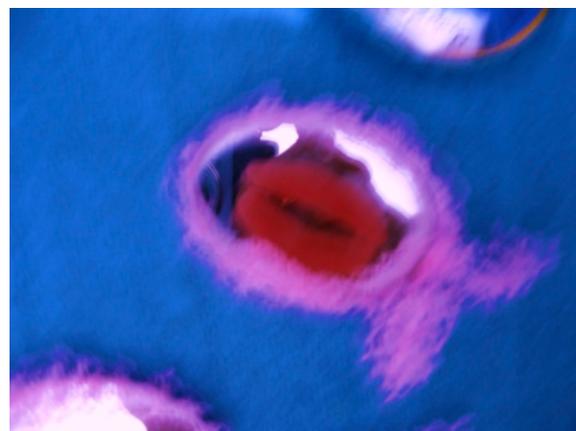
Viés do tempo – Cama de rua.

*Performance. II Festival da Livre Expressão Sexual. Curadoria Roaleno Costa.
Rua Carlos Gomes, Salvador, 2005*





Beijos para Yemanjá
*Performance para uma ação de caráter imaterial.
Oficina de performance da FUNARTE
com Bia Medeiros.*



Beijo para Yemanjá
Fotografia 2010.



2005

Centenário de Dra. Nise da Silveira

O Mundo das Imagens

«[...] Atribuimos grande importância à imagem em si mesma. Se o indivíduo que está mergulhado no caos de sua mente dissociada consegue dar forma às emoções, representar em imagens as experiências internas que o transtornam, se objetiva a perturbadora visão que tem agora do mundo, estará desde logo despotencializando essas vivências, pelo menos em parte, de suas fortes cargas energéticas e tentando reorganizar sua psique dissociada.» [1]

«[...] Em decorrência do avassalamento do consciente pelo inconsciente o indivíduo perde o contato com a realidade e desadapta-se do meio onde vive. É internado nos tristes lugares que são as instituições psiquiátricas. O atelier de pintura será um oásis, se o doente tiver liberdade de exprimir-se livremente e aí relacionar-se afetivamente com alguém que o aceite e procure entendê-lo na sua peculiar forma de linguagem. Entretanto, é fundamental não esquecer que as imagens emergentes das camadas mais profundas da psique, por estranhas que sejam, não são patológicas em si mesmas, mas são inerentes às estruturas básicas da psique. O elemento patológico não reside na presença dessas imagens, mas na falência do ego, que se tornou incapaz de controle sobre o inconsciente.

Acresce ainda que indivíduos rotulados em hospícios como seres embrutecidos e absurdos sejam muitas vezes capazes de criar formas comparáveis às produções

de artistas socialmente reconhecidos. Eis um mistério maior da psique humana.»¹

«[...] Mito egípcios

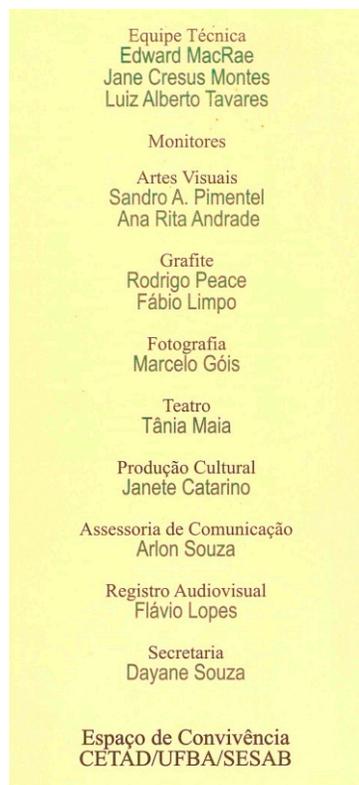
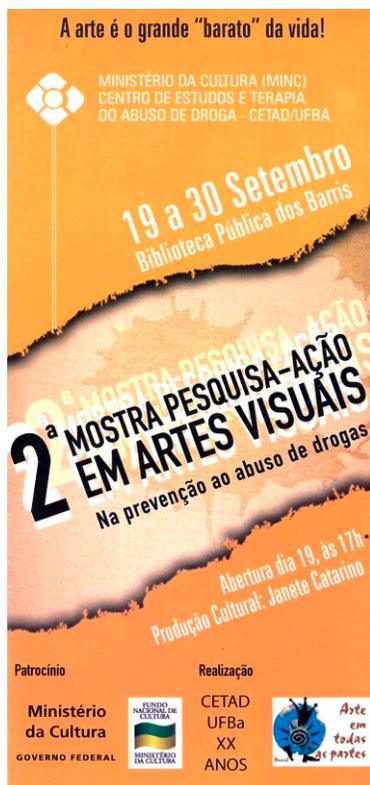
Desde milênios os homens jamais deixaram de tentar captar a imagem do sol, esculpindo-a ou gravando-a em pedra, madeira, ou evocando sua imagem no desenho ou na pintura. O astro foi um deus para os nossos ancestrais e permanece o símbolo de todas as forças celestes e terrestres, o regular de todos os aspectos da vida.

Sua veneração é encontrada através dos tempos, alcançando grande desenvolvimento, sobretudo no Egito, Peru, México, países onde a organização política e o culto do sol atingiram o apogeu. E, ainda em nossos dias, o sol desperta inúmeras imagens e símbolos.»¹

A Dra. Nise da Silveira foi a responsável pela humanização do tratamento psiquiátrico, travou uma luta contra o uso do eletro choque e outras formas violentas de abordagem das enfermidades mentais, que influenciou a psiquiatria tanto no Brasil como no mundo. Seu trabalho com arte terapia deu origem ao Museu do Inconsciente Brasileiro, no Rio de Janeiro. Morreu em 1999.

¹ - Nise da Silveira. Imagens do inconsciente. Mostra do descobrimento. Nelson Aguilar, organizador. Fundação Bienal de São Paulo. – São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000. 256p.

Pesquisa-ação em artes visuais para prevenção ao abuso de drogas



16

Projeto escrito em 2005 pela equipe técnica do CETAD-UFBA (Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas), no qual fiquei responsável pela monitoria da oficina de artes visuais com Ana Rita Andrade, a bibliotecária daquele centro, que já desenvolvia com um grupo de pacientes, uma oficina mais ligada a literatura.

Quando elaborava as ações da oficina tive a oportunidade de visitar em Barcelona um Congresso de Redutores de Danos (Clat. 2005), onde observei trabalhos com usuários de drogas, em instituições de várias partes do mundo. Fundamental também foi a apreciação da exposição no PAF-UFBA, sobre o centenário da Dr. Nise da Silveira, assim como o catálogo *Imagens do Inconsciente – Mostra do Descobrimto*, da Fundação Bienal de São Paulo com a Associação Brasil 500 anos Artes Visuais (2000) e o livro *Mare Nostrum - sonhos viagens e outros caminhos* de Fauzi Arap, que trabalhou com Nise da Silveira na Casa das Palmeiras, no Rio de Janeiro.

Foram desenvolvidas no projeto três ações, construídas a partir das referências acima citadas:

Não quebre a Vaca, pintura em azulejos para uma ação de colagem em postes e muros da rua do CETAD, a Araújo Pinho, no bairro do Canela, onde ficam ainda a Escola de Música, de Teatro e de Belas Artes da UFBA. A montagem foi pensada como um discurso efêmero de ação

urbana e pretendia ser retirada das ruas após certo tempo de exposição.

Caverna-Oca-Casa-Templo-Espaçonave, evocação dos tempos da pintura, indo da pré-história à era tecnológica, de livre criação. Em comum o suporte, folhas de 1 x 0,60 metros, em papelão de sapateiro. Com elas construímos a mostra, tendo como estrutura expositora, ferragens em vergalhões, presas ao chão e entresi.

Uma cidade do Inconsciente, maquete com edifícios confeccionados a partir de embalagens, desconstruindo seus conceitos publicitários e colocados no meio de muito verde, representando vegetações. Como marcos esculturais, uma aranha e formigas estruturadas na ideia, do movimento infinito em um “8 oito espacial”, uma estrutura moebius lacaniana, construção de, como diria Dra. Nice, uma jovem cliente com talento artístico e sua terapeuta. A ideia geral foi inspirada no projeto de cidade utópica, *Nova Babilônia* do arquiteto holandês Constant Nieuwenhuys.

A partir do trabalho com a oficina e sua sincronicidade com o centenário de Dra. Nise da Silveira, formou-se a concepção de um projeto que revê minhas ações contemporâneas junto aos centenários de personalidades e fatos culturais, da primeira década dos anos 2000.



01



Não quebre a vaca
Ação coletiva, urbana e efêmera com azulejos pintados.
Rua Padre Feijó, Canela, Salvador, 2006

Mostra do Projeto Pesquisa-Ação em Artes Visuais Na Prevenção ao Abuso de Drogas

Intervenções Urbanas

"Não Quebre A Vaca" - Artes Visuais

As vacas vão tomar conta dos postes em Salvador - uma homenagem a Parada das Vacas (Sandro Pimentel e Ana Rita)

"O Estar de Cada Coisa" - Fotografia

Um estudo "lambe-lambe" ao ar-livre, montagem fotográfica audiovisual e muito mais (Marcelo Góis)

"O Chão e o Muro" - Grafite

Grafitagem ao vivo (Fábio Limpo e Rodrigo Peace)

"Vai ou Não Vai?" - Teatro

Uma performance de rua (Tânia Maia)

ABERTO AO PÚBLICO

Patrocínio:

Realização:



CETAD
UFBA
XX
ANOS



Produção: Janete Catarino
TEATRO



Local: Centro de Estudo e Terapia do
Abuso de Drogas / CETAD / UFBA

End.: Rua Pedro Lessa, 123 - Canela

Data: 09/06/2006 - 9h às 12h.

Entrada Franca

Informações: (71) 3336-3322

Produção Gráfica: Arlon Souza

3ª MOSTRA PESQUISA-AÇÃO EM ARTES VISUAIS

Na Prevenção ao abuso de drogas

Abertura
15 de Dezembro às 15 horas

Visitação
de 18 à 20 de Dezembro das 09 às 17 horas

FOTOGRAFIA - uma reflexão sobre o olhar, os sentimentos relacionados ao "fazer" fotográfico. (Marcelo Góis)

A criação de uma cidadela em maquete revela uma cidade do imaginário em **ARTES VISUAIS**. (Sandro Pimentel e Ana Rita)

A rua e a casa, o exterior e o interior - Utensílios e objetos decorativos ganham forma com o **GRAFITE**. (Fábio Limpo e Rodrigo Peace)

PERFORMANCE TEATRAL - a experimentação mostra a influência dos meios de comunicação e sua invasão no espaço familiar. (Tânia Maia)

Local: CETAD - Centro de Estudos e Terapia ao Abuso de Drogas
(Rua Pedro Lessa 126 - Canela)

**Entrada
Franca**

Produção: Janete Catarino

Patrocínio:



Realização:

CETAD

UFBA

XX
ANOS



REDE NACIONAL FUNARTE ARTES VISUAIS

Promove palestra dia 13 de Dezembro às 19h.
Escola de Belas Artes, Sala 10
(Rua Araújo Pinho, s/n Canela)

"Artes Visuais como terapia na redução de danos ao abuso de Drogas."

Com
SANDRO PIMENTEL

Artista plástico, monitor do projeto
"Pesquisa-ação em artes visuais na
prevenção ao abuso de drogas"

CETAD - Centro de Estudos e Terapia
ao Abuso de Drogas

O sonho acabou ou sempre haverá um sonho na arte conduzido por uso de substâncias psicoativas?

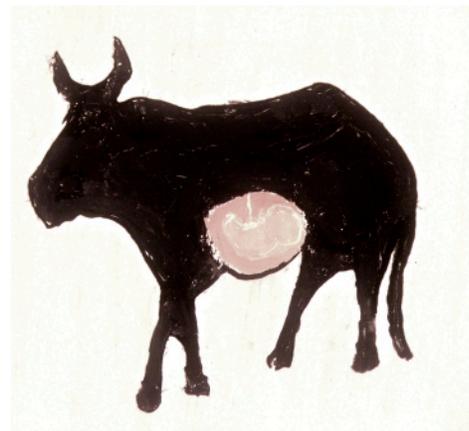
Patrocínio: Realizado com recursos federais

Parceria
Escola de
Belas Artes
UFBA

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE
funarte
2006 - 30 anos

Ministério
da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



01



Não quebre a vaca

*Azulejos para ação de rua no bairro do Canela, Salvador.
Criação coletiva em oficina, 2006*



Caverna-Oca-Casa-templo-Espaçonave. Gambiarra arte
Quadrilátero da Biblioteca Central, Barris. Salvador, 2006.
Criação coletiva em oficina.

10





Uma cidade do inconsciente.

Maquete com materiais diversos.

CETAD, Canela. SSA. 2006. Criação coletiva em oficina.

Frames do registro audiovisual de Flávio Lopes.

2007

Centenário de Oscar Niemeyer

«O aniversário de Oscar Niemeyer é 15 de dezembro. À véspera de completar 100 anos, ele é mais do que uma referência do passado. É um nome inevitável para o presente, para a mais espetacular arquitetura feita hoje no mundo. Em Berlim, Bilbao, Istambul ou Dubai, onde aconteceram alguns dos maiores e mais brilhantes momentos da arquitetura contemporânea dos últimos dez anos, há um toque, uma presença ou uma evidente influência do maior arquiteto brasileiro [...]» [1]

«[...] Em Gehry, Calatrava, Koolhaas, Herzog e De Meuron e outros vibrantes nomes da arquitetura mundial há essa escultura de monumentos que foi tão de Niemeyer quanto é neste momento, na produção contemporânea, universal.» [1]

O texto acima me faz pensar no quanto é forte a discussão sobre o monumental e espetacular na arquitetura, haja visto que há uma corrente enorme que vê exatamente nesse monumental e espetacular posturas acumulativas, egocêntricas e de deslavado apelo ao material. O próprio Oscar Niemeyer se diz chocado com a exibição de materiais caros nessas arquiteturas. O arquiteto comunista sofreu duras críticas por se tornar um símbolo da arquitetura oficial, e talvez pelo peso de dizerem ser ele o melhor. Mas acho fantástico ver que a enorme carência cultural de um Brasil, ainda confirmando seu destino enquanto civilização, tem na obra grandiosa de Oscar Niemeyer sua cura total, pois incorpora o valor de Saturno, de cronos construído.

Em 2001 tive a oportunidade de participar de um curso, envolvendo uma viagem por Brasília e Minas Gerais, com os então professores doutores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Assim os professores Heloisa Petti e Milton Esteves conduziram um grupo de estudantes de arquitetura para ver e pensar Niemeyer. Depois da grandiosidade de Brasília, pudemos retomar o início de sua produção na Pampulha em Belo Horizonte, estar no hotel de Ouro Preto, por fim visitar uma residência em Cataguases, onde comemos jabuticabas plantadas por Burle Marx no quintal da casa. Nos anos seguintes conheci a beleza do Museu de Arte Contemporânea de Niterói e terei sempre como uma reflexão o pavilhão vazio da XXVIII Bienal de São Paulo, como um discurso entre o moderno e contemporâneo na história da arte brasileira.

Mas deixo para seu colega, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, o único brasileiro, além de Niemeyer, a ganhar um Prêmio Pritzker de arquitetura, a palavra final sobre seu centenário: «[...] Para mim, comemorar os cem anos de Niemeyer é quase dizer o seguinte: “Mas seria impossível não haver Niemeyer”, porque ele amparou nossa existência. Todo o prestígio da arquitetura brasileira se deve a ele. E é um prestígio advindo da ideia da imaginação, que para o país, sempre representou uma esperança» 2.

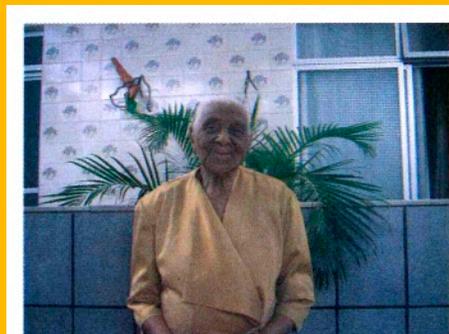
1 - Livia Pedreira. *O inventor de um mundo novo*. Revista Bravo, dezembro de 2007.

2 - Folha de São Paulo. Caderno Mais! Domingo, 9 de dezembro de 2007.

**2007 Ano de formatação do
The Big Bem - uma História do tempo.**
Projeto de revisão de centenários



Oscar Niemeyer na revista Bravo!



**Memórias de Dona Zuzu
"100 ANOS DE VIDA"**

Autora: Maria Auxiliadora Gomes Barroso

Salvador - Bahia
2007

Dona Zuzu por sua filha



Dona Canô no Jornal A Tarde



Vô Abade no centro tocando chorinho

Escaravelho para Mademoiselles D'Avignon de Picasso – Centenário 2007
Acrílico sobre tela, 120x120 cm. 2007

02

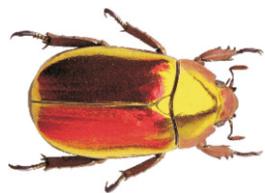


Escaravelho para Frida Khalo – Centenário 2007
Acrílico sobre tela, 120x120 cm. 2007



A estória que criou o Big Bem - 2007

Para os egípcios antigos, o que conhecemos como o Big Bang, a explosão inicial que faz surgir o universo, ocorreu quando Khepri, ao dizer seu próprio nome, deu origem a tudo que há. Khepri, é simbolizado pelo escaravelho, que no Brasil recebe o singelo nome de rola-bosta.



Olá...



Oi



Você é famoso, sim?



Oui... Yes.



Sei, também conhecido como rola-bosta. Não é?

SI,
Depois
Do
Fucke
Fucke



Depositamos nossas larvas em bolas moldadas de esterco.



Por isso os egípcios viram nesse movimento com a bola, O mesmo movimento do sol no passar do dia e noite, E o escolheu como símbolo sagrado. Não foi?

Rá,



E também porque assim nascemos para a vida eterna!



Ficha técnica

Curadoria: Edward MacRae + Produção cultural: Janete Catarino + Produção executiva: Gerson Soares
 Comunicação social: Sandro C. + Assessoria de projeto: Ana Carolina Bierrenbach + Registro: Carlinhos Lantier
 Cenotécnico: José dos Santos + Ueb: Trilha + Estagiários: Robeane, Bruno, Israel e Willians.

THE BIG BEM
 UMA HISTÓRIA DO TEMPO

GALERIA DO CONSELHO DE CULTURA
 De 11 de janeiro a 11 de fevereiro

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA CALÇADA
 De 17 a 28 de janeiro

E nas ruas entre a galeria e a estação

Sandro pimentel

Janete catarino

Produção cultural

Patrocínio: FOMENTO À CULTURA Fundo de Cultura

GOVERNO DA Bahia TERRA DE TODOS NÓS

Secretaria da Fazenda | Secretaria de Cultura

Apoio:

01

Material de divulgação das ações do The Big Bem - Uma história do tempo, 2008.

Centenário de Cartola

«Nome: Angenor de Oliveira
Nascimento: Rio de Janeiro (RJ), em 11 de outubro
de 1908. Morte: Rio de Janeiro (RJ), em 30 de
novembro de 1980» [1]

Cordas de aço

Cartola

Ah, essas cordas de aço
Este minúsculo braço
Do violão que os dedos meus acariciam
Ah, esse bojo perfeito
Que trago junto ao meu peito
Só você violão
Compreende porque perdi toda a alegria
E no entanto meu pinho
Pode crer, eu adivinho
Aquela mulher
Até hoje está nos esperando
Solte o seu som da madeira
Eu, você e a companheira
Na madrugada iremos pra casa
Cantando... [2]

«[...] A dura experiência de viver como pedreiro, tipógrafo, e lavador de carros, desconhecido e trazendo o dom musical, a centelha, não o afetou, não fez dele um homem ácido e revoltado. A fama chegou até sua porta sem ser procurada. O discreto Cartola recebeu-a com cortesia. Os dois convivem civilizadamente. Ele tem a elegância moral de Pixinguinha, outro a quem a natureza privilegiou com a sensibilidade criativa, e que também soube ser mestre da delicadeza. [...] o jeito de Cartola botar lirismo a sua vida, os seus amores, o seu sentimento do mundo, esse moinho, e da poesia, essa iluminação.»

Carlos Drummond de Andrade.
Jornal do Brasil, 27 de novembro de 1980.

O dia em que montei na IX Bienal do Recôncavo, a instalação por mim proposta como uma homenagem

ao centenário do Cartola, por incrível coincidência era 11 de outubro de 2008, data exata do centenário do homenageado. A Bienal reservou esse dia, sem saber desse fato, havia apenas a urgência das preparações para a abertura do evento que ocorreria semanas depois.

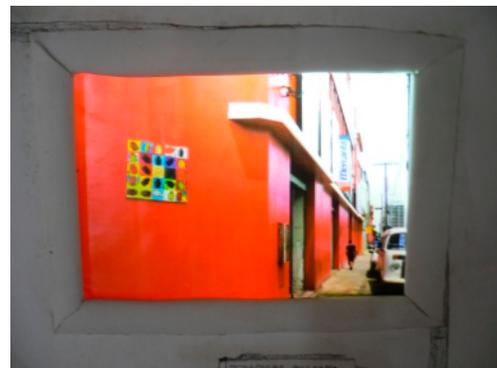
À noite, já cansado, me recolhi cedo ao convento tornado hotel, em Cachoeira do outro lado do Rio Parnaíba, cidade separada por uma ponte de São Félix, onde fica a sede da Bienal. Então, como por magia, Cachoeira, cidade da Festa da Boa Morte, começou a celebrar com uma seresta os 100 anos de Cartola. Não havia mais fadiga, só a certeza da seriedade e alegria de lidar com a memória nacional.

1. Cartola. Sérgio de Oliveira. Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira. Ed. Mediafashion. 2010
2. <https://www.lettras.com.br/cartola/cordas-de-aco>



01

Trilha para o expresso da maré das mais de mil tribos - vídeo instalação pelo centenário de Cartola.
Prêmio Residência Artística no Instituto Sacatar. IX Bienal do Recôncavo. São Félix, 2008.



10

Pintando cruz egípcia na mão dos visitantes da instalação.

Performance para a abertura da Bienal

Trilha para o expresso da maré das mais de mil tribos - vídeo instalação.

Elementos: piso pintado com faixa de pedestre, tapumes, back-lights com fotografias em transparência, garrafas com água da Baía de Todos os Santos, caixa com tampo em formato de um escaravelho, monitor de tv para o vídeo e caixinha com elementos da pesquisa para o desenho do escaravelho.

Centenário de Carmen Miranda

«O estúdio da Victor ficava na Rua do Mercado, 22, também a cem metros da travessa do Comércio – jamais alguém precisou andar tão pouco para sair do seu anonimato. Foi essa a distância que, no dia 4 de dezembro, Carmen percorreu entre sua casa e o microfone para gravar a canção-toada *Triste Jandaia* e o samba *Dona Balbina*, sempre de Josué de Barros. Dias depois, ao voltar à Victor para escutar a prova, Carmen gostou tanto do som de sua voz que se sentou no chão para rir.»|p.50 |1

Carmen Miranda nasceu em Portugal e veio para o Brasil com menos de 1 ano de idade. Quando aconteceu a gravação do primeiro disco na Victor a ser lançado por ela, tinha vinte anos. O que me parece surpreendente é que isso ocorra no dia 4 de dezembro, dia da tradicional festa de Santa Barbara na Baixa dos Sapateiros. Do lado do Cine Jandaia, fica o Mercado com o nome da santa, que é um dos pontos altos da festa. Há ainda a curiosidade de haver, nesse disco de estreia, uma música que fala do pequeno pássaro que dá nome ao Cine-teatro onde ela se apresentaria para a Bahia em 1932, depois da explosão nacional com a música *Pra Você Gostar de Mim*, mas conhecida como *Tai*, ocorrida em 1930.

Vejam abaixo trechos da descrição dessa viagem à Bahia, retirados de *Carmen: Uma Biografia* de Ruy Castro:

«A excursão de Carmen compreendia show em Salvador, Cachoeira, São Félix e Alagoinhas, todos na Bahia, e dali até o Recife, para mais shows, de onde voltaria para o Rio. [...]»

A viagem tomava quase uma semana, e Carmen chegou a Salvador no dia 20 de setembro, terça-feira, a tempo de descansar um pouco antes da estreia no sábado, dia 24. Segundo uma história contada por Almirante, e depois muito repetida, essa noite teria sido um desastre: o teatro era uma poeira: não havia microfone; a acústica era péssima; e a plateia muito grossa, infernizava Carmen durante o espetáculo, aos gritos de 'Rebola, Rebola'. [...]

[...] Entre outras coisas, o Jandaia não era uma poeira. Na verdade, era um teatro de luxo, novo em folha, inaugurado um ano antes. A falta de microfone era normal na época, donde a acústica era planejada de acordo. É bem possível que, num teatro daquele tamanho (2260 lugares), a voz de Carmen não chegasse bem a certos setores da platéia. [...]

[...] Nos cerca de trinta dias que passou na cidade, Carmen fez dez shows no Jandaia, sem nenhuma atribulação. Num desses shows, sentado anonimamente na torrinha e hipnotizado por Carmen, um aspirante a artista: Dorival Caymmi, de dezoito anos. [...]

[...] Carmen entrava em cena por volta das sete e meia, sempre depois de um filme, que era trocado a cada dois dias. Aos domingos, o espetáculo era em matinê. Carmen contou depois que seu camarim era visitado após cada show pelas “melhores famílias baianas” – o que achava significativo, porque logo percebera o elitismo e o nariz empinado da sociedade de Salvador. [...]»

Sem dúvidas essa viagem foi decisiva para Carmen gravar *Na Baixa do Sapateiro* do Ary Barroso, compor mais tarde sua baiana estilizada e assimilar a música do Dorival Caymmi, com quem se encontraria nos anos seguintes no Rio de Janeiro. Tudo isso definiu seu estilo e uma representação de cultura nacional, que veio a calhar com a política de boa vizinhança dos Estados Unidos. Mais adiante, vai morar definitivamente naquele país, tornando-se a artista mais bem paga de Hollywood na época. Assim, viveu fora do Brasil por quatorze anos, voltando para um breve descanso, meses antes de sua morte em 1955.

Em *Tropicália*, Caetano Veloso termina sua canção-manifesto com o brado Carmen Miranda da, da, da, da. Os anos vividos nos Estados Unidos tornaram a artista uma imagem fabricada da América Latina, o que a fez ser duramente criticada por intelectuais daquela época, que viam nela um pastiche, um simulacro. Anos mais tarde, a visão tropicalista, a recupera como ícone nacional, dando-lhe a aura dadaísta e, de fato, a artista mais intuitiva que conceitual, conviveu com o Marcel Duchamp. Embora para mim, ela será sempre a mãe da pop-art. Mas é Caetano ainda que vai, na canção *Tapete Mágico*, fazer uma descrição magistral da cantora, atriz, dançarina e artista visual: *Os Olhos de Carmen Miranda moviam-se, discos voadores fantásticos*.

1- Trechos de Carmen: Uma biografia de Ruy Castro. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2005.

Preparação da árvore de Natal para Carmem Miranda
Atelier do Instituto Sacatar

01



Se Papai Noel fosse egípcio

Performance urbana para um vídeo.

Na página anterior, preparação dos elementos de cena: Uma árvore seca, desmembrada e refeita com ajuda de grampos de aço. Recebeu tratamento de impermeabilização com resina plástica transparente. Enfeites em forma de sapatinhos plataforma, lembrando os sapatos inventados por Carmem Miranda. Cuidei também da criação e confecção de todo o figurino, feitos no meu atelier em seções contaminadas pela alegria da estrela guia.

Roteiro:

O Efêmero e o Eterno, poema de Alberto Heráclito, é o eixo discursivo do caminhar. Em dado momento, o Papai Noel egípcio encontra uma caixa com sapatinhos, miniaturas das plataformas típicas de Carmen Miranda, aos pés do mural de escarvelhos de Santa Luzia, no Comércio. Mais adiante, em frente do mural dos besouros, na entrada para o plano inclinado do Pilar, ele encontra uma árvore recortada.

Sobe o Plano e desce a Ladeira do Carmo no Santo Antônio, chegando no Pelourinho, vira para a rua do Tabuão, encontra a Baixa dos Sapateiros e logo aí o Cine Jandaia.

Em uma vigília no Cine-Teatro, hoje em abandono, decide armar a árvore de Natal de Carmen Miranda onde a artista se apresentou para a Bahia em 1932.



O efêmero e o eterno

Alberto Heráclito
Poeta e Historiador

Contaram-me, certa vez que, o mundo estava preso numa caixinha.
Eu tinha cinco anos quando ouvi isso, sabia?
Disseram-me assim: o mundo é um moinho e cabe numa caixinha.
Por que?
Se as flores do adeus não se expandem para os meus olhos, nem as hélices do adeus se expandem para os meus olhos.
Por que mentiram?
Dessa época em diante ouço Roberto Carlos, ao sabor do teu amor, ó eternidade!
Tu és a minha mais cruel vingança contra a mentira efêmera do mundo!
Ó eternidade!
Ó caixinha de Pandora!
Irei morrer, Pandora?
Aliás, depois de tudo eu soube que na sua caixinha estava escrito:
O homem caminha para a morte!
O homem é um ser para a morte?
(à boca miúda dizem: uma eterna e alarmante construção de si mesmo!!!)
Ó Deus!
Ó Zaratustra, mostre-me o seu rabo!!!
Pode?
Então... mete ligeiro, painho!
Sou tão molinho, mas não sou do sertão, não sou do litoral.
Não mexe com a minha Padilha não, aviso que vou virando um avião.
Cigana do horário nobre do adultério.
Não vá confundindo as coisas, não!
Você sabe aonde a banda toca?
Você sabe?
Na hora da morte...

Não adianta gritar por mainha que ela não vai te acudir não!
É isso que eu lhe digo: na hora da morte!!!
Olha vou te contar: Não sei nada de mim.
Nem mesmo o dia da minha morte. E se eu soubesse? E se você soubesse?
Então saia, tome a sua cerveja, se distraia porque o bicho vai pegar!
E pega e te lasca e te joga em cima de uma cama!
Vá!
Mete ligeiro!!!
Bote aquela música na vitrola, benzinho...
Ai, vá devagar...
Ai, bem
Eu tô brincando!!!
Jesus amado!!!
Eu tava brincando, criatura!
Uiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii
Tudo passa...
Ai!!!!!!!
Tá ardendo!!!!!!!!!!!!!!!
Sabe, deixa eu lhe dizer uma coisa. Pára aí: Arte, ciência, religião, prazer fundiram-se em mim...
Acho que vou parir centauros!
Eu te...
Eu?
Te amo?
Jesus amado. Assim falava Zaratustra, bicho?
O que você fez com a minha cabeça, São Paulo?
Tchau culpa, tô buscando o espelho onde perdi a minha face.
Sai! Sai! sai de cima de mim!!!
Quando você se rebolar caia por cima de mim...
Caia por cima de mim...
Caia por cima de mim...

Caía por cima de mim...

Corrupta com requintes, ai eternidade...

Corrupta com requintes me deixa o seu amor nesse
receituário da delicadeza. Viu?

p.s.1: Recebe o afeto que se encerra no meu peito
juvenil, ou varonil?

p.s.2.: Viva Cristina Leilane, Ana Cristina, Clarice,
Caetano, Nietzsche, Foucault.

Sócrates está me chamando. Para o táxi, Batatinha.
Já estou colocando o cinto.

Viagem longa. Atenas. Pode deixar que eu já vou
jogar o cigarro fora.

Toca o bonde pra Lapinha! [!]

Beto Heráclito, verão de 2007.

1- Texto para a exposição "The Big Bem", na Galeria do Conselho de
Cultura. Encaminha o pensamento do Papai Noel egípcio no vídeo.



Frame Se papai Noel fosse egípcio.
Registro para audiovisual, 2009.



01

Cine Teatro Jandaia, na Baixa dos Sapateiros- Centro Histórico, Salvador. 2009.

Expedição ao Jandaia, com Ayrson Heráclito, Claudio Brito, Marcondes Dourado e Janete Catarino. 2009

Interior do Jandaia com Ayrson Heráclito



11

Cláudio Brito na expedição ao Cine Teatro Jandaia
Salvador, 2009



Palco do Cine Teatro Jandáia
Fotografia, 2009

01



Vitral do Cine Teatro Jandáia
Fotografia, 2009



01



Se Papai Noel fosse egípcio
Video Instalação. Biblioteca de Itaparica, 2009



01

Se Papai Noel fosse egípcio

Montagem para Performance no dia do atelier aberto no Instituto Sacatar. Ilha de Itaparica, 2009

01



Natal em São Paulo
Praça da República, 2009.

2010

Centenário de Pagu

Em 14 de junho (sol em gêmeos) de 1910 nasceu Patrícia Rehder Galvão em São João da Boa Vista. Três anos depois, sua família foi para São Paulo, indo morar na Rua da Liberdade. Noventa e sete anos depois, fui conhecer a Liberdade e tinha um grupo fazendo teatro na rua. A Patrícia Galvão gostava muito de teatro alternativo, coletivo, como esse do grupo Tablado de Arruar que encenava *Helena Pede Perdão e é Esbofeteadá*.

Depois a família de Patsy (primeiro pseudônimo da Patrícia), foi morar no Brás, na Rua Bresser, que ela descreve: “A rua vai escorrendo pelas janelas do bonde”. E vivo Pagu sendo plasmada em 2010, no “Brás do Brasil Brás de todo o mundo!”. Quando morava no Brás, Pagu estudava na Escola Normal do seu bairro e tinha aulas complementares na Escola Normal da Praça da República. Lá recebe o diploma de professora aos dezoito anos. E foi nas suas andanças entre o Brás e a República, perambulando pelo centro de São Paulo, que Patrícia virou Pagu, apelido dado pelo poeta Raul Bopp. Foi então apadrinhada pelo casal modernista Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

Mas o Oswald gamou na Pagu e passaram a viver o *Romance da Época Anarchista!* Em 1930 se casaram simbolicamente no túmulo dos Andrades no Cemitério da Consolação. E, mais tarde, oficialmente na Igreja da Penha. Nesse mesmo túmulo,

está enterrado o primeiro filho deles, que morreu aos sete meses de gestação. Depois veio outro filho, nascido em 1931, o Rudá Galvão de Andrade.

Três meses após o nascimento de Rudá, decepcionada com a intensa vida sexual do Oswald, Patrícia embarca para Buenos Aires para uma série de compromissos culturais. De volta a São Paulo, Patrícia-Patsy-Pagu virou comunista levando o Oswald com ela. Juntos, em 1931, eles editaram o *Jornal Hora do Povo* onde ela tinha a coluna *Mulher do Povo*. O *Jornal* é fechado e eles foram dar um tempo em Santos.

Em Santos, ela participa de um comício e é presa na “cadeia velha” da cidade, que hoje é um centro cultural com seu nome. Santos é a praia, é o mar da vida de Pagu. Lá ela passaria temporadas constantes, como a que viveu em um chalé na Ponta da Praia. Em 2010, oitenta anos depois, Ponta da Praia é um bairro bem movimentado. Da militância entre São Paulo, Rio de Janeiro e Santos, nasceu em 1933, Mara Lobo, pseudônimo do seu primeiro livro: *Parque Industrial*, sobre a vida operária no Brás. “Brás do Brasil, Brás de todo o mundo”.

Mais prisões e muitas tensões com o partido comunista. Pagu viaja como correspondente de jornais brasileiros. Embarca em Santos em um navio japonês. Vai para o Pará, sobe a costa americana até o Canal do Panamá, alcança Nova Orleans, vai para Califórnia e Los Angeles. Decepciona-se com Hollywood, segue para o Japão e depois para China. Lá, recebe sementes de soja do último Imperador, Pu-Yí, e as manda para o Brasil através do Raul Bopp, cônsul no Japão e facilitador de sua viagem. Segue para a Rússia, para ver de perto seu sonho utópico, mas se decepciona com o comunismo. Vai para a França. Em Paris, filia-se à Juventude Comunista e conhece vários intelectuais da onda comuna-dada-surrealista.

Em 1935, volta a São Paulo. Separa-se oficialmente de Oswald e é presa por Getúlio Vargas. Fica em várias cadeias até 1940. Em 1938, ainda na prisão, começa o namoro com seu segundo companheiro, o jornalista Geraldo Ferraz. Escreve para ele uma carta biográfica, depois editada no livro *Paixão Pagu*. Quando sai da prisão, profundamente adoecida, pesando apenas 44 kg, Geraldo lhe aguarda. Em 1941, torna-se novamente uma linda mulher e mãe de Kiko, seu segundo filho, o Geraldo Galvão Ferraz Filho. Em 1942, publica crônicas com o pseudônimo Ariel. No ano seguinte, o casal Ferraz vai morar no Rio de Janeiro. No Rio, surge King Shelter, seu pseudônimo para a revista *Detective*, a revista das emoções, publicada por Nelson Rodrigues. Trabalha também na redação do semanário político *A Vanguarda Socialista*.

Em 1945, Patrícia Galvão e Geraldo Ferraz publicam uma obra a quatro mãos, crítica da militância comunista, chamada: *A Famosa Revista*. Voltam a São Paulo para trabalharem no Diário da Noite de São Paulo, onde Patrícia produziu 113 colunas de 1946 a 1954. Lança apelos para rever seu primeiro filho, o Rudá, que ficou com o pai, Oswald. Em escritos posteriores, Rudá rememora esse encontro com sua mãe na Vila Mariana.

Em 1948, pública o poema *Natureza Morta*, como Solange Sohl, pseudônimo criado em 1942, que diz ser uma pintora libertária. Em 1949 cria a coluna Cor Local. Nesse ano, com um tiro na cabeça, tenta o suicídio. É salva, e no ano seguinte, 1950, candidata-se a deputada estadual pelo PSB e publica o panfleto *Verdades e Liberdades*. Não é eleita, volta-se para o teatro, torna-se aluna da Escola de Arte Dramática de São Paulo e começa a escrever crônicas para *Fanfulla*, jornal da colônia italiana, o que faz até 1953.

Em 1954, Geraldo e Patrícia mudam-se para Santos para trabalharem no Jornal A Tribuna. Continua a estudar na EAD, faz traduções de obras de autores contemporâneos como *A Cantora Careca* de Ionesco. Vai com Geraldo ao velório de Oswald. Reinicia a coluna Cor Local. Escreve para o dominical Literatura Artes Cultura e na seção Artes e Artistas. A partir de 1955 começa a frequentar o Clube de Arte de Santos e publica crônicas com o tema Teatro Mundial Contemporâneo.

De 1955 a 1962, ano de sua morte, escreve sobre Bertolt Brecht, Dostoiévski, Freud, Pirandello, Machado de Assis, Vicente de Carvalho, Arrabal, Alberto Camus, Jorge Luis Borges, Otávio Paz, Par Lagerkvist, Joyce. Entrega-se cada vez mais às experiências teatrais, traduz, produz e dirige peças, como *Fando e Lis* de Arrabal. Entra em contato com jovens atores, autores e diretores, que se tornariam célebres do teatro brasileiro, como Cacilda Becker, José Celso Martinez e Plínio Marcos.

No final de setembro de 1962, viaja para Paris sozinha e doente. Lá dá um tiro no peito. Ao socorrê-la os médicos constatam que Patrícia tem um enorme e avançado tumor no pulmão esquerdo. Geraldo vai buscá-la. Após alguns dias de recuperação retorna a Santos, onde morre aos 52 anos, em 12 de dezembro de 1962. NOTHING é seu último poema.¹

1- Livros usados para construção do texto:

Viva Pagu – Fotobiografia de Patrícia Galvão, de Lúcia Maria Teixeira Furlani e Geraldo Ferraz Galvão. Ed. Unisanta e Imprensa Oficial, São Paulo, 2010.

Paixão Pagu – A autobiografia Precoce de Patrícia Galvão de Patrícia Galvão. Ed. Agir, Rio de Janeiro, 2005.

Patrícia Galvão Pagu Vida - Obra, de Augusto de Campos. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1982.

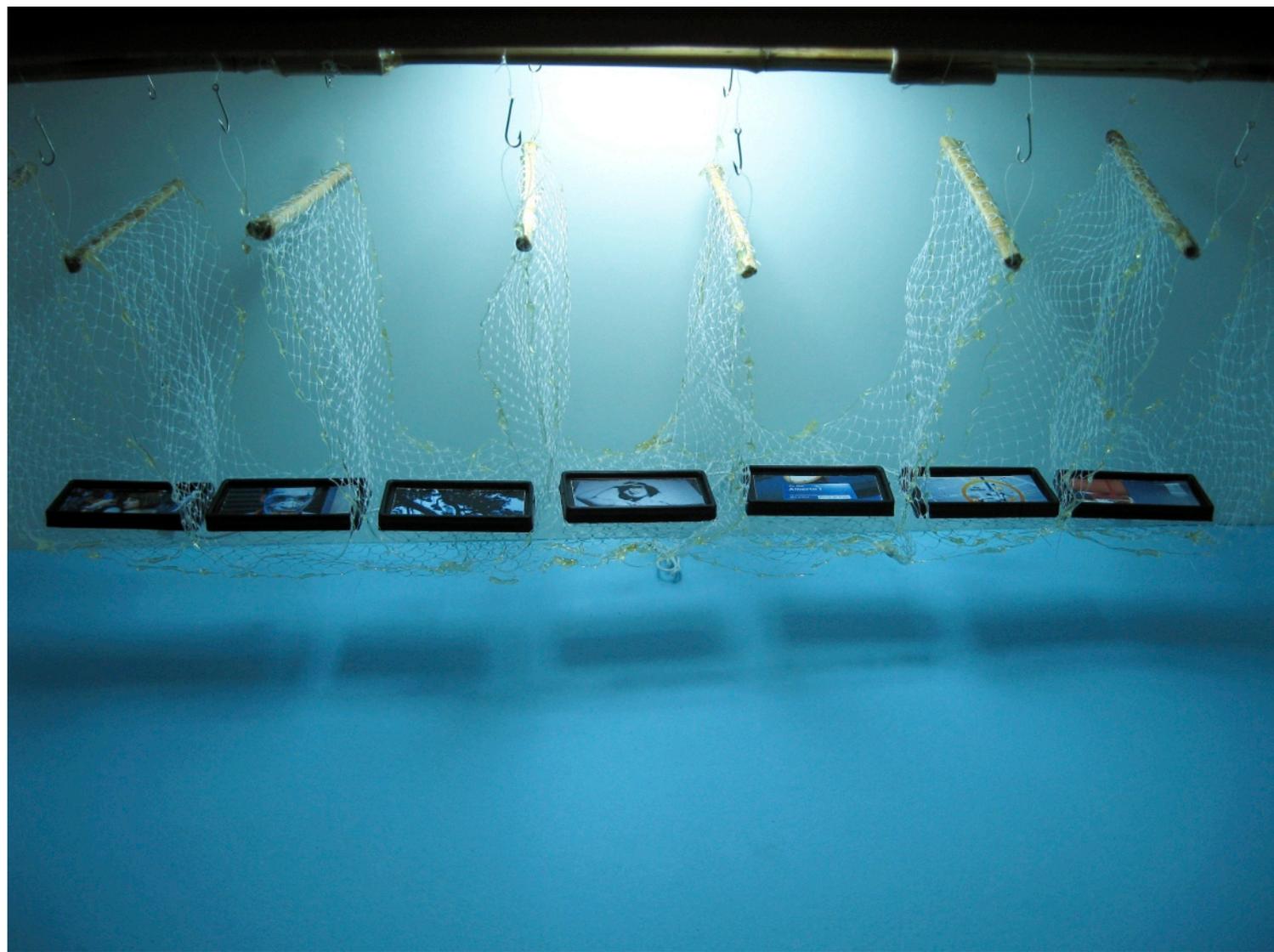
Asfalto no Brás Fotografia. 2010.



Um copo de mar para Pagu

Mapeamento de sete territórios onde Patrícia Galvão fez sua história de vida no século passado. Lugares de forte relação com Pagu nas cidades de São Paulo e Santos, vistos como estavam no ano do seu centenário. O trabalho propunha desdobrar-se em vídeo-instalações, e na edição final unir os sete trechos documentados. O título faz referência ao mote da 29ª Bienal de São Paulo, *Há sempre um copo de mar para um homem navegar*, ocorrido em 2010 e ao meu próprio trabalho em *Água 100+*.

Um copo de mar para Pagu.
Projeto para vídeo instalação. 2010.



01



Território 1 – Liberdade: Em 14 de junho de 1910, nasceu Patrícia Rehder Galvão, em São João de Boa Vista. Três anos depois, sua família vai para São Paulo onde mora na Rua da Liberdade. Noventa e sete anos depois, o grupo de teatro *Tablado de Arruar*, encena lá *Helena pede perdão e é esbofeteada*. Patrícia adorava teatro!

Território 2 – Brás: A segunda morada de Patsy em São Paulo foi no bairro do Brás, na Rua Bresser. Este bairro serviria mais tarde de inspiração para seu primeiro romance: *O Parque Industrial*. “As casas iam escorrendo pela janela do bonde”. Bonde imaginário em 2010 no Brás de todo o mundo.

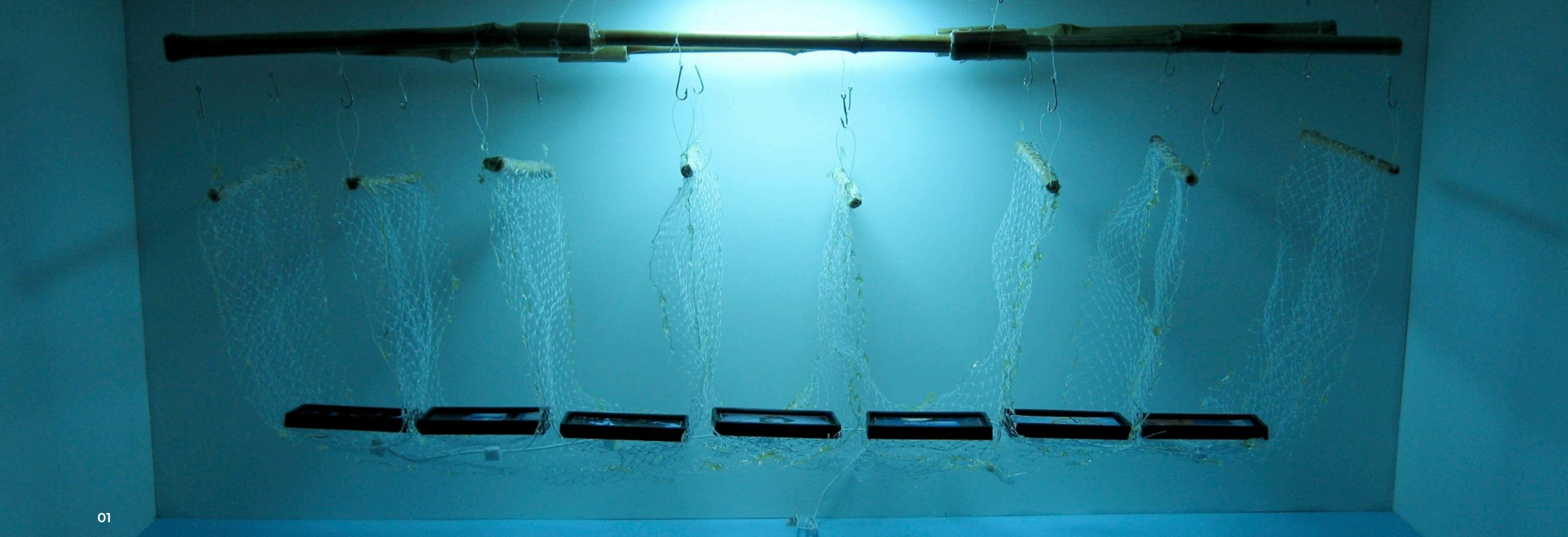
Território 3 - República: Foi nas andanças entre a Escola Normal, do Brás e da República, perambulando pelo centro, que Patrícia virou a Pagu, de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.



Território 4 - Cemitério da Consolação: Mas o Oswald gamou na Pagu, e em 1930 se casaram simbolicamente no túmulo dos Andrades, no Cemitério da Consolação. Logo depois enterraram ali o primeiro filho. Depois nasceu o Rudá.

Território 5 - Cadeia Velha e Ponta da Praia (Santos): Pagu virou comunista levando com ela o Oswald. Em Santos ela é presa na Cadeia Velha, que hoje é um Centro Cultural com seu nome. Na Ponta da Praia, Patrícia escreveu o *Parque Industrial*. Santos é a praia, o mar da vida de Pagu.

Território 6 – Vila Madalena: Ao retornar de uma longa viagem internacional, Pagu é presa pela ditadura de Getúlio Vargas e fica detida por cinco anos. Ao sair da prisão casa-se com o jornalista Geraldo Ferraz, com quem tem seu segundo filho, o Kiko. Vão morar no Rio e, ao voltar para São Paulo, escolhem viver na Vila Mariana, próximos do amigo Lasar Segall.



01



Território 7 – Santos com *Beijos para Yemanjá* na Bahia: Em 1954 Geraldo e Patrícia mudam-se para Santos. Vão trabalhar no Jornal A Tribuna. Lá, além de escrever, Pagu dedica-se cada vez mais ao teatro. Mora em frente a um dos canais de Santos, até sua morte em 1962, aos 52 anos.





01

Um copo de mar para Pagu com Beijos para Yemanjá
Dia de Atelier Aberto, vídeo instalação e processos para Pagu.
Atelier Abadepimentel. Janeiro 2011.

Os filhos da Muiraquitã-Rã I, II e III, pelos 100 anos de Pagu.
Acrílico sobre tela. 80 x 80 cm. 2010.





12



2011

Centenário de Arthur Bispo do Rosário

«Filho de Adriano Bispo do Rosário e Blandina Francisco de Jesus, Arthur Bispo do Rosário nasceu em Japaratuba (SE), por volta de junho de 1909, conforme consta no Livro de Batismo da Igreja de Nossa Senhora da Saúde:

Aos 5 de outubro de 1909 baptisei solememente Arthur, com 3 meses, legítimo de Claudino Bispo do Rosário e Blandina Francisco de Jesus. Foram Padrinhos Maximiniano Ribeiro dos Santos e Candida dos Prazeres.

A data e a paternidade são controversas, pois em registros posteriores figuram, como data de nascimento do artista, os dias 14 de maio de 1909 ou 16 de março de 1911 e, como pai, Adriano Bispo do Rosário.» [1]

Dadas as incertezas não podemos precisar quando ocorre o centenário de Bispo do Rosário. Alguns centenários são assim, começam anos antes toda uma movimentação em torno da chegada aos 100 anos e depois da data precisa, continua um eco reflexivo do fato. Assim, mesmo antes de Pagu, minhas pesquisas já armazenavam dados sobre fatos relacionados ao lendário artista. Não sei se devo definir um perfil de encaixe para o Bispo. Minha compreensão de sua vida e obra formatou-se quando entrei em contato com o crítico Jorge Anthonio e Silva e seu estudo *Arthur Bispo do Rosário Arte e Loucura*, em 2009. Entendi, com o autor, o quanto Bispo

contém tudo sobre dor social: era negro, pobre, romântico, esquizofrênico, paciente do Juliano Moreira. E é certo que Bispo transmutou tudo isso em signos e símbolos ordenados com expressividade contemporânea, que só alguns dos mais eruditos artistas do seu tempo alcançaram. Se é que alcançaram.

A esquizofrenia não é pré-requisito para se ser artista, isso não. Nem me parece ser doença a capacidade de bordar, ordenar e ter a fé do Bispo. É mais profundo ainda, pois foi viver integralmente dentro do inconsciente brasileiro, e viveu isso com afinco.

Em tempos de Damien Hirst e sua caveira de brilhantes, de indiscutível valor material, Bispo incendeia a imaginação de artistas e curadores, com as possibilidades de montagens delicadas, com acuidades próprias da obra de arte contemporânea, que traz a tona o entendimento sobre os mais complexos sentimentos humanos. E vence em valor imaterial, desconstruindo o jogo comercial da arte.

Atualmente, um dos artistas mais discutidos da cultura nacional, Arthur Bispo do Rosário, na década de 1920, deixou Japaratuba para tentar a vida no Rio de Janeiro. Lá, ingressou na Marinha tanto exercendo a função de marinheiro como desenvolvendo suas habilidades como pugilista, chegando a tornar-se campeão brasileiro e sul-americano de boxe, na categoria peso leve. Depois ingressou na Light, companhia de fornecimento de energia carioca, e trabalhou também como lavador de bonde e borracheiro. Na Light sofreu um acidente e, ao mover uma ação judicial, conheceu o advogado Humberto Leone. Posteriormente, trabalhou na casa do advogado fazendo todo tipo de serviço doméstico e negando-se a receber salário.

No dia 22 de dezembro de 1938, teria visto Cristo descer no quintal da casa de seu advogado, acompanhado de sete anjos azuis. Com a visão, tudo mudaria em sua vida; proclamou-se Jesus Cristo, sendo internado no Manicômio da Praia Vermelha com o diagnóstico de esquizofrênico-paranoico.

No ano seguinte, foi transferido para a Colônia Juliano Moreira, sendo alojado num pavilhão reservado aos pacientes mais agressivos e agitados. Permaneceu na Colônia até 1944. Ao sair passou por vários empregos: trabalhou em um hotel, em um escritório de advocacia e como segurança do senador Humberto Marinho. No início dos anos 1960, exerceu a função de faz tudo em uma clínica pediátrica. Lá, morando isolado no sótão, desenvolveu grande parte de sua produção artística. Em 1969 retornou à Colônia onde ficou até a sua morte em 1989.

Em 2011, o caderno Ilustrada da Folha de S. Paulo tratou duas vezes de Bispo, conforme o breve resumo das matérias abaixo:

19/02/2011 - Bienal de SP vai homenagear Bispo do Rosário em 2012 - Fabio Cypriano em Madri
«Arthur Bispo do Rosário (1911-1989), marinho que foi interno de um hospital psiquiátrico e nunca produziu obras para o circuito das artes, será um dos artistas centrais da 30ª Bienal de São Paulo, em 2012, adiantou à Folha, anteontem, o curador Luis Pérez-Oramas.

O que me interessa no Bispo do Rosário é que ele foi uma figura periférica, cuja obra está centrada na invenção da linguagem, disse Oramas, no café do Circullo de Bellas Artes, em Madri. Para ele, uma das questões centrais de sua Bienal será discutir os limites da arte.»

30/05/2011 - Bispo do Rosário volta a ocupar espaço de artista contemporâneo - Fabio Cyprian de São Paulo: «Com a presença anunciada na Bienal de Lyon, em setembro, em mostras na Bélgica e na Espanha, também em 2011, e um dos principais destaques da 30ª Bienal de São Paulo, no próximo ano, Arthur Bispo do Rosário parece ocupar o espaço que lhe reivindicavam: o de um artista contemporâneo. Ele mesmo dizia que seria um grande artista e as pessoas iriam falar muito dele. Apresentá-lo como um louco é uma glamorização desnecessária, diz Wilson Lázaro, curador do Museu Bispo do Rosário, na Colônia Juliano Moreira, no Rio.

Há anos, trava-se um debate sobre como deve ser vista a obra de Arthur Bispo do Rosário (1911-1989), interno da Colônia Juliano Moreira, um hospital psiquiátrico: Teria sido criada por um artista contemporâneo, um "louco" ou um criador popular.»

Em 2011, publiquei no blog Fonte Plural, da socióloga Dalva Teodoresco (www.fonteplural.blogspot.com), textos sobre a pesquisa do Bispo, escolhi dois para ficar um pouco mais dentro da luz daquele que para mim é o sol mais lindo e louco que esse país tem:

QUAL A COR DO MEU SEMBLANTE?

«Para entrar na sala onde vivia tecendo e organizando sua obra, era necessário entrar no delírio organizatório do artista, respondendo-se a um enigma por ele proposto: “Qual a cor do meu semblante?” ou “De que cor você vê minha aura?» [1]

Aos que respondiam com alguma cor, qualquer que fosse, Bispo permitia ver sua obra. Mas, normalmente, satisfeitas as suas curiosidades sobre os trabalhos de Bispo, as pessoas não o buscavam mais. Houve, porém, Rosângela Maria, uma estagiária de psicologia, com pouco mais de vinte anos, que, buscando se diferenciar do paciente, negou-se a entrar em seu jogo, respondendo não ver cor alguma. Recebeu várias recusas de Bispo, em diversas tentativas de aproximação com o universo do paciente. Mas finalmente, conseguiu sua aceitação e permissão de entrar, ao mostrar seu interesse mais profundo por ele, revelado na sistematização da freqüência, que desenvolveu para suas visitas, o que proporcionou a Bispo um certo sentido de temporalidade.

A convivência fez com que ele desenvolvesse um profundo sentimento por ela, contrariando a visão médica de que os esquizofrênicos perdem a capacidade de afeto. A relação se consolidou em torno de seu desejo unilateral. Ao conseguir um relógio que não funcionava, passou a manipulá-lo, na esperança de que assim a estagiária apareceria. Mas ela lhe explica que não basta seu desejo para que as coisas aconteçam. Ele começa a lhe dar dicas de como gosta que uma mulher se vista, e a demonstrar ciúmes dos seus outros pacientes. Passa também a tomar banho e a se pentear para esperá-la.

Como relata Jorge Anthonio e Silva: «A presença obsessiva do nome dessa mulher na obra de Bispo chega à expressão de uma confissão profunda do artista, quando escreve: “Diretora de tudo eu tenho.” Coloca-a como alter-ego em sua diária tarefa de organizar o mundo por meio dos objetos de sua realidade asilar.» [1]

A convivência dos dois durou cerca de dois anos e o processo de separação foi dramático. Em certa ocasião, ao pressentir a despedida da estagiária, Bispo trabalhou uma cadeira com rodinhas, com várias correntes. Diz a Rosângela ser este seu trono, pede que se sente nela e começa a movimentá-la com fúria. Ela explica que ele não poderá acorrentá-la a ele, que esteve ali para arrebenatar suas correntes. A experiência faz surgir à obra *O Trono Acorrentado*.

Mas sua mais bela obra para ela, Rosângela só veria na penúltima sessão com Bispo: «Ele fechou a grade da sua cela no Juliano Moreira e a levou ao quarto, cuja porta também tentou fechar, o que ela não permitiu. No quarto ela então se deparou com *A Cama para Romeu e Julieta*, uma cama com dossel e enfeites de cordões coloridos. Ao saber o nome da cama, Rosângela lhe perguntou se ele sabia como terminavam Romeu e Julieta. Ele respondeu que só queria representar [...] “eu aceito, eu sei que você vai embora. Você pode ir embora”» [1]

Voltaram a se ver sete anos depois, quando Bispo resolveu ficar sem se alimentar para tornar-se transparente. Depois desse encontro, ele voltou a produzir e até sua morte não permitiu que lhe prestassem mais quaisquer cuidados terapêuticos.

ORDENAR EM BISPO: FÉ, MACUMBA E MAGIA

A prática de Artur Bispo do Rosário era a de ordenar, catalogar, preencher, envolver e, com esses procedimentos, criar obras movidas por uma loucura santa, pois testemunha de uma fé inabalável. A fé dos ditos loucos é assim, desmedida, demasiada. Mas quando entendemos o que é desordem e caos, sintomas de loucura, sanados pela ordenação, catalogação, preenchimento e envolvimento, somos necessariamente levados a aprofundar nosso olhar sobre os artefatos produzidos por Bispo, em busca de novos significados e de nossas próprias curas.

Para Artur ordenar é lidar com o pensamento hierárquico, confirmando status, conflitando ou alterando as relações amplamente estabelecidas. A confirmação se dá pelo reconhecimento de elementos da mesma origem, mesma cor, mesmo tamanho. O conflito prevê o distanciamento dos elementos, quando comparados em suas diferentes medidas. A alteração é a confirmação de uma nova ordem desejada.

Catalogar em artes visuais é sinônimo de mapear. Mais do que um arquivismo de dados de uma experiência científica, é a confirmação de uma poética que vai buscar nos signos gráficos ao mesmo tempo ordem e inebriamento, precisão e difusão. Em Bispo quase sempre é o uso da escrita e da numeração, tornando a escrita em algo visível, em um signo que traz uma carga visual destacada. Seu catalogar é antes de tudo uma tensão visual. No catalogar de Bispo, percebe-se que uma lei maior permeia a ordenação espacial.

Preencher é a eliminação da lacuna. É sobrepor ao valor efêmero que possuem os materiais, o valor eterno que só uma nova significação superior à condição meramente física alcança. Em Bispo, o preenchimento é movido por uma obsessão de ser o tudo, de levar tudo, de ser ao máximo. Ele é rico e poderoso por ter tudo aquilo que significa muito e, uma vez preenchidos os espaços com esses símbolos, uma grande dor do ser e do ter é resolvida.

Envolver ou encapsular é guardar a aparência real das coisas, dando a estas, outras qualidades e sentidos. Assim, quando Bispo envolve uma ferramenta de metal, uma serra, por exemplo, com fios de linha, transforma a fruição do objeto que normalmente seria lido pela sua função em um objeto simbólico. Tornar macio o que é duro, torna aparentemente leve o que é pesado, torna-se o guardião da forma disfarçando sua aparência. Para Jorge Anthonio e Silva «Mudar a exterioridade dos corpos, pelo processo de encapsulamento, é um princípio cuja propriedade subjetiva pode estar nas origens da condição paradoxal do artista, com a cisão do eu e a projeção do inconsciente sobre a razão.»¹

Talheres é um exemplo do ato puro de ordenar: são 49 colheres de sopa, dez colheres de chá, quatro de café, cinco de sobremesa, dez garfos e seis facas, em metais variados. Nesta montagem também há um total preenchimento da base.

Em *Macumba* elementos de rituais religiosos, são ordenados em uma montagem em forma de vitrine. As imagens de santos, e mitos de umbanda estão na parte de cima, com elementos de oferendas, colares, crucifixo e estrela de David. Embaixo, predominam elementos decorativos, associados a uma série de colares.

O preenchimento obedece a uma hierarquia de ordenação.

Em *Abajur*, a intuição mística estaria mais para um ato de magia, se vista em contraponto com *Macumba*. Sugere uma casa, com certo clima para sua diretora de tudo: Rosângela Maria. Na parte de cima, predominam elementos decorativos, com os abajures, réplicas das esculturas da cabeça de Nefertit e de um mago árabe. Na parte de baixo, elementos encapsulados e outros em plástico e metal nos sugerem a parte estrutural do edifício.

O *Manto* é o próprio testemunho da fé em Bispo. Nele tudo é ordenação, preenchimento, catalogação e envolvimento. A obra tem a finalidade de promover seu encontro com o divino na hora em que anjos o guiariam para a construção de um novo tempo.

Tomara, Bispo, que nossos destinos tenham sido traçados pela sua santa loucura, em ato de Fé, Macumba e Magia.

1 - Arhur Bispo do Rosário arte e loucura de Jorge Anthonio e Silva.
Ed. Quaisquer, São Paulo. 2003.

Imagens das obras de Bispo:

Imagens do inconsciente. Mostra do descobrimento organizado por Nelson Aguilar.
Fundação Bienal de São Paulo. – São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.



O Sistema Solar de Bispo
Acrílica sobre tela, 80x80 cm, 2011

02





Talheres
Acrílica sobre tela, 80x120 cm, 2011



02

Um sol para Arthur Bispo do Rosário



Túmulo de Artur Bispo do Rosário. Japaratuba. 2011

01

No período de 14 a 19 de novembro de 2011, estive em Japaratuba, cidade onde entre os anos de 1909 e 1911, aconteceu o nascimento e registro de Arthur Bispo do Rosário. A viagem de reconhecimento da cidade natal do artista brasileiro resultou em uma série de fotos e tomadas de audiovisuais, homenageando a chegada de Bispo na casa dos centenários brasileiros.

Localizado no Vale do Cotinguiba, na zona Norte do Estado e distante apenas 54 km de Aracaju, Japaratuba é um município com 374,3 km² e com população estimada em 15.352 habitantes, segundo o censo de 2004. Desde a sua formação, estabeleceram-se engenhos em volta da Missão, motivo pelo qual recebeu um grande fluxo de escravos. De acordo com o historiador Felisbela Freire, o município chegou a ter mais escravos do que pessoas livres. O município também abrigou um dos mais importantes quilombos de Sergipe, hoje o povoado Patioba.

Japaratuba está a 21 Km do Atlântico, na foz do rio que lhe dá nome. O município sustenta a mítica de que teria sido ponto de desembarques de egípcios e fenícios, antes da colonização europeia na América: «Inscrições cuneiformes relacionadas à possível presença desses povos, foram localizadas na área rural de Japaratuba. Embora não haja rigor científico na identificação desses sinais, a presença de egípcios e fenícios é

fato na fabulação dos habitantes da cidade e em sua rede imaginária. Buscando-se semelhança entre esses trabalhos e os de Bispo, e sem qualquer intenção de se comprovar ou sugerir alguma hipótese, merecem atenção os objetos esculturais, série marcante como procedimento plástico e valorizada pela crítica em exposições»

Japaratuba quer dizer rio de muitas voltas. De fato, seu povo acredita na lenda que egípcios e fenícios visitavam suas terras trazendo oferendas de seus deuses. Minha intervenção consistiu em levar à cidade onze cerâmicas com o escaravelho, besouro que para egípcios antigos simbolizava o sol e a eternidade. Com essas cerâmicas foi feito o mapeamento do dia a dia da cidade. No fim dessa primeira etapa, as cerâmicas foram fixadas em uma base de fácil remoção, embaixo da placa que delimita o perímetro urbano da cidade.

Depois fui a São Paulo conversar pessoalmente com o Professor Doutor Jorge Anthonio e Silva, a quem devo muito do que relato aqui sobre o Bispo.

Textos sobre Bispo construído com referência ao livro: *Arthur Bispo do Rosário Arte e Loucura* de Jorge Anthonio e Silva. Ed. Quaisquer, São Paulo. 2003.
Dados sobre Japaratuba: <http://www.japaratuba.se.gov.br>
Cartilha Cultural de Japaratuba - 1998
Sergipe Panorâmico - 2002
História dos Municípios - 2003

Caminhão em Japaratuba
Fotografia, 2011



01



Intervenção em Japaratuba
Fotografia, 2011

01



Intervenção em Japaratinga
Fotografia, 2011

01



Intervenção em Japaratinga
Fotografia, 2011



Intervenção em Japaratuba
Fotografia, 2011



Um sol Arthur Bispo
Intervenção em Japaratuba
Fotografia, 2011

2012

Centenário de Mazzaropi, Jorge Amado, Nelson Rodrigues e Luiz Gonzaga

Exu Hermes Trismegisto

Durante o ano de 2012 desenvolvi um processo sintetizado na busca por um Hermes Trismegisto brasileiro. Espírito máximo do ocultismo, Hermes Trismegisto, três vezes o grande, é o Ser que busca o desenvolvimento da filosofia, arquitetura e medicina. Três sandálias foram confeccionadas, cada uma em referência ao universo de três artistas brasileiros que no ano de 2012, entraram na casa dos 100 anos, tornando-se objeto de inúmeras homenagens pelo Brasil afora: Jorge Amado, Nelson Rodrigues e Luiz Gonzaga.

O material para confecção destas sandálias foi comprado na Rua Pestana Duarte, no Brás em São Paulo e no Tabuão, no Pelourinho em Salvador, territórios que concentram nos dois estados as matérias primas para sapateiros. O intuito era produzir uma sandália com espírito de circulação, pois se trata de um objeto símbolo da comunicação.

O desenho foi pensado após ver a exposição *Os Imperadores* no Masp, sobre o Império Romano. Lembro que o Hermes Trismegisto herda desse império, onde era chamado de Mercúrio, o acúmulo dos conhecimentos sobre arquitetura, do Egito, onde era denominado Thot, os conhecimentos sobre

medicina e, da Grécia (Hermes), os conhecimentos sobre filosofia. Este ser, que reunia o conhecimento do mundo antigo, tornou-se para os alquimistas *O Três Vezes Grande*, daí o seu nome. Fez parte do desenvolvimento do meu trabalho um diálogo do Hermes Trismegisto (cultura clássica) com Exu, mensageiro para várias nações africanas, de grande penetração no Brasil.

Nasce assim o Exu Hermes Trismegisto, pensado como uma viagem aérea composta de quatro movimentos contínuos: repouso, decolagem, voo e aterrisagem.

O Exu Hermes faz assim o Repouso em Mazzaropi, para quem criei uma instalação no atelier, em mostras abertas ao público em vários locais de Salvador para a Semana da Diversidade Sexual do Grupo Gay da Bahia. Essa instalação, que chamei: *Uma bandeira em Ganimedes pelos 100 anos de Mazzaropi*, montagem com peças do acervo erótico do GGB, fazia uma atmosfera para o Orixá Exu, com os muitos falos que correspondem a sua mitologia. Casais dos mais variados gêneros, com peças de muitos países do mundo criavam a energia amorosa e saldavam as delícias do sexo.

Ainda em Salvador no Circuito das Artes 2012 estive na Galeria do ACBEU, onde apresentei fotografias das três sandálias em um ensaio que sinaliza as demais etapas do Exu Hermes: Decolar com Nelson Rodrigues, Voo com Jorge Amado e Aterrisagem com Luiz Gonzaga.

Escolhi então São Paulo, por contar com o apoio de Edward Macrae e registros de Maria Pinheiro, para executar os movimentos em performances para captura audiovisual. A decolagem para Nelson Rodrigues, que se torna arquiteto das

2012

nossas inquietações com as escalas construtivas, a partir da carpintaria de sua dramaturgia em *O Beijo no Asfalto*, sintetizada em movimentações no vão livre da arquiteta Lina Bo Bardi para o Masp, na Avenida Paulista.

Com as sandálias para Jorge Amado, que se torna a porção filósofo do Exu Hermes, faço o voo reflexivo sobre a ambiência cultural da Praça Roosevelt, indo de encontro ao que restou do Teatro Cultura Artística, um monumental mosaico de Di Cavalcanti da sua fachada, estabilizado com suporte enquanto se dá continuidade a reconstrução do teatro, destruído em um incêndio.

Para o Exu Hermes Luiz Gonzaga, tornado o médico, o curandeiro das dores do povo, uma aterrissagem no Mercado Municipal de São Paulo na Avenida Mercúrio, para degustar um delicioso *Baião de Dois*, tema de sua famosa composição. No Terreiro Ilê Axé Obá Ladanê, em Gamboa na Ilha de Itaparica, encontrei o toque dos alabês para Exu, que dão a levada rítmica da eterna viagem contida nos quatros movimentos.

Construção das sandálias para Exus Hermes-Trismegistro
Atelier abadepimentel. 2012



01





02

Conversa de escritores com a eternidade. Pelos centenários
de Jorge Amado e Nelson Rodrigues
Díptico, acrílica sobre tela, 80 x160 cm, 2012.

Forró na lua do centenário de Luiz Gonzaga
Acrílica sobre tela. 80x80 cm.



A superação do pânico de ser um caipira

Amácio Mazzaropi participou de 32 filmes atuando como produtor, diretor e ator. Antes do cinema trabalhou em circos, fundou sua própria trupe e seu próprio teatro. Foi sucesso estrondoso em rádios nas décadas de 1940, 50 e 60. Fez o lançamento da televisão no Brasil em 18 de setembro de 1950, quando é inaugurada a primeira emissora brasileira, a TV Difusora de São Paulo, canal 3. Aos 46 anos resolve criar sua própria produtora, a Produções Amácio Mazzaropi (P.A.M. FILMES): «Com recursos próprios, inicia as filmagens, vendendo a casa, carro e tudo que podia para alugar os estúdios e equipamentos da Companhia Vera Cruz.» [1]

Em 1961, Mazzaropi adquire os 184 alqueires da Fazenda da Santa e inicia a construção do primeiro estúdio. «O ano de 1975 marca o início das construções do novo estúdio localizado no Bairro dos Remédios, em Taubaté, numa área de 160 mil m², com 20 apartamentos luxuosos, restaurantes, estúdio de 1.000 m², piscina, lago, alojamentos para equipe técnica e artistas, reserva técnica, oficina de cenários, carpintaria e outras instalações. O novo local leva o nome Hotel Studio PAM Filmes.» [1]

Mas para entender o eterno Jeca brasileiro, que se tornou uma das maiores referências em cinema nacional, voltemos a sua infância e juventude vividas entre São Paulo, onde nasceu no

dia 9 de abril de 1912, e em Taubaté e Tremembé, cidades onde viviam os avós paternos italianos e maternos portugueses. Lugares onde desenvolveu a veia artística que o conduziu ao universo do caipira e a descobrir a paixão pelo circo. Os pais para fazê-lo desistir da vida circense o mandam para Curitiba, onde desenvolve habilidades comerciais. De volta a São Paulo ingressa em uma turnê, onde conseguem para ele um documento que transforma seus 14 em 19 anos: «Agora ele podia contar as piadas picantes que o povo gostava».

Em 1929, sem dinheiro, deixa o circo, volta para a casa dos pais e torna-se tecelão da Companhia Taubaté Industrial. «Em 1931 volta de novo a fazer teatro, agora como ator e diretor no salão do Externato Sagrado Coração de Maria, do Convento de Santa Clara, em Taubaté.» [1]

Daí até sua morte em 1981, aos 69 anos, Mazzaropi nunca mais parou de produzir. Deixou um patrimônio artístico de inegável valor, reunindo todos os possíveis jecas brasileiros, construções representativas de cafonices do dia a dia, de um povo que se adaptava a um país que se torna moderno. E por ter em um campo de enormes tensões tecnológicas e espaciais, como é o mundo do cinema, instalado sua produtora e realizado suas produções.

Em 1991, é criado o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade de Taubaté, que inicia o trabalho de recuperação da história de Amácio Mazzaropi. Em 1992, a Universidade de Taubaté e o Hotel Fazenda Mazzaropi assinam um acordo de comodato. O CDPH e o Museu do Homem Caipira são transferidos para uma área cedida pelo Hotel. Os acervos sobre Mazzaropi da Universidade e do Hotel são expostos ao público.

Em 1994, é realizada a exposição e catálogo *Mazzaropi. A imagem de um caipira* no SESC Interlagos, São Paulo, numa realização conjunta da Universidade de Taubaté, Hotel Fazenda Mazzaropi e SESC. O evento é visitado por mais de 200 mil pessoas. Encerrado o comodato entre a UNITAU e o Hotel Fazenda Mazzaropi, o CDPH continua suas pesquisas sobre o cineasta e o Hotel inaugura o Museu Mazzaropi dando início a uma série de ações que visam recuperar e divulgar a memória do ator.

Em 1996 o Museu passa a promover, sempre em abril, a *Semana Mazzaropi*. Em 1998 é feito um convênio de cooperação cultural entre a Universidade de Taubaté e Hotel Fazenda Mazzaropi. E em 2000, o Museu Mazzaropi, em parceria com a Votorantim, começa a restauração da Fazenda Santa onde Mazzaropi montou seu primeiro estúdio de cinema.¹



1- Texto a partir de "Cronologia Mazzaropi" da Profa. Olga Rodrigues Nunes de Souza disponível na íntegra no site do Museu Mazzaropi:

<http://www.museumazzaropi.org.br/>

Essa cronologia foi originalmente publicada no Jornal do Mazza para a Semana Mazzaropi de abril de 2000. Jornal do Mazza é uma publicação do Museu Mazzaropi entidade mantida pelo Instituto Mazzaropi – Taubaté, SP. A autora é Coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade de Taubaté, membro do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV) e membro do Conselho Municipal de Turismo, Patrimônio, de São Luiz do Paraitinga (COMTUR).



01



Uma bandeira em Ganimedes pelos 100 anos de Mazzaropi.
Instalação com peças do Museu erótico do GGB.
Atelier Abadepimentel. 2012.



Kama Sutra, detalhe de Uma Bandeira em Ganimedes pelos 100 anos de Mazzaropi.
Instalação com peças do Museu Erótico do GGB.
Atelier Abadepimentel. 2012.

«Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico.» Nelson Rodrigues [1]

«Nelson Rodrigues nasceu da cidade do Recife - PE, em 23 de agosto de 1912, quinto filho dos catorzes que o casal Maria Esther Falcão e o jornalista Mário Rodrigues puseram no mundo.»

O Eros Rodrigues

Com tantos irmãos, a convivência coletiva era bastante intensa. O pai deputado pernambucano, exilado no Rio de Janeiro, volta com força para o jornalismo, uma forte paixão. As ambiências espaciais de Nelson no Rio de Janeiro começam na primeira casa na Zona Norte, que fará nascer vários personagens em sua obra. E onde ocorre um fato pitoresco: o pequeno Nelson com quatro anos, foi surpreendido em cima de uma pequena vizinha, de três anos em um tórrido beijo. Aos sete anos quando é matriculado na escola sua aparência

física causa impacto: «O que, no entanto, causava espécie, era sua cabeça — desproporcional em relação ao tronco — e suas pernas cabeludas.» [1]

Aos oito anos Nelson faz de uma redação escolar uma história de adultério, chocando pelo tema e boa escrita. Brigas de ciúmes eram freqüentes por parte da mãe. É quando começa a ler romances para adultos, que «Mudavam os autores, mas no fundo era uma coisa só. A morte punindo o sexo ou o sexo punindo a morte». Descobre outra paixão: o futebol e o Fluminense.

Em 1922, muda-se para a Tijuca, fato que, na época, demonstrava uma nítida melhora de padrão de vida. No ano de 1926, na segunda série do ginásio, foi expulso do Colégio Batista, na Tijuca, por rebeldia. O pai que foi trabalhar no Correio da manhã, permitindo essa ascensão para zona sul, é preso, «Nelson e família haviam mudado para uma casa na Rua Inhangá e eram vizinhos do hotel Copacabana Palace. Ali, aos doze anos, o autor aprendeu a nadar. Mas, aos poucos, a medida em que entrava na adolescência, foi sendo possuído por uma indolência melancólica, ficando depressivo, suspirando pelos cantos e dizendo: Eu sou um triste!» [1]

Ao ser libertado, seu pai volta ao jornal e é surpreendido com a notícia de que não haveria mais um diretor permanente, cargo esse que detinha. Daí surgiu seu próprio jornal, A Manhã onde «Nelson inicia sua carreira jornalística em 29 de dezembro de 1925, como repórter de polícia, ganhando trinta mil réis por mês. Tinha treze anos e meio, era alto, magro e seus cabelos eram indomáveis. Embora fosse filho do patrão, teve que comprar calças compridas para impor respeito aos colegas de redação.» [1]

Seu talento literário nessa tenra idade já é comentado: «O autor impressiona os colegas com sua capacidade de dramatizar pequenos acontecimentos. Especializou-se em descrever pactos de morte entre jovens namorados, tão constantes naquela época». E o Eros Rodrigues torna-se assim um Exu-Hermes: «Na zona preta do Mangue, na rua Pinto de Azevedo, estavam concentradas as prostitutas mais pobres e esculhambadas, negras na maioria, a dois mil réis por alguns minutos. Mas o autor preferiu as da rua Benedito Hipólito, mais asseadas e que ficavam em ambientes melhores, embora o preço subisse para cinco mil réis. Ali, aos catorze anos, Nelson foi pela primeira vez com uma mulher para dentro de um quarto. Ficou freguês.» [1]

1- Todas as citações foram retiradas da biografia de Nelson Rodrigues no site: http://www.releituras.com/nelsonr_bio.asp

O site é um projeto de Arnaldo Nogueira Júnior. No fim do texto o autor da biografia esclarece que "Os dados acima foram extraídos de sites na internet, livros do autor e, em especial, do livro "Anjo Pornográfico", escrito por Ruy Castro para a Companhia das Letras, São Paulo, 1992, cuja leitura recomendamos."



Frame de Decolagem com Nelson Rodrigues.
Registro de Maria Pinheiro para audiovisual. 2012.



Nelson Rodrigues

01



A decolagem com Nelson Rodrigues.
Circuito Cultural, Galeria ACBEU.
Fotografia. 2012.

O encontro de Jorge e Zélia no coração de São Paulo

Em 1945, Zélia Gattai e Jorge Amado se conheceram no primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, quando trabalharam juntos no movimento pela anistia dos presos políticos. O escritor com alguns livros publicados e perseguido pela polícia política, pelo que escrevia e falava, era bastante respeitado e já muito admirado por ela. Zélia Gattai descreve assim o começo do namoro com Jorge Amado, ocorrido em sua cidade natal, São Paulo:

«Estava lá em São Paulo, o Pablo Neruda, que foi para um comício que nós organizamos, e houve um banquete para o Pablo Neruda. Quando terminou o banquete, eu já ia embora para casa, e Jorge me disse: Eu vou levar o Neruda até o hotel dele e se você quiser, eu te dou uma carona, eu levo você. E aí eu aceitei. Ele ia na frente com o motorista do taxi, e atrás, Neruda com a mulher dele e eu. Quando passamos em um local em frente ao Teatro Municipal, onde se fazem feiras de flores todos os dias, naquela hora estavam chegando as flores. Aí ele mandou o chofer parar o taxi, o chofer parou, ele desceu, tinha uma mulher com uma lata cheia de cravos vermelhos, mais muitos!

Ele comprou todos os cravos, veio até o taxi, abriu a porta e me deu um banho de cravos da cabeça aos pés. Me cobriu de flores.» 1. Risos dela e de Jorge ganham o audiovisual da Fundação Casa de Jorge Amado.

A junção desse tão baiano com uma paulistana, filha de anarquistas italianos, foi para vida toda. Zélia, «Em 1963 mudou-se com a família para a casa do Rio Vermelho, em Salvador, na Bahia, onde tinha um laboratório e se dedicava à fotografia, tendo lançado a fotobiografia de Jorge Amado intitulada *Reportagem Incompleta*.» 2 . Essa casa, agora um Museu que consagra o amor dos dois escritores, tem em seu jardim, arejado pela brisa do mar do Rio Vermelho, uma escultura de Exu, a dar as boas-vindas aos visitantes.

Também na Fundação Casa do Jorge Amado, no Pelourinho, a pedido do escritor, Exu é o guardião: «Mesmo antes que a casa fosse inaugurada, Jorge fez questão de que se assentasse o orixá na entrada da Casa. No seu livro de memórias, relembra a decisão: Exu é conhecido como o orixá da comunicação. É sempre o primeiro a receber oferendas, já que se acredita que seja o responsável pela ligação entre o mundo material e o mundo espiritual. Alegre, brincalhão e generoso, é, também, ciumento – pode trancar os caminhos, provocar discussões e criar armadilhas aos que estão em falta com ele. É comum que se assente o Exu na entrada das casas de candomblé como guardiões.» [3]

O voo, parte da viagem mais contemplativa é dedicado ao Exu-Hermes Jorge Amado e visita o que restou do Teatro Cultura Artística, atingido por um incêndio. Faço o percurso chegando pela Praça Roosevelt. O mural de Di Cavalcante, amigo do casal Gattai-Amado, que toma toda a fachada do edifício é o que restou, exibindo um sopro de esperança de que a memória guardada, em arquiteturas de valores artísticos e culturais inegáveis, quando atingidas sejam reconstruídas, renascidas.

O mistério que cria o amor, que como o deles constituído, reverberam e ajudam a outros superarem as mesquinhas, das convivências entre as diversidades de gêneros, de raças, de credos e de territórios em nosso país. Amor como o deles só pode nos ajudar.

1 - Vídeo «Zélia Gattai fala do começo com Jorge Amado»:

<https://www.youtube.com/watch?v=sxf52oWqY7Q>

2 - Biografia de Zélia Gattai na Wikipedia:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Z%91lia_Gattai

3 - Texto da Fundação casa de Jorge Amado:

http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=53



Frame de Voo com Jorge Amado.
Registro de Maria Pinheiro para audiovisual. 2012.

CAPTAINS OF THE SANDS
Captains of the sands



Jorge Amado

CAPTAINS OF THE SANDS



Under the moon in an abandoned warehouse the children sleep.
On the black boulders, near the warehouse
or arrived with gentle force. In those days the
rest, lit by the yellow moon
stranded
this bridge, long
for the

01



Voo com Jorge Amado.
Circuito Cultural, Galeria
ACBEU
Fotografia. 2012.

Nascido em Exu

Exu é um município brasileiro do estado de Pernambuco. A região era primitivamente habitada pelos indígenas Ançus, do tronco dos Cariris. Em 1734, foi criada a freguesia do Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Exu. Torna-se município em 7 de junho de 1885. O município foi extinto em 1895 e restaurado 1907, com a denominação de Novo Exu. Em 1938, o município de Novo Exu passou a denominar-se Exu.

Não se sabe se o nome da cidade, Exu, é a corruptela de um eco indígena, a tribo Ançu ou das abelhas inxu, e ainda da palavra judaica Yeshu que significa Jesus, trazida por cristãos novos que ali habitaram quando se torna a freguesia Aflitos de Exu. Mas é impressionante a coincidência com o nome do Orixá mensageiro. Porém o site Wikipédia adverte: «Há que se notar que dificilmente as origens do nome sejam no orixá homônimo, haja vista que à altura da fundação da vila, criada por colonos, apenas indígenas habitavam o local».

Contanto, eu perguntaria se existe uma distância impossível entre o Hermes Trismegisto dos alquimistas, que guarda em ordens secretas os conhecimentos pré-cristão no mediterrâneo, no seio das instituições católicas e depois protestantes, e o mensageiro Jesus? Acho que a distância Hermes Trismegisto e Jesus é mínima. A questão é quanto o cristianismo é separado do mensageiro do panteão africano, Exu. E por medo do que?

A condição da comunicação entre os mundos materiais e imateriais esta tanto em Jesus Hermes Trismegisto quanto em Exu. Muda-se claro os pontos de vista sobre a materialidade, os ganhos, as trocas, os acúmulos e os meios e procedimentos para lidar com esse materialismo. Estamos sob as orbitas de um calendário cristão, então porque não propor um eterno retorno, anterior ao grego Hermes, e ir ao encontro do mais antigo Exu?

Na afirmação de comunhão, que é o Exu Hermes Trismegisto, encontro na ludicidade do candomblé a inter-relação indissolúvel entre materialismo e idealismo. Entre o dentro e o fora, o micro e o cósmico. Estou ciente do trauma criado na cabeça de um nordestino, com índios, brancos, judeus e mouros na mistura, sua porção africana. Mas lhes afirmo que nas casas de relevância espiritual, Exu não é executor de magias negras. Preta a pele, branco os dentes, mas almas de muitas cores.

A ciência ocidental nos ensina que no início fomos todos, só aminoácidos. O conhecimento desse proto primitivismo é nossa condição micro, capaz de confirmar o universo, suas galáxias, buracos negros, estrelas e gerar todo o sistema de conhecimentos aprimorados na experiência cristã de pouco mais de 2000 anos. Por sua vez, ao promover como energias relacionais a existência indiscutível do ar, do trovão, do raio, do arco íris, da água do mar, do rio e dos lençóis no interior da terra, seus metais e seus vegetais, o Candomblé estabelece a relação dos fenômenos ambientais, que tendem ao macroespacial, como uma condição para o micro espaço da existência animal e a supraconsciência humana. Unir esses conhecimentos só nos torna mais potentes.

No livro *O Rei e o Baião* organizado por Bené Fonteles para as celebrações do centenário de Luiz Gonzaga, seu organizador ao finalizar o tópico «Ponte e Pau-de-arara», do seu ensaio «Grande sertão, Gonzagas» (págs. 30/31) afirma: «Os nordestinos propunham um lugar utópico, mais do que messiânico, em meio a uma poética musical que já não era nem sertaneja nem cidadina. Juntava-se o lavrador primitivo ao homus faber da era industrial. A simbiose desses tipos humanos era a solução ainda imperfeita, porém a mais viável para a construção do ser cosmopolita, com novos modos de encarar as diferenças e as adversidades, mesmo que o pé-de-serra acabasse na favela. Favela é o nome de uma planta que veio do Nordeste, trazida pelos migrantes. Foi em tal contexto que nasceu e se consolidou o baião, ritmo que inspirou o movimento musical que iria surgir na década de sessenta, a MPB (Música Popular Brasileira)».

E no parágrafo final: «Gonzaga é testemunha de todo esse processo cultural desde que migrou de Exu, sua terra sertaneja, até a ilha do Governador, sua última morada, no Rio de Janeiro, onde viu favelas crescerem. Em meio a essa realidade, fundou a primeira casa de forró, matriz de todas as outras espalhadas pelo país, que assimilava a urbanidade crescente do baião. Nesse contexto, Gonzaga nunca deixou de ser o que sempre fora, o próprio sertão. E é pela grande força emanada de sua vida e de sua arte, amalgamadas como terra e céu, o sertão é que se tornou Gonzaga, como bem disse Câmara Cascudo». A cidade de Exu abriga um museu em homenagem ao seu filho mais ilustre, Luiz Gonzaga.



Frame de aterrissagem com Luiz Gonzaga.
Registro de Maria Pinheiro para audiovisual. 2012.



**Luiz
Gonzaga**

Baião de dois
Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira
Capitão que moda é essa, deixe a tripa e a cuié
Home não vai na cozinha, que é lugar só de mulhé
Vô junta feijão de corda, numa panela de arroz
Capitão vai já pra sala, que hoje têm baião de dois
Ai, ai ai, ô baião que bom tu sois
Se o baião é bom sozinho, que diga baião de dois
.....



01

Aterrissagem com Luiz
Gonzaga.
Circuito Cultural, Galeria
ACBEU
Fotografia. 2012.



Centenário de Vinicius de Moraes

A partir de 2012, passei a fazer parte de um movimento em rede social, cujas reuniões presenciais semanais se davam em diferentes localidades do bairro 2 de Julho, onde fica meu Atelier. O Movimento Nosso Bairro é 2 de Julho - MNB2J, trouxe de volta as questões ligadas a militância em movimentos sociais. Crio então uma reflexão individual, em formato de capas de uma publicação imaginária, que orienta minha conduta junto às intervenções do MNB2J. Essa ação reflexiva *Socialistas, Socialites e Anarquistas Chics*, tem inspiração em Vinicius de Moraes, pois como sabemos o poeta, compositor, cantor, bacharel em letras e direito foi um diplomata que conviveu com socialistas (deve ter preferido os mais maleáveis, pois os muito duros, com suas lutas de classes radicais são difíceis), socialites (acho que deve ter percebido que elas se tornavam mais casuais, capazes de andar de havaianas) e anarquistas (os chics, aqui como sinônimo do apreço mínimo aos cuidados de si).

Vinicius de Moraes tinha 45 anos em 1958, quando é lançado o LP *Canção do Amor Demais*, trazendo músicas suas, compostas em parceria com Antônio Carlos Jobim, cantadas por Elizete Cardoso. No disco ouve-se, pela primeira vez, a batida da bossa nova no violão de João Gilberto, que acompanha a cantora em algumas faixas, entre as quais o samba *Chega de Saudade*, considerado o marco inicial do movimento.

Em 1965, embarca para Paris e St. Maxime com o propósito de escrever o roteiro do filme *Arrastão*. Indispõem-se com o diretor e retira suas músicas do filme. Segue de Paris para Los Angeles a fim de encontrar-se com Jobim. De volta ao Rio, muda-se de Copacabana para o Jardim Botânico, à rua Diamantina, 20. Começa a trabalhar no roteiro do filme

Garota de Ipanema, dirigido por Leon Hirszman. Volta ao show com Caymmi, na boate Zum-Zum.

No ano seguinte seu *Samba da Benção*, parceria sua com Baden Powell, é incluído, em versão do compositor e ator Pierre Barouh, no filme *Un homme... une femme*, vencedor do Festival de Cannes do mesmo ano. Vinicius participa do júri desse festival. Em 1967, faz parte do júri do Festival de Música Jovem na Bahia. Ainda nesse ano, acontece a estreia do filme *Garota de Ipanema*.

Em 1968, ocorre a primeira edição de sua *Obra Poética*. Seus poemas são traduzidos para o italiano por Ungaretti. Em 1969, é exonerado do Itamaraty. Casa-se com Cristina Gurjão, com quem tem uma filha chamada Maria. No ano seguinte, casa-se com a atriz baiana Gesse Gessy. Inicia parceria com o violonista Toquinho. Em 1971, muda-se para Salvador, Bahia. Viaja pela Itália numa espécie de auto-exílio. No ano seguinte, com Toquinho, lança nesse país o LP *Per Vivere um Grande Amore*.

Em 1979, a convite do líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva, participa da leitura de poemas no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo (SP). Voltando de viagem à Europa, sofre um derrame cerebral no avião. Perdem-se, na ocasião, os originais de *Roteiro Lírico e Sentimental da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*.

No dia 17 de abril de 1980, é operado para a instalação de um dreno cerebral. Morre, na manhã de 09 de julho, de edema pulmonar, em sua casa na Gávea, em companhia de Toquinho e de sua última mulher. (1)

1- Informações biográficas: http://www.releituras.com/viniciusm_bio.asp

01

SOCIALists/ites & A Chics

2013
Centenário de Vinicius de Moraes

no

Atelier
abadepimentel



Ação Reflexiva Socialistas, Socialites
e Anarquistas Chics
2013

Ação Reflexiva Socialistas, Socialites
e Anarquistas Chics
2013

01

SOCIAL^{ists}/ites & Chics



Sociedade do espetáculo
x|ou|e
Escultura social

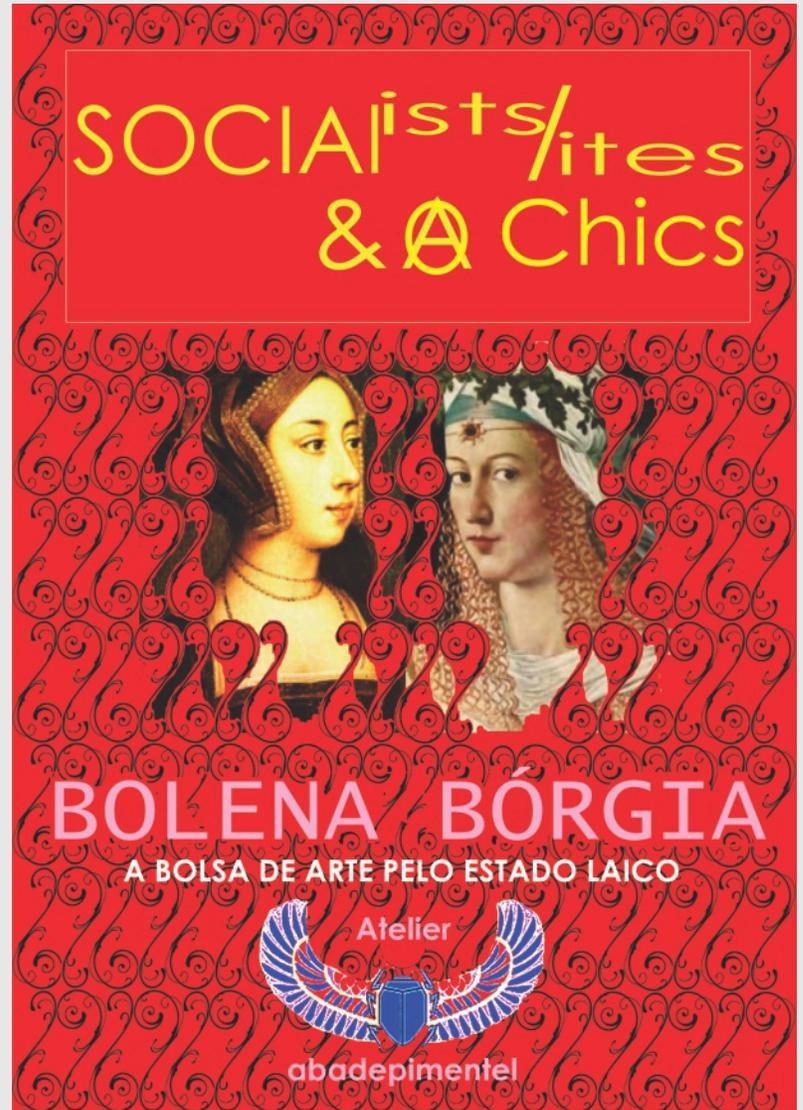
Uma transmissão mediúnica
com vela branca e água potável

Derradeira chamada
31 de Maio, 19h
Parte profana à partir das 21h



Ação Reflexiva Socialistas, Socialites
e Anarquistas Chics
2013

01





Movimento Nosso Bairro é 2 de Julho

Ainda em 2012, comecei a frequentar as reuniões do Movimento Nosso Bairro é 2 de Julho, que obviamente me interessava, por estar nesse bairro o Atelier Abadepimentel e por já viver nesse trecho da cidade havia muitos anos.

O primeiro trabalho concreto, que nosso movimento propiciou, foi uma oficina virtual para ideias de logomarca para nosso movimento. Eu sugeri o desenho de um sol com dois raios horizontais, por conta do refrão *Nasce o Sol ao Dois de Julho* do hino da independência da Bahia. Sobre esse sol, Viviane Hermida e Diego Haase colocaram 3 penas do caboclo, o que tornou humano e mítico nosso sol. Emblemático das junções das raças no Brasil, o caboclo está fortemente associado ao nosso desejo de pertencimento.

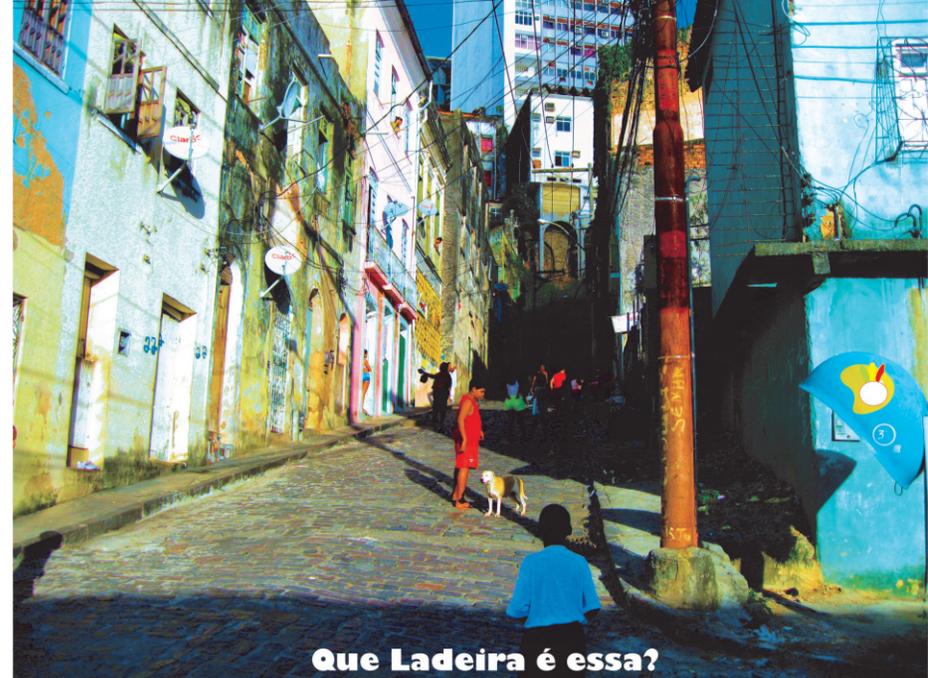
O Lançamento da nossa logomarca se deu com mais força no evento *Cinema no Coreto + Debate: Faxinação Midiático*, quando pensei em luvas amarelas, luvas de uma Oxum a proteger nossos desejos por um bairro com um meio ambiente mais bem tratado. Ivana Chastinet cuidou de performar as luvas e vários participantes se dispuseram a usá-las em protesto ao abandono público dos sistemas que cuidam do lixo no bairro. Linda noite ao som do Barlavento, trazidos pelo Nilson Mendes. Havia ainda a performance *Café com Zmario*, uma gentileza enorme. Fiz um registro com clima de barroquismo psicodélico.

Em 2013, no Atelier Abadepimentel ocorreu a *Oficina Nossa Cara 2 de Julho*, laboratório de imagens e projetos sobre o bairro, que resultou em uma série de ideias de ações e interpretações do território. Essas ideias e participações integraram a programação dos eventos *Cinema do Coreto + Debates* que ocorreram naquele ano, e que fizeram surgir o projeto *Circuito Cultural 2 de Julho*, que estreou em novembro de 2013, tendo como tema a resistência negra.

Durante todo o ano de 2013, o Movimento Nosso Bairro é 2 de Julho promoveu um evento cultural e mensal no Coreto do Largo. Esses eventos foram planejados semanalmente na reunião aberta do MNB2J. Eram encontros de vários 'campos gravitacionais' de produção cultural e artística do bairro (a Ocupação Vila Coração de Maria, a Huol produções, a ONG Bahia Street, o CEAO-UFBA, o Bar Mimosa, o Espaço San Vicente, etc.) tendo entre seus membros mais atuantes moradores militantes (Ivana Chastinet, Viviane Hermida, Maya Manzi, Cacilda Povoas, Vilma Mota, Rebeca Sobral, Rita Clif, o já falecido Nilson Mendes, Alex Simões entre outros). Muitos artistas participantes e trans-moradores, como eram chamados os que, mesmo não sendo moradores do bairro, se juntavam às discussões e projetos do movimento. Aqui merece destaque o apoio do Grupo Lugar Comum, da Pós-graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e urbanismo da UFBA.

Coube ao Atelier fazer a programação visual desses eventos, para gráfica e internet, além de ajudas gerais na produção, registro e apresentação de processos artísticos. Um exemplo foi o audiovisual preparado para o evento da Ladeira da Preguiça, que apontava a tensão existente na Praia da Avenida Contorno, devido às ameaças de privatização pela Bahia Marina. Esse trabalho experimental, *Um Jardim para Netuno em Águas de Yemanjá*, tem o auxílio luxuoso de músicas de Vinicius de Moraes, artista brasileiro que fez 100 anos naquele 2013, que como poeta conhecia bem os males do povo dessa terra, e como diplomata tentou viver com todas suas dores e alegrias.

01



Que Ladeira é essa?

Essa é a Ladeira da Preguiça

Cinema + Debate edição especial

CORTEJO: Ivana Chastinet | Bira Reis e Junta Salvador | Rastros Urbanos | Isabel Freitas
CINEMA: Joelma (Edson Bastos) | Gentrificação. Cidades segregadas (CFP) | A casa de vó Neyde (Caio Cavechini) |
DEBATE: **Diversidade sexual:** Deputado federal Jean Wyllys | Defensor Público Cleriston de Macedo
Drogadependência: Dr. Antônio Nery (CETAD-UFBA) | Valécio Lima (Movimento Nacional da População de Rua) |
Gentrificação: Laila Mourad | Glória Cecília Figueiredo (urbanistas-UFBA) |
TEATRO DE BONECOS: Carol Lima Leite e grupo | **POESIA:** Alex Simões | Marcelo Teles |
ATIVIDADES COM CRIANÇAS E JOVENS: Suzy Manassés |
PERFORMANCE: Yuri Tripodi | **INSTALAÇÃO:** Flávio Marzadro |
AUDIOVISUAL: Marcelus Freitas e Fábio Duarte | Sandro Abade Pimentel |
MÚSICA: Fao Miranda e banda Plano Inclinado | Bira Reis e Junta Salvador | Forró Junino

Cartaz Que ladeira é essa? Essa é a Ladeira da Preguiça.

2013

Saída do Cortejo: 17h da Rua Democratas (Vila Coração de Maria)

Sexta: 21/06/2013

Ato na Ladeira à partir das 18h

Apoio:



**Estávamos nós ali como se em Netuno.
O jardim na Praia da Preguiça.**
*Fotografia. Circuito das Artes, Palacete
das Artes. 2006*



Autenticando a eterna Primavera

Em 2013, vieram-me flores para lembrar o maio de 1968 em seus 45 anos e em homenagem à diplomacia e poesia de Vinicius de Moraes, então na casa dos seus 100 anos. É o ano em que me envolvo com uma nova militância, agora no bairro onde fica o Atelier e com companheiros interessados em pensar e atuar por direitos urbanos.

Trata-se de uma evolução, no sentido de encontro com um coletivo, de um amplo grupo de ação social, com atuação em rede, sem foco partidário, com total voluntariado de participação, buscando entender e atuar diante de questões ainda bastante problemáticas do nosso centro urbano; ocupações, desapropriações, fortes interesses imobiliários, gentrificação, a sobrevivência da cultura popular, direitos de minorias, direito de maiorias, espaços culturais, planejamento urbano.

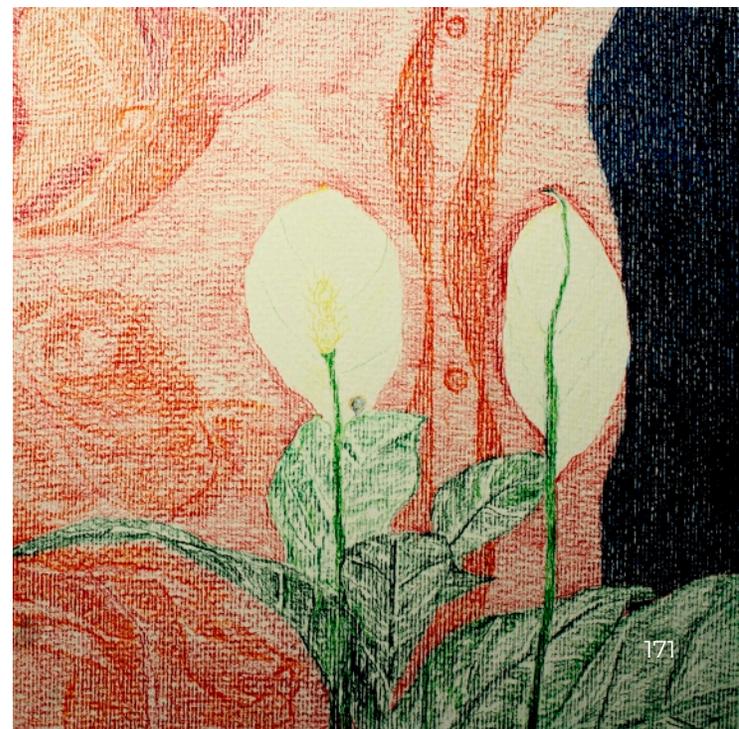
Na fruição do bairro 2 de Julho, as flores remetem ao Largo do Mocambinho e seus boxes-floriculturas e à lembrança do antigo largo interno, onde eram vendidas em bancas. Teve ainda a ver com o fato de alguns anos atrás ter feito imagens de um *Jardim na Praia da Paciência*, um jardim ecológico, com placas pedindo proteção ambiental ao planeta e à cidade. Flores para dizer que venham as novas revoluções e que elas tratem de tornar mais amorosas as relações humanas, com um bom aroma.

01



Flor no Largo do Mocambinho
Estudo digital para pintura. 2013

01



Desenho de Flor
Estudo para pintura. 2013

Felicidade

Acrílica sobre tela, 80x80 cm, 2013.



Chega de Saudade

Acrílica sobre tela, 80x80 cm, 2013.



02



Eu sei que vou te amar
Acrílica sobre tela, 80x80 cm, 2013.

Primavera
Acrílica sobre tela, 80x80 cm, 2013.



Efraim Santal 2013

Pela luz dos olhos seus vejo uma alma brasileira, assim
como uma filha de Pagu com Cartola
Acrílica sobre tela, 80x80 cm, 2013.



Spinnatel.2013

Circuito Cultural 2 de julho

Circuito Cultural 2 de Julho

O I Circuito Cultural 2 de Julho, encerrou as atividades do ano de 2013, do MNB2J e criou o evento com seis versões em 2014.

01

Lançamento do Circuito Cultural 2 de Julho

Sexta, 29 de Novembro. 2013

RESISTÊNCIA NEGRA

Abertura com a ONG Bahia Street

14h: Oficina de tranças e amarrações

Banca de gastronomia do Projeto Sou Digna

15h: Capoeira (Bahia Street e Projeto Sinal Fechado)

16h: Coral Koleko Orin

17h: Música

Junta Salvador e Percussionistas da Preguiça

18h: Teatro

Porque Sou Preta. Dir. Sérgio Mício
(baseado em texto de Jaime Sodré)

19h: IX Cinema no Coreto+Debate

Filme: Preto no Branco - Não é o que parece
(Canal Futura/CFP)

Debate: Wlamyra Albuquerque, historiadora
Vilma Reis, socióloga

Artes Visuais (a partir das 19h):

O Atlântico Negro de Ayrson Heráclito

Local: Coreto do Bairro 2 de Julho

Das 14h às 21 horas



Centenário de Lupicínio Rodrigues e Dorival Caymmi

Lupicínio Rodrigues

«Lupicínio Rodrigues nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em um bairro pobre da cidade, a Ilhota. Chovia tanto que o córrego próximo da sua casa inundou, obrigando a parteira a chegar lá de barco. Seus pais, Francisco e Abigail, tiveram 21 filhos - e Lupicínio foi o quarto.

Francisco era funcionário público e mandou Lupicínio para a escola logo aos cinco anos de idade. Dizem que o menino se distraía muito cantando na sala de aula e que, por essa razão, teve de parar os estudos, para retomá-los dois anos mais tarde.

Aos catorze anos, ele compôs sua primeira música, *Carnaval*, para um cordão chamado *Prediletos*. Precocemente, já frequentava a boemia e suas amigas inseparáveis: as bebidas e as serenatas.

Lupicínio é um dos compositores mais originais da música popular brasileira. Além das inúmeras qualidades do seu trabalho, ele se destacou como o criador da Dor-de-cotovelo. A expressão, graças a ele, passou a designar um estilo de canção que trata das desventuras amorosas, um tema sobre o qual Lupicínio foi um criador imbatível.

Suas músicas podem lidar com o banal, mas não são banais, escreveu o poeta Augusto de Campos sobre ele. De fato, poucos foram capazes de tanta imprevisibilidade no âmbito da poesia da nossa música popular. De tanta força, fluência, precisão e contundência nos versos.

Morreu no dia 27 de agosto de 1974, Porto Alegre, de problemas no coração.»¹

1- Recorte do texto publicado em:
<http://educacao.uol.com.br/biografias/lupicinio-rodrigues.jhtm>

Dorival Caymmi

Dorival Caymmi nasceu na Rua do Bângala, na Mouraria, engatinhou pelo Campo da Pólvora e depois foi morar na Rua Direita da Saúde, partes de um bairro chamado Nazaré, à margem da Baixa dos Sapateiros, como um outro lado do Centro Histórico de Salvador. O pai Durval Henrique era funcionário público, filho de italiano com portuguesa, a mãe Aurelina uma primorosa dona de casa. Dorival cresceu cercado de muita música do Tio Cici, por parte da mãe, violonista boêmio com bom conhecimento de harmonia e de audições do piano da tia Caymmi e dos vizinhos de Nazaré.

Aluisio Didier escrevendo sobre Dorival conta sobre a formação musical do compositor e cantor: «Contudo, além das aulas de cantos com a professora Amanda e a participação no coro e missas, crescia no menino Dorival o fascínio pelas ruas e seus sons. Pelas ladeiras com vista do alto, por torres de igrejas e conventos, ouvia cantigas e pregões das negras

vendedoras noturnas, algumas em nagô e português: “Ô acarajé ecó olalai ô, vem benzê, ê, em, tá quentinho, lê abará...”». E mais: «Misturado ao ruído das carroças em ruas sem automóveis, ouvia sons dos afoxés com seus atabaques, chocalhos, cabaças e agogôs, mesmo instrumental dos candomblés: “Afoxé lê – I lê i lê ô”.» [1]

Aos 16 anos, Dorival começa a compor parodias para emboladas e sambas. No ano seguinte, conhece Itapuã, na época em que era um vilarejo de pescadores. Alí, terá sua veia poética e musical despertada pelo mar e pela vida dos pescadores, o que faz nascer o ciclo de canções praieiras. Quando embarcou para o Rio de Janeiro, em abril de 1938, já tinha algumas de suas mais belas e importantes canções, que iriam levá-lo em breve ao sucesso. Assim como Luiz Gonzaga é todo sertão, Caymmi é todo mar. Juntos um Nordeste: sertão e mar.

Dorival Caymmi casou-se com a cantora Stella Maris, com quem teve três filhos artistas, músicos talentosos como só eles: Nana, Dorí e Danilo. Por duas vezes Gilberto Gil compôs versos para Caymmi. Em Buda Nagô, de 1992, criou toda uma dialética afro-oriental para falar da imensidão que é Caymmi. Assim diz: «Dorival é um Buda nagô / Filho da casa real da inspiração / Como príncipe, principiou / A nova idade de ouro da canção...» [2]. E em comemoração ao centenário do Mestre, está a canção Gilbertos, que, junto com a palavra samba, dá nome ao disco. Por ser emblemática para compreensão da espiral do tempo na casa dos 100 anos, sendo feita para Caymmi, torna-se para mim uma importante reflexão sobre os centenários aqui citados:

Gilbertos

Aparece a cada cem anos um
e a cada vinte e cinco um aprendiz
aparece a cada cem anos um mestre da canção no país
aparece a cada cem anos um
e a cada vinte um aprendiz.
Foi Dorival Caymmi quem nos deu
a noção da canção como liceu
a cada cem anos um verdadeiro mestre aparece entre nós
e entre nós alguns que o seguirão ampliando lhe a voz e o violão.
É assim que aparece mestre João e aprendizes professando-
lhe a fé.
um Francisco, um Caetano algum Roberto e a canção foi
mais feliz.
Aparece a cada cem anos um
e a cada vinte e cinco um aprendiz. [3]

Gilberto Gil

1 - Dorival Caymmi de Aluisio Didier, Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Mediafashion, 2010.

2 - <https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/buda-nago.html>

3 - <https://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/gilbertos.html>

Circuit Cultural 2 de Julho



No segundo semestre de 2013, foi aberto o *Edital Arte em Toda Parte* administrado pela Fundação Gregório de Matos, da Prefeitura Municipal de Salvador. Organizamos uma proposta em que o Atelier Abadepimentel assumia ser proponente. A mim cabia ainda criar a comunicação visual dos eventos.

A responsabilidade, é claro, era de um grupo que realizava o evento em nome do Movimento Nosso Bairro é 2 de Julho, cuja ficha técnica contava com a contribuição interessante de nomes como Ivana Chastinet, Cacilda Povoas, Viviane Hermida, Vilma Mota, Maya Manzi, Nilson Mendes, que abandonou o MNB2J no terceiro circuito, e Iguabira Veras, que mesmo não tendo constado seu nome na anuência oficial, abraçou o Circuito desde o primeiro evento.

De janeiro a junho de 2014, foram realizados 5 circuitos pelo edital. Neles, contamos com o apoio de muitos artistas, produtores, técnicos e 'campos gravitacionais' de cultura no bairro. Quero aqui citar o trabalho de Pedro de Rosa Moraes, que já havia cantado no centenário de Cartola e que nos emocionou nos 100 anos de Lupicínio Rodrigues, junto com cantoras como Cláudia Cunha e Nara Gil, entre outros músicos.

Circuit Cultural 2 de Julho

NORDESTE, SERTÃO E MAR

COMÉRCIO POPULAR NO BAIRRO 2 DE JULHO

PROGRAMAÇÃO



Oficinas
 Confeção de placas para os feirantes ministradas por Flávia Bonfim e Yuri Tripodi

Artes Visuais
 Mostra fotográfica em mãos (a partir das 14h)
 Marcelus Freitas e Fábio Duarte

Performance:
 Cenorita e a Saladaclown: Ivana Chastinet (a partir das 14h)
 Partindo com o feirante: Ieda Oliveira (a partir das 15:30h)
 Audio visual: (a partir das 17h)
 Faxinação Midiático: Sandro Abade Pimentel

2 de Julho Entre Olhares: Marcelus Freitas e Fábio Duarte
 Feirantes do 2 de Julho (Depoimentos): Maya Manzi
 Fruta Amarga - González & Vázquez:
 Diego Haase, Rodrigo Araújo e Marcelo Matos

Cordelistas e Repentistas: (das 16h as 18)
 Paraíba da Viola Bule-Bule Antonio Barreto
 Zuzu Oliveira Maisa Miranda

Cinema no Coreto + debate:
 Filme (18:30):
 Água de Meninos - A Feira do Cinema Novo
 (52 min, Dir. Fabíola Aquino)
 Debatedores (19:30 as 21h):
 Depoimento de feirantes e ambulantes
 Katia Santos (especialista em tecnologias sociais e economia solidária)
 Laila Bouças (urbanista pesquisadora dos ambulantes do centro)

Música (21:00 as 22h):
 Barlavento

Sexta, 31 de janeiro de 2014
No Largo do Bairro 2 de Julho

Apoio: **SALVADOR** PREFEITURA PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

01

Cartaz Circuito Cultural
 2 de Julho
 Carnaval tradição e
 diversidade. 2014

Circuit Cultural 2 de Julho

CARNAVAL, TRADIÇÃO E DIVERSIDADE



De 18:30 às 20h
Cinema no Coreto + Debate
Vídeo: Mundaça do Garcia de Marcondes Dourado
Filme: Cordeiros de Ana Rosa e Amaranta Cesar
Debatedores: Rodney Martins (Presidente Bloco Mundaça do Garcia)
 Clímaco Dias (Geógrafo)

De 20h às 22h
Ensaio Geral do
MICROTRIO
Convidados
 Riachão (homenageado)
 Walter Queiroz



Com
Percussão Junta Salvador
Poesia em trânsito
O Boca de Brasa
Participações especiais de
 Arthur Scovino
 Yuri Tripodi
 Talitha Andrade
 Roberta Nascimento
 Bagageryer Spielberg
e projeções de Flávio Lopes

SEXTA, 21 de FEVEREIRO de 2014, no BAIRRO 2 de JULHO

Apoio: **SALVADOR** PREFEITURA PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

Cartaz Circuito Cultural 2 de Julho
 Nordeste sertão e mar. Comércio
 popular no 2 de Julho. 2014

Circuit Cultural 2 de Julho

RESPIRAR NO CORAÇÃO DA CIDADE

Sexta, 28/03/ 2014



Apoio

Realização: **MODIMENTO BAIRO 2 DE JULHO**

Patrocínio: **SALVADOR PREFEITURA PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL**

Projeto premiado no edital ARTE EM TODA PARTE

01

Cartaz Circuito Cultural 2 de Julho
O povo planeja o bairro. 2014

Circuit Cultural 2 de Julho

SEXTA - 25/04/2014

O POVO PLANEJA O BAIRRO

FOTO: PEDRO DE ROSA MORAIS | OFICINA DOS SONHOS - LUGAR COMUM

16H	INTERVENÇÃO	CAMPO SANTO SALVADOR - FLAVIO MARZADRO
18H	PERFORMANCE + VÍDEO	CENORITA E A SALADACLON - IVANA CHASTINET VILA CORAÇÃO DE MARIA - COLETIVO OCUPAÇÃO VILA
19H	CINEMA + DEBATE	QUILOMBO DAS GUERREIRAS - 16 MIN LUZ - 24 MIN ANA FERNANDES - LUGAR COMUM/FAU UFBA MARIA DE LOURDES NASCIMENTO - CAMMPI/ P. DE ITAPAGIPE ILNA REZENDE - MORADORA DO 2 DE JULHO
21H	MÚSICA	AS ROSAS NÃO FALAM - PEDRO DE ROSA MORAIS

20

Cartaz Circuito Cultural 2 de Julho
Respirar no coração da cidade. 2014

Apoio

Realização: **MODIMENTO BAIRO 2 DE JULHO**

Patrocínio: **SALVADOR PREFEITURA PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL**

Projeto premiado no edital ARTE EM TODA PARTE

Circuit Cultural 2 de Julho

NA

BIENAL DA BAHIA
É TUDO NORDESTE?

ARTE E
MOBILIZAÇÃO SOCIAL

+ INFORMAÇÕES

FALA O CIRCUITO

RUA AREAL DE BAIXO

nosobairro2dejulho.wordpress.com

www.cultura.salvador.ba.gov.br

http://bienaldabahia2014.com.br/wp/

SEXTA
30
MAIO
2014

A QUINTA EDIÇÃO DO CIRCUITO CULTURAL 2 DE JULHO ACONTECE ENTRE O DIA 30 DE MAIO E 01 DE JUNHO. ARTE E MOBILIZAÇÃO SOCIAL É O TEMA EM DEBATE NO EVENTO, QUE REALIZARÁ INTERVENÇÕES URBANAS, EXPOSIÇÕES DE ARTES VISUAIS, SHOWS MUSICAIS, TEATRO DE BONECO, PERFORMANCES, EXIBIÇÃO DE FILMES EM VÁRIOS CAMPOS GRUATACIONAIS DE CULTURA E ARTE DO BAIRRO.

NESSA DATA ENCEBRAMOS O EDITAL "ARTE EM TODA PARTE" DA FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATOS E INICIAMOS UMA NOVA PARCERIA COM A 3ª BIENAL DA BAHIA, EM UM DIÁLOGO DE 100 DIAS. TEMPO EM QUE ESPERAMOS O MOVIMENTO NOSSO BAIRRO É 2 DE JULHO E A BIENAL CONSIDERAM APROFUNDAR AS RELAÇÕES ENTRE ARTE E MOBILIZAÇÃO SOCIAL.

ATELIER ABERTO
ZÚ CAMPOS



ESCULTURAS
DE 8H ÀS 20H

ATELIER ABERTO
Sandro Abade Pimentel
a eterna primavera



Autenticando
desenhos - pintura - vídeos
De 13h às 20h. Até 30/06

RUA DO SODRÉ

RUA AREAL DE CIMA

CASA PRETA

Iguabira Vieras Aproximação:
Literatura
exposição
performance
música,
debate
19h às 21h.

Letrado e Chelo de Arte Sarau Literário

CAMPO SANTO SALVADOR
INSTALAÇÃO DE FLAVIO MARZADRO
MUSEU DE ARTE SACRA (RUA DO SODRÉ, 278 - 40150-000 - SALVADOR, ESSENO ÀS 17H00 - DE SEQUÊNCIA À SEXTA)

HÁ VAGAS PJ/ MOÇAS
HÁ VAGAS PJ/ RAPAZES

marcelus freitas
silverino ojú
intervenção urbana
c/registros na |Casa preta|

JUNÇÕES
Elias Santos

COLAGENS E ASSEMBLAGENS

RUA AREAL DE CIMA

CASA PRETA

O inspetor cururu
teatro de figuras planas

Direção
Caroline Lima Leite
19h

Rosário de São Miquel

FÁBIO DUARTE
PERFORMANCE 19:30

Paquito Barulhento

20h

fao miranda
heitor dantas
gullerres
uru pereira
fagote

INVOCATIVA PULSANTE
21H

01

SÁBADO
31 MAIO
2014

LADEIRA DA PREGUIÇA
E
LARGO 2 DE JULHO

AVENIDA CONTORNO 5000 MAM - MUSEU DE ARTE MODERNA

JAM NO MAM ESPECIAL BIENAL

CORTEJOZZ - É NORDESTINO?
17H - TRAJETO DO CORETO 2 DE JULHO AO MAM

André Becker - sax
Gabi Guedes - percussão
Ivan Huol - percussão

FANFARRA
Letieres Leite - sax
Wallace Alves - percussão
Performance da Cabocla: Ivana Chastinet

Jeã de Assis - percussão
Joander Cruz - sax
Joatan Nascimento - trompete

JAM NO MAM - É NORDESTINA?

18h - Quaternária (Feira de Santana)
18:30h - Banda Base

Joatan Nascimento - trompete
André Becker - sax
André Magalhães - piano
Joander Cruz - sax

Gabi Guedes - percussão
Ivan Bastos - baixo
Ivan Huol - bateria
Jeã de Assis - percussão

Letieres Leite - sax
Paulo Mutti - Guitarra
Wallace Alves - percussão
Live act
Flávio Lopes - dir. imagens

DANÇA |
face
Jaqueline Elesbão e
Pedro Ivo dos Santos

AUDIOVISUAIS

Rêquiem para velha Bahia
Flávio Lopes
VIDEOARTE, 2014

2 de Julho:
Céclia Pulsante de Resistências
Dir: Maya Manzi
CURTA METRAGEM, 2014

Na Cidade das Coisas
Dir: Diego Haase
CURTA METRAGEM, 2014

Intervenção urbana
Mariachiara Mondini / Blerita Coppa
Ladeira da Preguiça de 10h às 15h
Coreto do largo a partir 16h

BIENAL DA BAHIA
É TUDO NORDESTE?

DOMINGO
1 JUNHO
2014

RUA DEMOCRATA 1012 VILA CORAÇÃO DE MARIA

FALA A BIENAL

É TUDO NORDESTE?, A QUESTÃO FORMULADA PELA 3ª BIENAL DA BAHIA, SE INTERROGA SOBRE OS PROCESSOS CONSTITUTIVOS DA EXPERIÊNCIA CULTURAL E HISTÓRICA DO NORDESTE A PARTIR DA PERSPECTIVA BAHIANA E SEU DIÁLOGO COM O BRASIL E A EXPERIÊNCIA UNIVERSAL, DISCUTINDO A PERMANÊNCIA OU A PALENCIA DE CONCEITOS COMO REGIONALISMO, DETERMINISMO E A OCUPAÇÃO FÍSICA E MENTAL DE TERRITÓRIOS. COM É TUDO NORDESTE? SE PRETENDE REALIZAR UMA ARQUEOLOGIA DE CRENÇAS, IDEIAS E PRÁTICAS, UTOPIAS E RITUAIS, CRENÇAS E COMANDOS, SENSIBILIDADES, POLÍTICAS, PERCEPÇÃO E REAÇÕES QUE TERMINARÃO DEFININDO, NA CULTURA BRASILEIRA, O QUE O NORDESTE É, OU, EM MUITOS E PRESENTES MOMENTOS, O QUE DEVERIA SER.

SAMBA DO INDIGNADO

CINEMA+ DEBATE

ARTE E MOBILIZAÇÃO SOCIAL

FILMES E VÍDEOS: 18:30H
HIP HOP COM DENDÊ
DIR. FÁBOLA AQUINO
EU GOSTO DELA
DIR. REBECA SOBRAL E ZELINDA BARRÓS
VILA CORAÇÃO DE MARIA
CRIAÇÃO COLETIVO VILA

às 20:15H
DEBATEDORES:
DJ BRANCO - CMA HIP HOP
REBECA SOBRAL - CIENTISTA
POLÍTICA, MEMBRO DO MNB2J

17h às 18:30h

GRUPO BITEQUIM

17h às 18:30h

MAMINHA
Ivana Chastinet

QUEM HÁ DE DIZER
PEDRO DE ROSA MORAIS
E CONVIDADOS

PERFORMANCE
20:40H

MÚSICA
21:10H

Após: CEAD UFBA, SANA, ZINEBÁHIA, FCM na Praça FCM, MAM IPAC, BAHIA DA BAHIA, Governo do Estado da Bahia

Realização: MOVIMENTO DO BAIRRO NOS 2 DE JULHO, SALVADOR PREFEITURA, PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

Projeto premiado no edital ARTE EM TODA PARTE

Programa Circuito Cultural 2 de Julho na 3ª Bienal da Bahia - 2014.

O Atelier Aberto recebeu visitas, participou do Circuito Cultural 2 de julho, da 3ª Bienal da Bahia e do projeto Arte de Passagem. Nesse último expus meus escarvelhos para Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade na exposição coletiva realizada no Espaço Cultural Castro Alves no Carmo, Pelourinho, e recebi grupos que vinham de van da exposição para o Atelier.



21

exposição coletiva

casa de castro alves, rua do passo, 52, carmo. abertura 10/jun/14. 20h_mostra. até 13/jul/14, 14h às 20h

visitas aos ateliês

a van sai da galeria às 14h, com guia. informações na galeria ou artedepassagem@gmail.com

produção **NYK** apoio cultural *Casa de Castro Alves* realização **Ministério da Cultura**

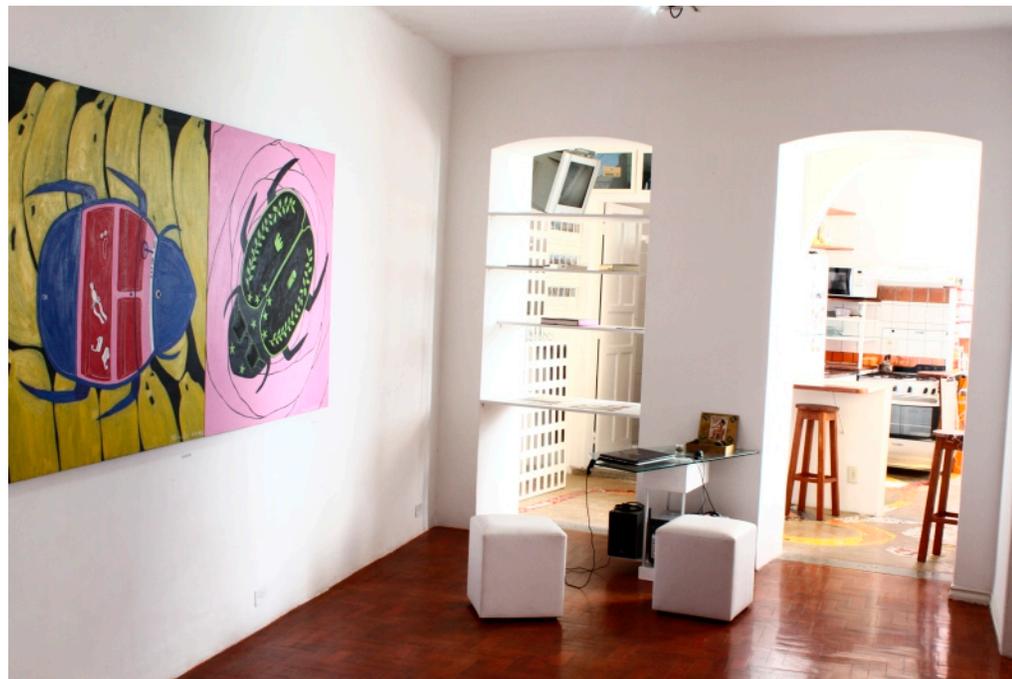
Curadoria Arte de Passagem: Willyams Martins e Raolaeno Costa

01





01







02

As águias de Xangô e Iansã, pelos 100 anos de Dorival Caymmi.
Acrílica sobre tela. Díptico 80cm x 80cm. 2014

Em Cachoeira na 3ª Bienal da Bahia

Na Ladeira da Barroquinha, que dá acesso à Praça Castro Alves, nasceu o primeiro Candomblé de Salvador, em uma comunidade fundada por três negras africanas: Iyá Detá, Iyá Kalá e Iyá Nassô. Não se tem certeza de quem realmente foi o primeiro a plantar o Axé desse reino de Keto na Cidade da Bahia, que também viria contar com a presença notável dos babalawos Baba Assiká e Bangboshê Obitikó [1]. Descendo a Barroquinha, encontramos a Rua Baixa dos Sapateiros, primeira periferia negra da cidade, e rua comercial para a cultura de massa, que nessa cidade é gritantemente negra. Para harmonizar esse eco hiper-moderno, com sua profusão de objetos e cores vivas, busco a via do transitório, de um trans-moderno.

Proteção na Bandeja fala de uma deriva seletiva de elementos para um cartograma de apreensão da energia trans-material desse território. Uma busca que remete ao materialismo aleatório dos encontros fortuitos.

1- Iyá (feminino), Bábá (masculino) em yoruba. Iyá pode ser usado antes de uma palavra como é o caso de iyabassê, iyakekerê, iyalorixá, iyá nassô, como pode se usar a palavra para se referir às iyámi significando minha mãe, também chamadas de iyami-ajé (minha mãe feiticeira) ou iyami agbá que significa minha mãe anciã. Babalawo é o nome dado aos sacerdotes exclusivos de Orunmilá-Ifá do Culto de Ifá na religião yoruba, das culturas Jeje e Nagô. Estes não entram em transe, sua função principal é a iniciação de outros babalawos, a preservação do segredo e transmissão do conhecimento do Culto de Ifá para os iniciados.



01



Beijo para Yemanjá
Patuá para Oxalá



3ª Bienal da Bahia.
Departamento do Pós-Racialismo.
(Religiosidade, Pertencimento,
Corporeidade). Seção Áfricas.
Curadoria Ayrson Heráclito
Galeria Hansen Bahia – Cachoeira - BA. 2014.



Performance Cama de Rua pelo Centenário de Dorival Caymmi
Encerramento da 3ª Bienal da Bahia. Coreto do Bairro 2 de Julho. 2014.

Frames Registro de Maria Pinheiro e José Mamede.



Performance Cama de Rua pelo Centenário de Dorival Caymmi
Encerramento da 3ª Bienal da Bahia. Coreto do Bairro 2 de Julho, 2014.

Frames Registro de Maria Pinheiro e José Mamede.

2015

Centenário de Grande Otelo

|Sebastião Bernardes de Souza Prata, conhecido nacionalmente como Grande Otelo, nasceu na cidade de Uberlândia/MG, em 18 de outubro de 1915 |1|. Considerado um dos maiores atores do século XX, Grande Otelo foi um artista multimídia, tendo trabalhado no teatro, rádio, cinema e na televisão. Versátil e dono de uma consagrada expressão facial e corporal, destacou-se como ator, cantor, compositor, sambista e poeta. Grande Otelo foi pioneiro e desbravador, primeiro artista negro a ocupar espaço de destaque no cinema e na televisão brasileira |3|. |Otelo teve sua primeira experiência como ator aos sete anos, fazendo uma participação no circo que passava pela sua cidade natal |4|. Na ocasião, Bastiãozinho, como era conhecido, apareceu vestido de mulher interpretando a esposa do palhaço, o que causou enorme comicidade e sucesso |3|.

|Grande Otelo ainda vivia em Uberlândia quando conheceu a companhia de teatro mambembe da diretora Abigail Parecis e decidiu fugir com o grupo para São Paulo. Já na cidade grande, após inúmeras idas e vindas ao Juizado de Menores, foi adotado pela família do político Antônio de Queiroz e passou a estudar no tradicional Liceu Coração de Jesus |1|. Foi então que, em 1926, com apenas onze anos, tomou parte, com grande sucesso, numa importante companhia de teatro de revistas, a *Companhia Negra de Revista*, composta

exclusivamente por artistas negros, como Pixinguinha, que atuava como maestro, Donga, músico, e Rosa Negra, atriz e cantora |4|.

|Em 1932, retorna ao teatro por meio da Companhia Jardel Jércolis e, em 1937, já era considerado uma das grandes atrações dos teatros de revista. Foi nessa época que ganhou o apelido de Grande Otelo |1|.

|Sua estreia no cinema se deu, em 1935, no filme *Noites Cariocas*, da produtora Cinédia, em que contracenou pela primeira vez com Oscar Lorenzo Jacinto, o Oscarito. Todavia, foi na Atlântida Cinematográfica que a dupla alcançou o reconhecimento do grande público e firmou a chanchada como um dos principais gêneros da história do cinema brasileiro, através de filmes como *Tristezas não pagam dívidas* (1943), *Carnaval no Fogo* (1949), *Aviso aos Navegantes* (1950) e *Carnaval Atlântida* (1952). Antes, em 1942, já gozando de relativa notoriedade, Grande Otelo participou do inacabado *It's All True (É tudo verdade)*, de Orson Welles, que o considerava o maior ator do Brasil. Ele e Herivelto Martins foram os responsáveis por apresentar ao cineasta estadunidense a diversidade cultural do povo brasileiro |1|.

|Em 1949, Otelo estrelou o filme *Também Somos Irmãos* ao lado de Ruth de Souza. O filme denunciou o racismo existente no Brasil e foi considerado o melhor filme brasileiro do ano pela crítica especializada, embora não tenha obtido sucesso de público |3|.

|Fez inúmeras parcerias no cinema, sendo a mais conhecida com Oscarito. Depois os produtores formariam uma nova dupla dele com o comico paulista Ankito. No final dos anos 50, Grande Otelo formou dupla em vários espetáculos musicais e

também no cinema, com Vera Regina, uma negra alta que lembrava a famosa dançarina americana naturalizada francesa Josephine Baker. Com o fim da parceria, Otelo passou por um período de crise [2].

|Sua carreira, porém, ganha novo impulso com a versão cinematográfica de um clássico da literatura brasileira, *Macunaíma* (1969), dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, a partir do romance de Mário de Andrade. A atuação de Grande Otelo rendeu vários prêmios de melhor ator, como os do IV Festival de Cinema de Brasília, o Prêmio Coruja de Ouro, do Instituto Nacional do Cinema, e o Prêmio Air France, todos em 1969 [1].

|Durante seus 53 anos de carreira trabalhou em filmes de Nelson Pereira dos Santos, Carlos Manga, Bruno Barreto, Júlio Bressane, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade, entre outros grandes cineastas. Ao todo, participou de 118 películas [1].

|O teatro, sua primeira paixão, não deixaria de contar com suas belas interpretações. Entre 1946 até o final de sua carreira o artista brilhou em inúmeras peças e trabalhou com os mais diferentes diretores, como Walter Pinto, Juan Daniel, Carlos Machado, Geisa Bôscoli e Chico Anísio. Algumas de suas peças de bastante sucesso foram, entre muitas outras: *Um Milhão de Mulheres* (1947), *Muié Macho*, *Sim Sinhô* (1950), *Banzo Aiê* (1956) e *O Homem de La Mancha* (1973). Na década de 50, Grande Otelo passou a atuar também na televisão em emissoras como a TV Tupi do Rio e Tv Rio. Em 1965, foi contratado pela Rede Globo, participando de inúmeras novelas e programas humorísticos. Em 1986, participou da novela *Sinhá Moça*, de enorme sucesso, onde contracenou

mais uma vez com a atriz e amiga Ruth de Souza[3].

|Entre 1938 e 1946, paralelamente a trabalhos na Rádio Nacional, rádio Tupi e outras emissoras, o artista foi contratado do antigo Cassino da Urca, onde realizou diferentes espetáculos, sempre com destaque. Em 1939, Otelo contracenou com a famosa atriz e dançarina norte-americana Josephine Baker, momento citado por ele como um dos mais importantes de sua carreira. [4]

É importante registrar que, na época, negros não podiam entrar pela porta da frente do Cassino da Urca, fato que só passou a acontecer depois que Grande Otelo foi contratado para atuar no palco do Cassino. [4]

|O fato de ser um ator aclamado pela crítica e pelo público não livrou Grande Otelo de vivenciar situações de discriminação racial. Segundo o antropólogo Luíz Felipe Hirano, autor da tese de doutorado *Uma Interpretação do Cinema Brasileiro Através de Grande Otelo*, no início de sua carreira, além de pertencer ao corpo de atores da Companhia Jardel Jércolis, fazia parte de seu staff; era também a única estrela do Cassino da Urca que não tinha permissão de entrar pela porta principal. Infelizmente, essas situações o acompanharam por toda sua vida profissional, a exemplo do papel que lhe foi atribuído no humorístico *Escolinha do Professor Raimundo*, em que interpretava um estudante ignorante, obtuso, que mal conseguia falar português. De acordo com Hirano, o ator teve que aceitar a personagem por força contratual com a Rede Globo e, dada à instável situação financeira, para continuar recebendo um salário [1].

|Esses obstáculos costumam aparecer quando certos espaços são ocupados por pessoas às quais não estavam inicialmente

destinados. Segundo Sérgio Cabral, autor de *Grande Otelo – Uma biografia*, o ator “entrou em um mundo que não estava à disposição de pessoas como ele”. Isso não o impediu de quebrar tabus ininterruptamente. Breno Lira Gomes, curador da mostra *Grande Otelo, o ‘Maior Ator do Brasil’*, organizada pela Caixa Belas Artes, em São Paulo, em outubro de 2015, destacou outro de seus feitos: “Se a gente parar para pensar, em 1943, um ator negro protagonizando um filme inspirado em sua vida, *Moleque Tião*, para aquela época foi um marco” [1].

[Grande Otelo morreu em 1993, de um ataque fulminante do coração, no aeroporto Charles de Gaulle, em Paris, quando viajava para uma homenagem que receberia no Festival dos Três Continentes, em Nantes. Para Sérgio Cabral, naquele momento, “Grande Otelo já estava para o cinema como um Charles Chaplin”. [1]

[A FGO (Fundação Grande Otelo) é a detentora dos direitos sobre o nome, imagem, obra e acervo do ator, após doação dos direitos por seus herdeiros. O trabalho de restauração e catalogação do material se iniciou em 2004, pela produtora carioca Sarau Agência de Cultura Brasileira.

O acervo foi fundamental para o conteúdo do *Projeto 90 anos de Grande Otelo*, idealizado pela mesma produtora, fornecendo informações inéditas para a biografia do artista, realizada pelo escritor Sérgio Cabral. O acervo serviu de base também para a criação de um site, um documentário e um espetáculo teatral. Após o término do projeto, o acervo restaurado, higienizado e digitalizado foi entregue à Funarte, oficialmente no dia 17 de dezembro. O público tem acesso

físico ao material desde fevereiro de 2008. [2]

Fontes:

1 - http://www.palmares.gov.br/?page_id=39236

2 - https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Otelo

3 - <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%c3%b3ria-e-mem%c3%b3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/grande-otelo>

4 - <http://pauluspra57.blogspot.com/2017/08/grandeotelo-1-grande-otelosebastiao.html>

5- Foguel, Israel (2019). The Great Othelo. [S.l.: s.n.] ISBN 9788593232077

6 - <https://www.facebook.com/FGO-Funda%C3%A7%C3%A3o-Grande-Othelo-275084752591680/>

7 - <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/centenario-de-grande-otelo-e-celebrado-com-mostra-no-rio.html>

O Jardins das delícias Macunaímicas

Quase ao mesmo tempo, quando os portugueses chegam a América, e apoderam-se das terras que vieram ser o Brasil, dando início a colonização, o pintor Holandês Hieronymus Bosch começa sua mais significativa pintura, *O Jardim das Delícias Terrenas* (1500-1505). A mais enigmática e sugestiva obra de Bosch suscitou, com o passar dos tempos, diversas interpretações, indo do esoterismo à alquimia, à tradução de paisagens literárias.

O Jardim das Delícias Terrenas é um tríptico, que descreve a história do mundo a partir da criação, apresentando o paraíso terrestre e o inferno nas asas laterais. Ao centro aparece um Bosch que celebra os prazeres da carne, com participantes desinibidos, sem sentimento de culpa. A obra expõe ainda símbolos e atividades sexuais com vividez. Bosch revela uma investigação da luxúria, dado que essa vida está entre o paraíso e o inferno como se conta no *Génesis*. Entre o bem e o

mal está o pecado, preposição cristã.

Mais de 400 anos depois do Jardim de Bosch, no Brasil, que busca, no movimento moderno, a construção de nossa identidade nacional, é criado o mito de Macunaíma, o herói sem caráter, surgido das três raças que constituem a maior parte da nossa população. O livro de Mário de Andrade torna-se filme em 1969, tendo Grande Otelo como uma das faces do nosso herói, a do seu nascimento. No ano do seu centenário, apropriando-me de imagens da tela do pintor Holandês e da cena do nascimento de Macunaíma, produzi um vídeo que vê a eternidade do ator no renascimento do nosso mito, protegido pelo muiiraquitã, talismã que representa o nascimento da vida para nossos indígenas.

Grande Otelo superou grandes tragédias pessoais: Na sua infância em Uberlândia, seu pai suicida-se e sua mãe torna-se alcoólatra. O menino descobre a arte e foge para São Paulo, onde, pego pelo Juizado de Memores, consegue adoção e educação. Mais tarde, quando já é um jovem ator reconhecido, sua esposa comete suicídio depois de matar o próprio filho de 5 anos. Isso causa uma enorme dor no ator, dor que ele parece só superar com sua atuação em *Macunaíma*. Em novembro de 2015 o filme entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos.

Sites utilizados para construção do texto:

- 1 - <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-jardim-das-delicias-hieronymus-bosch/>
- 2 - https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Jardim_das_Del%C3%ADcias_Terrenas
- 3 - [https://pt.wikipedia.org/wiki/Macuna%C3%ADma_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Macuna%C3%ADma_(filme))



Imagens utilizadas no vídeo 2015, Jardim das delícias para Grande Otelo:

O Jardim das Delícias, 1500-05, óleo sobre madeira, painel central 220 x 195 cm, painéis laterais 220 x 97 cm, Hieronymus Bosch, Museu do Prado, Madri.

Frame do nascimento de "Macunaíma" (interpretado por Grande Otelo e a mãe por Paulo José) direção de Joaquim Pedro de Andrade, 1969).



2016

Centenário de Zélia Gattai

Escritora, fotógrafa e memorialista

Zélia Gattai nasceu em São Paulo (SP), em 2 de julho de 1916, e faleceu no dia 17 de maio de 2008, em Salvador (BA).

Era filha de Angelina Da Col e Ernesto Gattai, ambos italianos. Seu pai, que a registrou como nascida no dia 4 de agosto, fazia parte do grupo de imigrantes políticos que chegou ao Brasil no fim do século XIX, para fundar a célebre Colônia Cecília, tentativa de criar uma comunidade anarquista na selva brasileira. A família de sua mãe, católica, veio para o Brasil após a abolição da escravidão para trabalhar nas plantações de café, em São Paulo. [1]

Em *Anarquista Graças a Deus*, primeiro livro lançado em 1979, Zélia Gattai inicia seu livro de memória, sobre a infância com a família em São Paulo, falando da rua paralela à Av. Paulista em que nasceu: «Num casarão antigo, situado na Alameda Santos número 8, nasci, cresci e passei parte de minha adolescência.

Ernesto Gattai, meu pai, alugara a casa por volta de 1910, casa espaçosa, porém desprovida de conforto. Teve muita sorte de encontrá-la, era exatamente o que procurava: residência ampla para a família em crescimento e, o mais importante, o fundamental, o que sobretudo lhe convinha era o enorme barracão ao lado, uma velha cocheira, ligada à casa, com entrada para duas ruas: Alameda Santos e Rua da Consolação. Ali instalaria sua primeira oficina mecânica. Impossível

melhor localização!» [2]

Zélia participava, com a família, do movimento político-operário anarquista que tinha lugar entre os imigrantes italianos, espanhóis, portugueses, no início do século XX. Aos vinte anos, casou-se com o intelectual e militante comunista Aldo Veiga. Deste casamento, que durou oito anos, teve um filho, Luís Carlos, nascido na cidade de São Paulo, em 1942. [3]

No início de 1945, Jorge Amado, membro do Partido Comunista, se encontrava em São Paulo para participar de movimentos reivindicativos e comandar a organização de um comício para Luís Carlos Prestes, recém-saído da prisão. Zélia, que já lera os primeiros romances de Jorge Amado e o admirava, conhece-o pessoalmente na abertura do Congresso Brasileiro de Escritores, que se realizava no Teatro Municipal de São Paulo. Zélia registrou em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, ABL: “De mim ele não sabia nada, nem podia saber, porque eu era apenas uma simples desconhecida, sem nenhuma credencial. Ele também não sabia que eu possuía uma estrela que o pusera em meu caminho.” Em meados de 1945, casaram-se. [1]

Em 1946, com a eleição de Jorge Amado para a Câmara Federal, o casal mudou-se para o Rio de Janeiro, onde nasceu o filho João Jorge, em 1947. Um ano depois, com o Partido Comunista declarado ilegal, Jorge Amado perdeu o mandato, e a família teve que se exilar. Permaneceram na Europa durante cinco anos, entre Paris e Praga, com intensa participação na vida cultural europeia. Nesse período, adquire uma máquina fotográfica alemã, no mercado de Paris, iniciando-se na arte da fotografia.

Em 1949, conclui o curso de Língua e Civilização Francesa, na

Sorbonne. Zélia e Jorge passam a residir no Castelo da União dos Escritores, em Dobris, na Tchecoslováquia, no ano de 1950. No dia 19 de agosto de 1951, nasce sua filha Paloma Jorge Amado, em Praga. Retornando ao Brasil, em 1952, instala-se no apartamento do sogro, no Rio de Janeiro, morando na cidade durante dez anos.

O casal fixa residência em Salvador, Bahia, no ano de 1963, indo morar na Casa do Rio Vermelho, onde tinha um laboratório e se dedicava à fotografia, tendo lançado a fotobiografia de Jorge Amado intitulada *Reportagem Incompleta*. Com uma obra repleta de memórias, os tempos vividos na Casa do Rio Vermelho, é título e tema de um dos seus livros. A criação do projeto arquitetônico é descrita no livro, e teve um breve recorte publicado em folder da Casa, hoje um Museu aberto à visitação pública:

«Jorge chamou os amigos para conosco estudarem o projeto feito pelo jovem Gilberbert [Chaves]. O encontro foi na casa de Mário Cravo. Estávamos todos lá: Caribé, Mirabeau, Jenner Augusto e o próprio Mário. Projeto interessante, de casa ampla, largos terraços, muita treliça, grades, casa para o clima da Bahia.

... As grades ficam por minha conta, disse Mário; eu me encarrego de pintar os azulejos, disse Caribé; eu pinto as portas e basculantes de vidro, falou Jenner. Por acaso, naquela noite, encontrava-se na casa de Mário, de quem era muito amiga, Lina Bo Bardi.... Lina também deu seu palpite: Por que não colocam no piso das escadas e nos caminhos cacos de azulejos? Vocês podem conseguir a vontade na cerâmica do Udo [Knoff]. Ele tem um monte de azulejos quebrados. Tudo que foi combinado nessa noite foi feito e muito mais.»

Aos 63 anos de idade, começou a escrever. Sua obra é composta de livros de memórias, livros infantis, fotobiografia e romance:

Anarquistas Graças a Deus, 1979 (memórias)
Um Chapéu Para Viagem, 1982 (memórias)
Pássaros Noturnos do Abaeté, 1983
Senhora Dona do Baile, 1984 (memórias)
Reportagem Incompleta, 1987 (memórias)
Jardim de Inverno, 1988 (memórias)
Pipistrela das Mil Cores, 1989 (literatura infantil)
O Segredo da Rua 18, 1991 (literatura infantil)
Chão de Meninos, 1992 (memórias)
Crônica de Uma Namorada, 1995 (romance)
A Casa do Rio Vermelho, 1999 (memórias)
Cittá di Roma, 2000 (memórias)
Jonas e a Sereia, 2000 (literatura infantil)
Códigos de Família, 2001
Um Baiano Romântico e Sensual, 2002
Memorial do amor, 2004
Vacina de sapo e outras lembranças, 2006

1 - <https://www.academia.org.br/academicos/zelia-gattai/biografia>

2 - Gattai, Zélia. *Anarquista Graças a Deus*, editora Record. Rio de Janeiro, 1979.

3 - [wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9lia_Gattai](https://pt.wikipedia.org/wiki/Z%C3%A9lia_Gattai)

Anarquistas graças a Oxalá

Anarquistas Graças a Oxalá é uma poesia visual e sonora regida pela cosmologia africana do Orixá Ewá, sobre o bairro do Rio Vermelho. 2016 foi o centenário de Zélia Gattai, autora de *Anarquistas Graças a Deus*. Zélia, senhora de Ewá e esposa do Oxóssi Jorge Amado, anarquista e comunista, descobrem juntos o culto dos Orixás onde artistas, a intelectualidade moderna, a esquerda e a oligarquia baiana encontram com o povo negro.

Ewá é a irmã caçula de Oxumaré, esse último, Orixá do arco-íris e guardião da prosperidade, o andrógino dos cultos Afros e senhor das serpentes. Ewá irmã do mesmo arco-íris, e possuidora dos mesmos atributos do irmão mais velho, é responsável pela qualidade da reprodução humana. É ainda o orixá dos encantamentos e rege o ocultismo.

O ano 2016, centenário de Zélia Gattai foi marcado por transformações urbanísticas no bairro Rio Vermelho, onde a fotógrafa e escritora habitava em Salvador. Nesse bairro, deixou junto com Jorge Amado um legado: A Casa do Rio Vermelho. Zélia Gattai, senhora de Ewá é vista a partir da montagem, realizada sob a direção da família Amado com o arquiteto e designer Gringo Gardia, na casa que guarda suas memórias. Na comemoração do seu centenário, a Casa do Rio Vermelho torna-se definitivamente um museu aberto ao público.

Após uma visita demorada à Casa do Rio Vermelho, já com as obras municipais de requalificação do bairro concluídas, o visitante se depara com um tratamento ambiental do Rio Lucaia, na Av. Juraci Magalhaes ainda insuficiente. O rio vai desembocar, mais à frente no Largo da Mariquita, na praia histórica pelo naufrágio de Caramurú. Na praça margeada por

essa foz, havia antes da reurbanização, o Mercado do Peixe. A transformação deste mercado popular em uma praça de alimentação, a Vila Caramuru, possível de se tornar um local para eventos e shows fechado por portões, contrasta com o exíguo espaço que sobrou aos pescadores populares.

O Projeto solicitou à família Amado autorização para o uso em exposição das imagens da Casa do Rio Vermelho. A aprovação veio após consulta à sua assessoria jurídica, ao arquiteto Gringo Gardia, criador da montagem exposta na Casa e à Prefeitura Municipal de Salvador, parceira na manutenção do espaço.

Anarquista graças a Oxalá - O bairro do Rio Vermelho com Ewá. 15 min.

Imagens do bairro e da Casa do Rio Vermelho no Centenário de Zélia Gattai. 2016

Áudio: Texto como narrativa | Xirê de Ewá | Italian Shões Continuun – Álbum Cobra and Phases – Grupo Play Voltage





01

A Casa do Rio Vermelho.
Fotografias. 2013



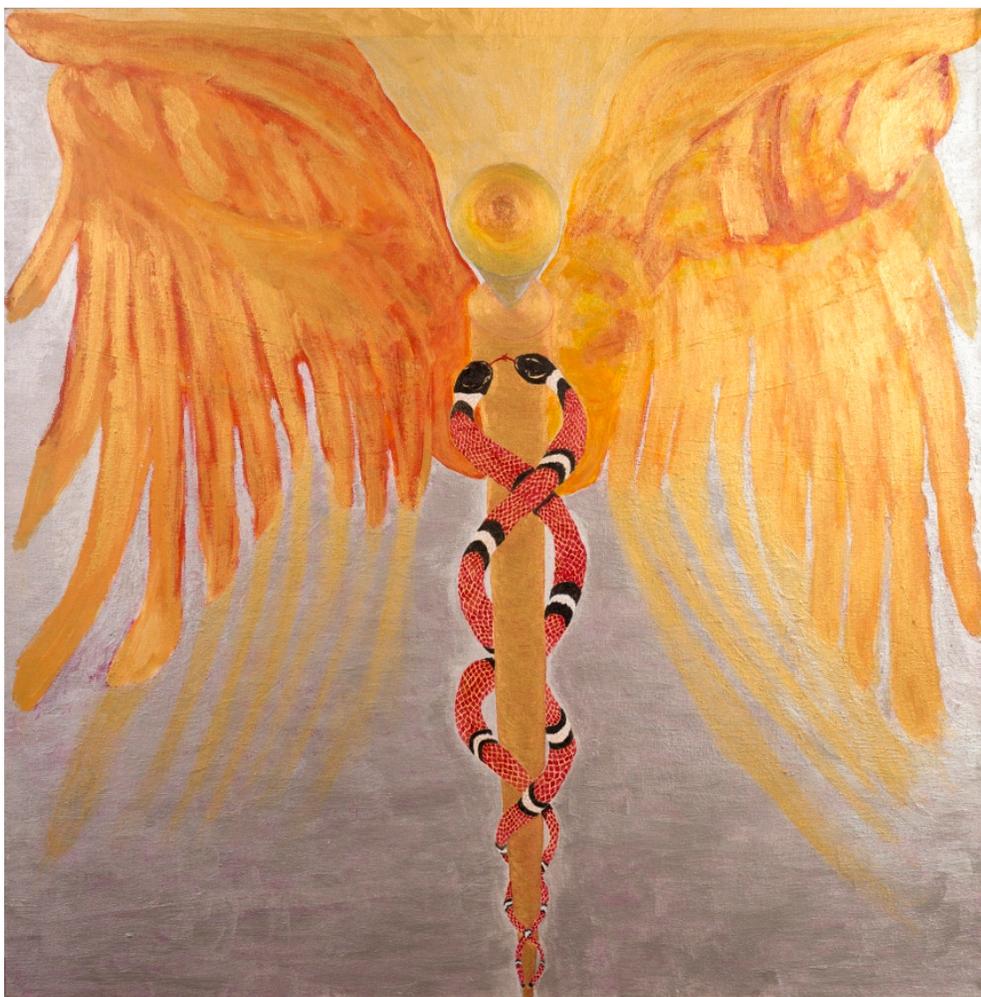


Frames de Anarquista graças a Oxalá.
imagens. 2016.

02



O tempo a partir das serpentes. Ouroboros, a noite com Ewá.
Acrílica sobre tela, 80x80 cm, 2016.



O tempo a partir das serpentes. O dia com Oxumaré.
Acrílica sobre tela, 80x80 cm, 2017.

02



O tempo a partir das serpentes. Caduceu para Exu na alvorada.
Acrílica sobre tela, 80x80 cm, 2016-2017.

2017

Centenário de Mestre Didi

Biografia do Museu AfroBrasil de São Paulo

Mestre Didi (Deoscóredes M. dos Santos)

(Salvador/BA, 1917-2013)

Escultor e sacerdote. Foi em 1925 que o menino de oito anos Deoscóredes foi iniciado no culto aos ancestrais (Egungun) da tradição Yorubá na Ilha de Itaparica - BA. Carinhosamente tornou-se conhecido como “Mestre Didi”. É um herdeiro da grande tradição do reinado de Ketu, saber recebido da “vaidosa senhora de melindres e delicados gestos”, dona Maria Bibiana do Espírito Santo, mais conhecida como Mãe Senhora. Em 1975, Didi recebeu a mais alta hierarquia sacerdotal Alapini no culto aos Ancestrais Egun. Em 1980, fundou a Sociedade Religiosa e Cultural Ilê Asipá, do culto aos ancestrais Egun em Salvador, Bahia.

Publicou vários livros sobre a cultura Yorubá, cinco dos quais em parceria com a antropóloga Juana Elbein dos Santos, sua esposa. Em 1964, realizou a primeira de suas várias exposições

individuais realizadas tanto no Brasil quanto no exterior, incluindo, em 2009, *Mestre Didi: O Escultor do Sagrado – Homenagem aos 90 anos*, no Museu AfroBrasil (São Paulo).

São mais de 30 exposições coletivas, entre as quais *Os Herdeiros da Noite* (Pinacoteca do Estado de São Paulo / Centro de Cultura de Belo Horizonte - MG, 1995); *Mostra do Redescobrimento* (São Paulo, 2000) e *Negras Memórias, Memórias de Negros* (Galeria de Arte SESI-FIESP-SP, 2001 / Museu Histórico Nacional-RJ, 2001 / Palácio das Artes, Belo Horizonte - MG, 2003). Além disso, recebeu dezenas de homenagens e prêmios importantes como a Medalha Thomé de Souza / Câmara Municipal (Salvador - BA), recebida em 1995; a condecoração de Honra ao Mérito Cultural, grau de Comendador, Ministério da Cultura, em 1996; título de Dr. Honoris Causa pela Universidade Federal da Bahia, em 1999, entre outros.

Para o curador Emanuel Araújo, o artista Mestre Didi e suas obras “são como uma união de antiga sabedoria, a expressão viva da continuidade e da permanência histórica da criação de uma nova estética que une o presente ao passado, o antigo ao contemporâneo, a abstração à figuração, formas compostas ora como totens, ora como entrelaçadas curvas (...) suas esculturas, em sua interioridade, são uma relação entre o homem e o sacerdote que detém o espírito íntimo das coisas e de como elas se entrelaçam entre a sabedoria do sagrado e do profano”. Fazendo uso de materiais naturais como búzios, sementes, couro, nervuras e folhas de palmeira, etc., o artista possui uma obra de fôlego inesgotável e que se perpetua em constante renovação.

<http://www.museuafrobrasil.org.br/mestredidi>

Biografia na Enciclopédia Itaú Cultural

Deoscóredes Maximiliano dos Santos (Salvador, Bahia, 1917 - Idem, 2013). Escultor e escritor. Executa objetos rituais desde a infância; aprende a manipular materiais, formas e objetos com os mais antigos do culto orixá Obaluaiyê. Entre 1946 e 1989, publica livros sobre a cultura afro-brasileira, alguns com ilustrações de Caribé. Em 1966, viaja para a África Ocidental e realiza pesquisas comparativas entre Brasil e África, contratado pela Unesco. Nas décadas de 60 a 90, participa como membro de institutos de estudos africanos e afro-brasileiros e como conselheiro em congressos com a mesma temática, no Brasil e no exterior. Em 1980, funda e preside a Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Asipá do culto aos ancestrais Egun, em Salvador. É coordenador do Conselho Religioso do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira, que representa no país a Conferência Internacional da Tradição dos Orixás e Cultura.

Fontes de pesquisa

ARAÚJO, Emanuel (org.). A Mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica. São Paulo, SP: Tenenge, 1988.

BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO, 23, 1996, São Paulo, SP. Catálogo das salas especiais. Organização e coordenação Nelson Aguilar. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1996.

DIDI, Mestre. Ancestralidade africana no Brasil: Mestre Didi, 80 anos.

Organização Juana Elbein dos Santos. Salvador: SECNEB, 1997.

DIDI, Mestre. Esculturas. Salvador: Prova do Artista, 1996.

DIDI, Mestre. Mestre Didi: Mo qui gbogbo in (Eu saúdo a todos). Curadoria Denise Mattar; co-curadoria Thais Darzé. São Paulo: Almeida e Dale Galeria de Arte, 2018.

DIDI, Mestre. Mestre Didi: sacred afro-brazilian sculpture. Miami: Bass Museum of Art, 1998.

MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO, 2000, SÃO PAULO, SP. Arte afro-brasileira.

Curadoria François Neyt, Catherine Vanderhaeghe, Kabengele Munanga, Marta Heloísa Leuba Salum. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais; Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO, 2000, SÃO PAULO, SP. Negro de corpo e alma. Curadoria Emanuel Araújo, Maria Lúcia Montes, Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo; Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

SANTANA FILHO, Élcior Ferreira de (coord.); FILUS, Cláudio (coord.). Escultura Brasileira: perfil de uma identidade. Curadoria Emanuel Araújo, Sérgio Pizoli; tradução David Coles, Eloisa Marques, Daril Collard. São Paulo: Imprensa Oficial, 1997.

MESTRE Didi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21953/mestre-didi>>. Acesso em: 09 de Mar. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21953/mestre-didi>

Artistas graças a Olorun



Oxumaré, Orixá do arco-íris e guardião da prosperidade, o andrógino dos cultos afros e senhor das serpentes, aparece de modo recorrente na produção de Mestre Didi, sacerdote artista visual e escritor, que chegou aos 100 anos em 2017. Nanã e seus filhos são o eixo central de suas criações escultóricas, daí serem asserpentes emblemas usuais em sua obra.

O projeto inicia-se no bairro Rio Vermelho, onde Jorge Amado e Zélia Gattai moraram grande parte de suas vidas, estabelecendo profunda relação com a cultura Yorubá na Bahia. Lá encontra-se o monumento urbano de autoria de Mestre Didi denominado *Cetro da Ancestralidade*, dedicado a Nanã e seus filhos, entre eles Ewá e Oxumaré. Com Oxumaré segue imagetivamente em um arco-íris, morada dos irmãos com poder sobre as serpentes. Somos transportados nesse arco-íris surgido por magia no céu do *Cetro da Ancestralidade*, para aterrizar no retorno da Av. Carlos Gomes, no Bairro Dois de Julho. Precisamente na entrada do bairro, conhecida como Esquina Arco-íris. O Dois de Julho é famoso por sua diversidade de Gêneros e por sediar várias instituições ligadas às questões da afrodescendência, como o CEAO- UFBA, as Ongs Mídia Étnica, Bahia Street, Instituto Odara, e Grupos de capoeira.

O Dois de Julho é cartografado através de suas três principais entradas, Rua do Faísca, Rua da Força e Rua do Cabeça, tendo cânticos de saudação a Oxumaré, e tem como signo visual condutor a obra de Mestre Didi, *Opá esin Ati Ejo Meji [Cetro da Lança com Duas Serpentes]* de 1992, uma espécie de caduceu, onde duas serpentes envolvidas em uma lança parecem prontas a voar.

A partir dos três acessos recém-reformados pela Prefeitura Municipal, o mapa visual chega ao conjunto de largos conhecidos na cidade como Dois de Julho. É possível apontar numerosos erros na dita requalificação municipal, como: a destruição do verde e do paisagismo já existente, a forma como o Mercado popular foi construído, destruindo a espacialidade do largo, ao criar um paredão cego em um dos seus lados. Frente a esse paredão fica a rua do Atelier Abade Pimentel, espaço criador e difusor do audiovisual. Como todas as outras ruas do bairro, entre 2016 e 2017, foi reurbanizada pelo Governo do Estado, em obra paralela a da prefeitura. O audiovisual reúne imagens do bairro, registradas nos últimos 20 anos por Sandro Pimentel, apontando seus centros gravitacionais de cultura, artistas e ativistas.

Artista graças a Olorun. O bairro do Dois de julho com Oxumaré. 15 min.

Áudio: Texto como narrativa | *Xirê Oxumaré - Ketu | Oxumaré - Domínio popular/Gilberto Martins, do disco Ascensão de Serena Assupção | Células musicais de Nobre Asipa com Naicyra Falcão*

Opá esin Ati Ejo Meji [Cetro da Lança com Duas Serpentes].
Escultura de Mestre Didi de 1992;
Acervo do Instituto Itaú Cultural.
Signo condutor da narrativa
visual de Artistas Graças a
Olorun.

18



01

Acervo fotográfico 2 de Julho.
Em cima o Largo e o Hotel Clock,
em 2007.

Em baixo, Vila Coração de Maria,
em 2005 e Colégio Ypiranga em
2014.





Acima: O largo em 2006 e o Coreto em 2014.
Abaixo: Interior do Fantoches (2007), Marina Contorno (2013) e Museu de Arte Sacra (2006).



Frames de Artistas Graças a Olorun.
Registros do bairro 2 de Julho de 2004 a 2017.

MOVIMENTO
NOS SO **BAIRRO**
É 2 **JULHO**
DE

DOIS DE JULHO É BAIRRO, SIM!
BAIRRO DE LUTA E RESISTÊNCIA!



01



O 2 de Julho, é Bairro Sim!

Ativista em ação pelo reconhecimento do bairro. Fotografia. 2017.

O Tempo a partir das Serpentes

Projeto inspirado na Capela do MAM, A ser transposto a outros espaços.

O Tempo a partir das Serpentes, versa sobre memória e cidade. Memória de dois grandes artistas brasileiros que chegaram à casa dos 100 anos em 2016 e 2017: a fotógrafa e escritora Zélia Gattai e o artista visual Mestre Didi, e de dois artistas contemporâneos, que nesse mesmo período fizeram suas passagens: Ivana Chastinet e Lelo Souza da Mata.

As serpentes são atributos dos Orixás Ewá e Oxumaré, Orixás do arco íris, filhos de Nanã. Ewá as águas no ar do céu, que permitem que a luz seja refratada e gere o belo fenômeno atmosférico do arco-íris, ligado ao mito da diplomacia e da prosperidade. As serpentes são tema para um tríptico em pintura que dá nome ao projeto. Lá, apresento uma visão, um diálogo daquelas em signos clássicos, com as serpentes da cosmogonia africana. As serpentes, que tem na noite um Ouroboros, quando morde o próprio rabo, é dedicada ao Orixá alquimista Ewá. O dia, posterior às tempestades, em uma serpente arco íris Oxumaré. E a aurora, quando a noite encontra o dia, em um caduceu, emblema de Hermes-Mercúrio, deus greco-romano da comunicação, que se torna com as cobras corais, dos filhos de Nanã, em um Caduceu para Exu, senhor das comunicações africanas.

Nos anos de 2016 e 2017, o Rio Vermelho e o 2 de Julho passaram por reformas, que impactaram bastante a imagem urbana desses bairros. A Casa do Rio Vermelho, morada de Jorge Amado e Zélia Gattai tornou-se instituição cultural aberta ao público. Esse marco da arquitetura baiana recebe

visita reflexiva em formato audiovisual, com o título *Anarquistas Graças a Oxalá*. Inicia-se no *Cetro da Ancestralidade*, obra de Mestre Didi, situado na orla do Rio Vermelho. Do outro lado da rua, quase a sua frente, no Largo de Santana a escultura do casal Amado. Segue até a casa do Rio Vermelho, revelando o bairro e a morada da modernidade baiana, em reflexão sobre a memória centenária de Zélia Gattai, que em 2016 fez seus 100 anos.

Do mesmo *Cetro da Ancestralidade*, de Mestre Didi, centenário em 2017, partimos para o bairro 2 de Julho, que tem em um dos seus acessos, a Esquina do Arco Íris, por sua diversidade de gênero, etnia e classes sociais. O bairro 2 de julho no Centro Antigo, possui uma deslumbrante vista da Baía de Todos os Santos. Bairro de intelectuais e artistas, revisitado com o audiovisual intitulado, *Artistas Graças a Olurun*. Os dois audiovisuais, são como parte de um mesmo filme sobre memória e cidade; compõem um discurso que protagoniza a cosmogonia Yorubá, na construção cultural da cidade de Salvador.

O Tempo a partir das Serpentes busca uma apropriação espacial em 3 salas, para falar da cidade de Salvador e suas memórias, com um recorte no viés da contribuição Nagô, que permeia uma camada entre o imaginário e o dia a dia, da Cidade da Bahia. Com sensibilidade, fala das doídas cirurgias que vão se processando em Salvador, no tempo que enquanto se consome, nos leva ao infinito de nossas horas.

O Tempo a partir das Serpentes

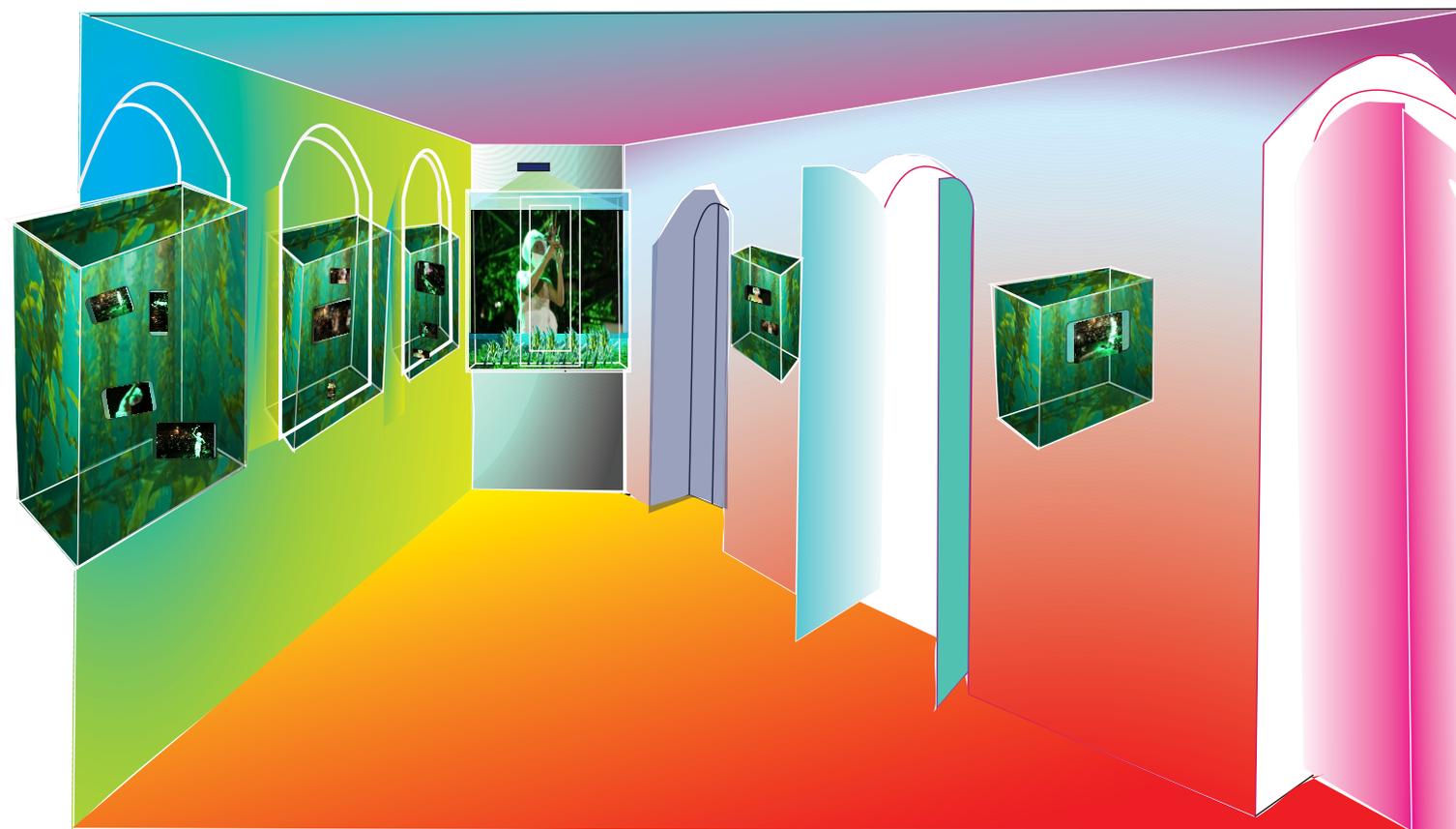
Na entrada da Nave Central da Capela - MAM, um piso como pintura expandida feita de luzes. Na parede direita, com luz focal, instala-se a trilogia em pintura, que oferece o título à exposição; Na parede esquerda também com luz focal, textos reflexivos sobre conteúdos, conceitos e a montagem, ficha técnica, marcas institucionais e patrocinadores.

Na nave, onde antes era o altar, os audiovisuais. O piso tem iluminação voltada para ele, e bancos escalonados de desenho limpo e o mais confortável possível para o espaço.



O Tempo a partir das Serpentes

Na nave lateral esquerda, uma instalação para a parte água do arco íris, *As águas do céu de Nanã*, traz a memória de Ivana Chastinet, artista com quem tive uma intensa vivência na construção de ações políticas e artísticas no bairro 2 de julho. Acompanhei seus últimos momentos presenciais, a virtualização de sua lembrança e a resistência de seu legado. No fundo da nave lateral, na parede branca que tem um nicho, um aquário é instalado, contendo uma moldura de algas, receberá a projeção do registro da performer em *Maminha*, no encerramento da 3ª Bienal da Bahia, no Largo 2 de Julho, realizado por Maria Pinheiro. Ivana Chastinet é emoldurada, pelo nicho que tridimensionalizará a imagem, na água. Aquários com celulares impermeabilizados, funcionando em corrente contínua, apenas como porta retrato único de uma cena retirada da performance apresentada, intensifica a apreensão da obra.



01

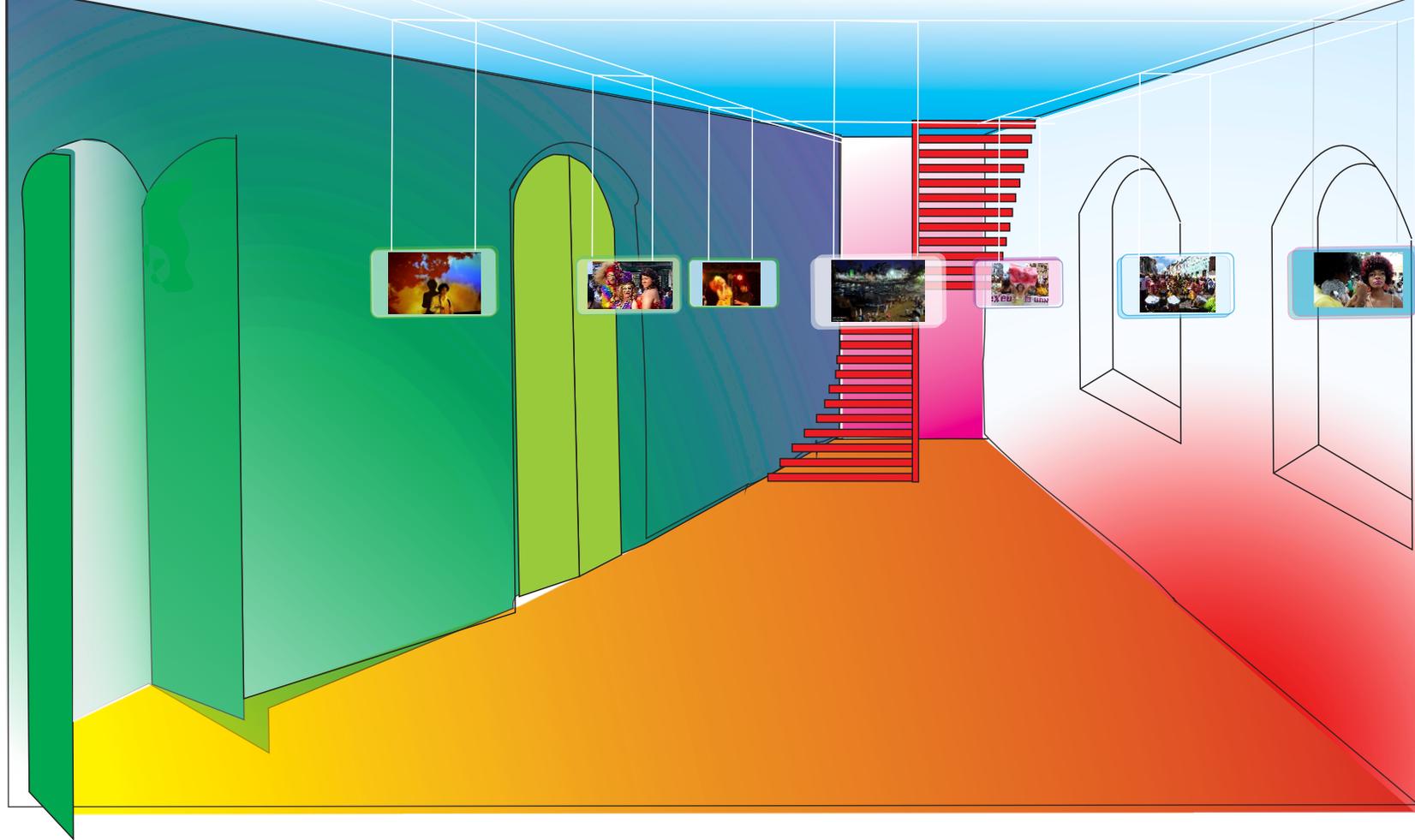
As Águas do Céu de Nanã

Vídeo instalação, com registros da performance Maminha de Ivana Chastinet.

O Tempo a partir das Serpentes

Na nave colateral direita, instalo fotografias de Lelo Souza da Mata, visto no Arco Íris, feito uma pintura expandida construída por projeção de luzes nas paredes, piso e teto. As fotografias são guardadas em caixas de acrílico, que possuem iluminação própria. As imagens serão vistas dos dois lados. São sustentadas em uma teia de cabos de aço tencionáveis, que contém a rede elétrica, encapada e presa a eles. A seleção de fotografias de Lelo Souza da Mata, é nosso reconhecimento ao trabalho do artista, parceiro no bairro 2 de Julho, território comum às nossas existências na cidade, e em eventos do calendário cultural da cidade. O recorte revela fotografias feitas no Santo Antônio, 2 de Julho e Rio Vermelho, onde o artista registrou o Cortejo do 02 de Julho, a Parada Gay, o Encerramento da 3ª Bienal da Bahia em nosso bairro 2 de Julho, personagens do Bloco Rodante, no carnaval do Santo Antônio, a Festa de Santa Barbara e a Festa de Yemanjá no Rio Vermelho. Somente pequena parte de sua vasta produção.

Ao lado: Fábio Duarte e Fao Miranda registrados por Lelo, em ações do encerramento da 3ª Bienal da Bahia. Duas imagens de Lelo Souza da Mata visto no arco-íris. Instalação de fotografias.



01

13



2018

100 anos do Museu de Arte da Bahia no Projeto Arte de Passagem

Intinerância pela arte contemporânea em um Museu que faz 100 anos

A sincronicidade é uma demonstração de algo maior que nós mesmos. Ao receber o convite de Willyams Martins, artista visual e curador do *Arte de Passagem*, para participar da segunda versão do projeto, com produção de Antônio Nykiel e saber que a exposição coletiva seria realizada no MAB, Museu de Arte da Bahia, um contentamento, seguido da tensão do que apresentar, se estabeleceu em mim.

É que o MAB, museu que guarda, na Bahia, a memória de um Brasil colonial e imperial, em 2018, comemorava seu centenário. Floresce em razão de ter na sua direção o curador da Bienal do Recôncavo, Pedro Arcanjo, que aponta as gerações da passagem milenar, da década de 1990, para nosso novo século. O conhecimento do diretor, dessas

ações e conceitos, contemporiza o eco do tempo, oferece vida ao espaço.

Para a exposição no MAB decido voltar ao meu arquivo de pinturas, de onde retiro uma pequena série, realizada em 2005, quando foi celebrado o centenário da Dra. Nise da Silveira. Nessa época, através da auto investigação de símbolos subliminares, formados a partir de minhas memórias de infância, chego aos escaravelhos. Estes tornam-se atributos de duas das oito personalidades da série: a eternidade e a jovialidade, pensadas como ilustrações para capas de uma revista ficcional. O nome da revista, PósKatrina, foi dado após a realização das oito pinturas em formato pequeno. As PósKatrinas, são como um guia de sobrevivência posterior às catástrofes.



100 anos do Museu de Arte da Bahia no Projeto Arte de Passagem



21

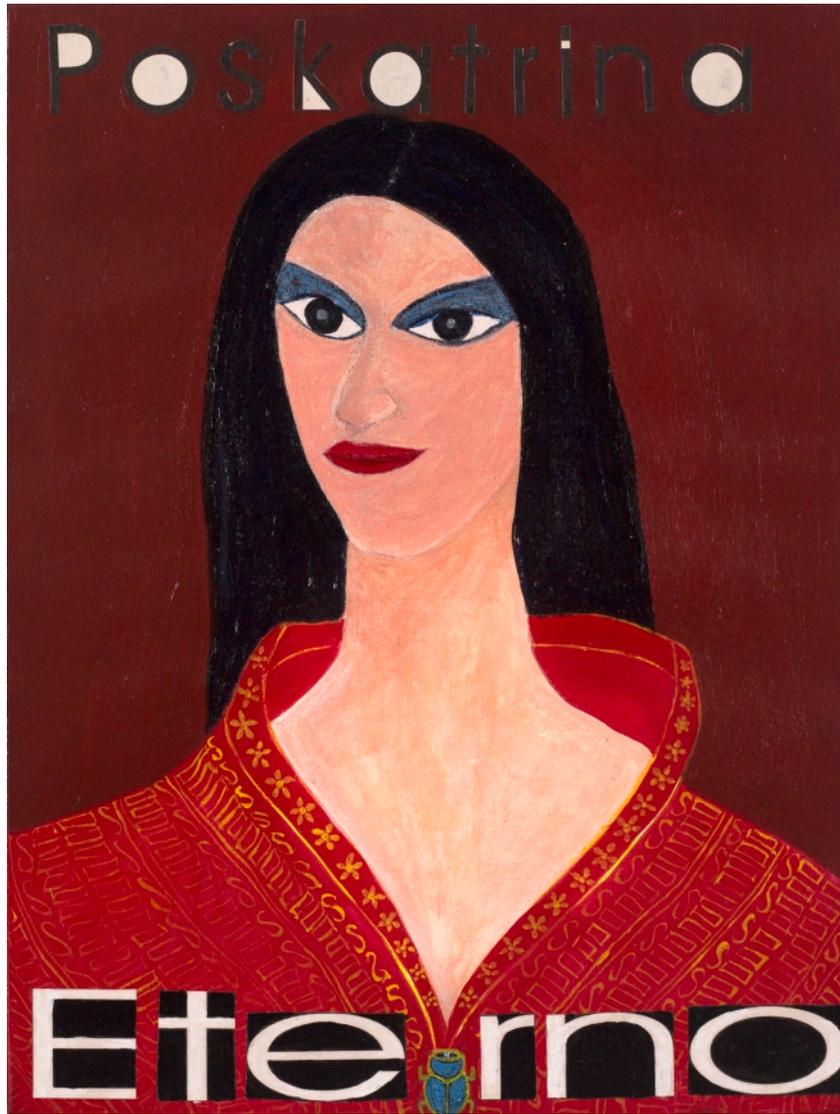


01

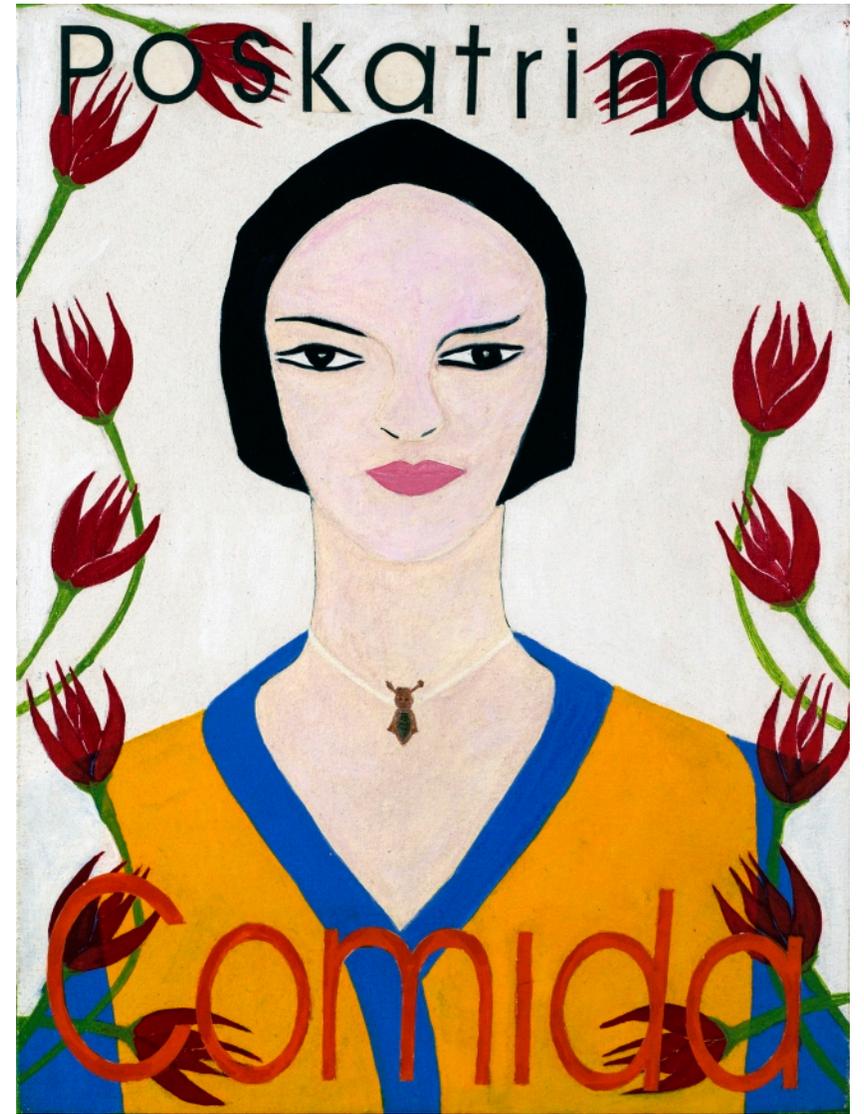
01



As PósKatrinas
Técnica mista,
série de 8 telas
30cm x 40cm.
2005/2006.



02

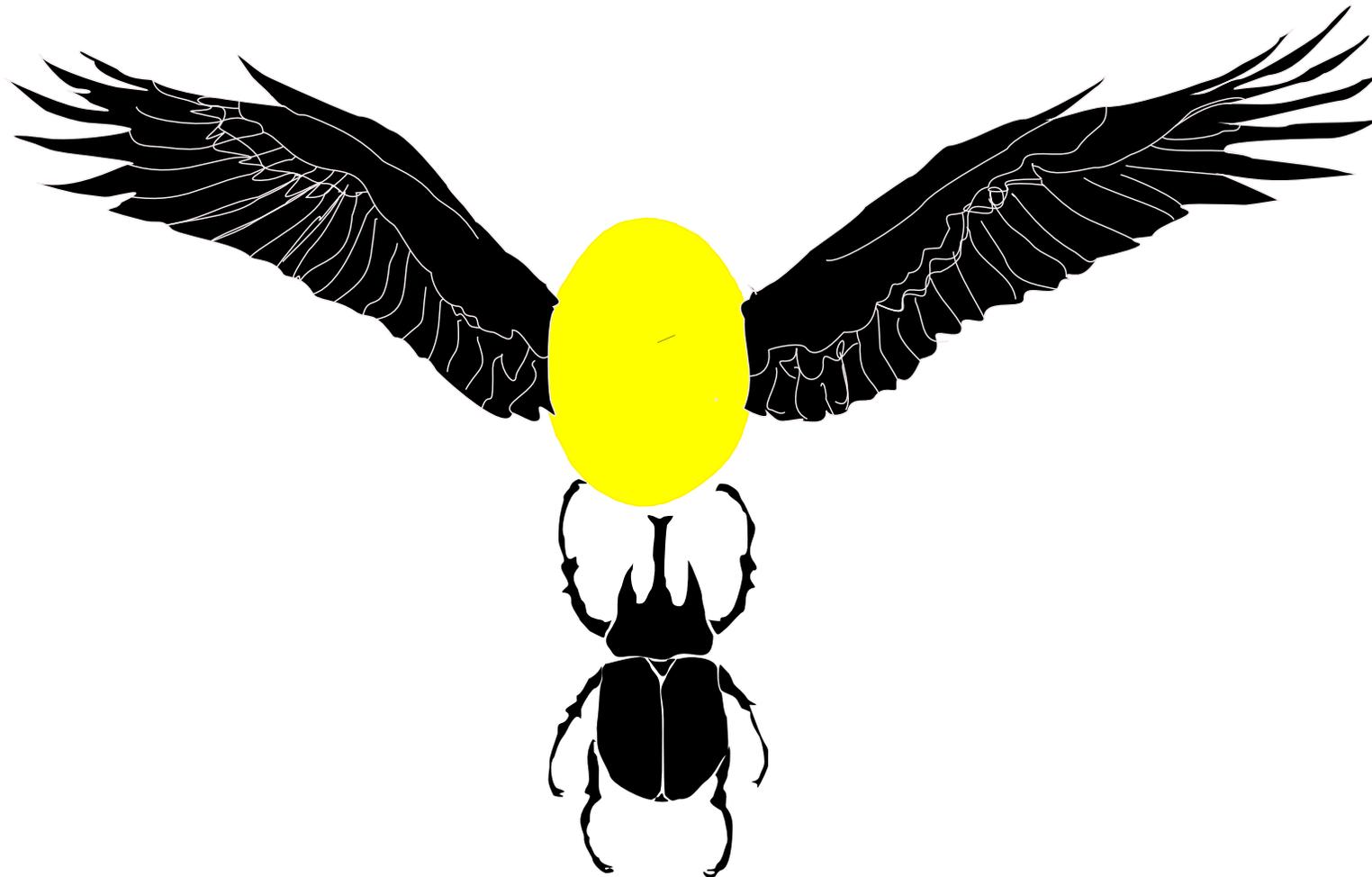


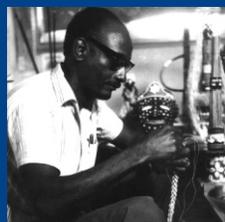
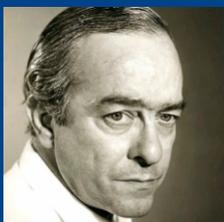
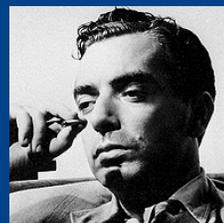
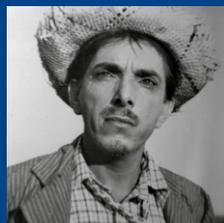
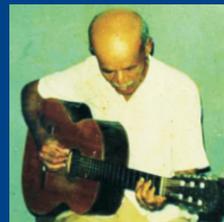
As Águias e Seus Reinos de Pássaros

Ao Tempo a Partir das Serpentes, sucede o *As Águias e seus Reinos de Pássaros*, nova série de pinturas e ações visando o Centenário da Semana de Arte Moderna em 2022.

As Águias e seus Reinos de Pássaros, vôos criativos com a pesquisa que versa sobre comemorações de centenários, projeto que desenvolvo desde os 100 anos de Anísio Teixeira, em 2000. Ano a ano guia meus processos criativos.

Por conta da pandemia, vi serem impossibilitados para 2020, tanto a realização da montagem em Salvador, sobre os centenários de Zélia Gattai em 2016 e Mestre Didi em 2017, bem como a possibilidade de mostrar meu trabalho em Guanambi, cidade em que nasci, que se tornou centenária. Para não perder o ânimo, reúno forças na nova série que dirijo ao Centenário da Semana de Arte Moderna em 2022, onde a Beija-flor Guanambi que me deu pouso já está presente.





As Águias e Seus Reinos de Pássaros

Saúdam os 100 anos da Semana de Arte Moderna em 2022

- 2000 Anísio Teixeira
- 2001 Cecília Meireles
- 2002 Carlos Drummond de Andrade
- 2003 Ary Barroso
- 2004 Dercy Gonçalves
- 2005 Nise da Silveira
- 2007 Vô Abade
- 2007 Dona Zuzu
- 2007 Dona Canô

- 2007 Oscar Niemeyer
- 2008 Cartola
- 2009 Carmen Miranda
- 2010 Patrícia Galvão, Pagu
- 2011 Arthur Bispo do Rosário
- 2012 Amácio Mazzaropi
- 2012 Nelson Rodrigues
- 2012 Jorge Amado
- 2012 Luiz Gonzaga

- 2013 Vinicius de Moraes
- 2014 Dorival Caymmi
- 2015 Grande Otelo
- 2016 Zélia Gattai
- 2017 Mestre Didi
- 2018 Outros Centenários
- 2019 100 de Guanambi
- 2020 Dolly McRae
- 2020 Clarice Lispector

Outros centenários não citados

Seria impossível, é claro, pesquisar todos os centenários ocorridos entre 2000 e 2021, quando apresento esse livro. Os centenários aqui citados, são uma amostra do elenco magistral que o século passado fez nascer e crescer para a continuidade da nossa história artística e cultural. Os que se dispuserem a ler, ou mesmo só observar esse livro, com certeza irão notar a ausência de importantes nomes da nossa cultura, ou de agentes populares conhecidos, que comemoraram seus aniversários de 100 anos.

De pronto, me lembro dos centenários não citados, do antropólogo e fotógrafo Pierre Verger (2002), nascido em Paris, França e falecido em Salvador, Bahia, em 1996. Recordo também da grande dama da pintura Tomie Ohtake, nascida em Quioto, Japão, em 1913 que deixa sua Fundação em São Paulo, onde faleceu em 2015. Além da arquiteta Lina Bo Bardi, nascida em Roma, Itália, em 1914 e falecida em São Paulo em 1992. Ocorre-me ainda o centenário do cantor e compositor Adoniran Barbosa (2010), do ator, poeta e compositor Mario Lago (2011), do apresentador Chacrinha (2017) e da artista plástica Lygia Clark (2020).

Só para traçar uma ideia de como são muitos os centenários importantes a cada ano, apenas nesse 2021, em breve pesquisa na internet, apresento uma lista reduzida dos que fazem 100 anos:

07/01 - Josué Guimarães (1921-1986) - escritor brasileiro.

15/01 - Zé Gonzaga (1921-2002) - compositor e acordeonista brasileiro.

22/01 - Vasco Mariz (1921-2017) - historiador, musicólogo, escritor e diplomata brasileiro.

27/02 - Zé Dantas (1921-1962) - compositor, poeta e folclorista brasileiro.

04/03 - Ademilde Fonseca (1921-2012) - cantora brasileira.

07/03 - Waldir de Luna Carneiro (1921-2019) - jornalista, contista e dramaturgo brasileiro.

17/03 - Antônio Maria 'Araújo de Moraes' (1921-1964) - cronista, comentarista esportivo, poeta e compositor brasileiro.

01/04 - Átila Iório (1921-2002) - ator brasileiro. Protagonizou dois dos mais importantes filmes do cinema novo: *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos (1928-2018) e *Os Fuzis* (1974), de Ruy Guerra (1931).

03/04 - Maria Clara Machado (1921-2001) - escritora e dramaturga brasileira. Autora de importantes peças infantis e fundadora do Teatro Tablado (1951).

06/04 - Cacilda Becker (1921-1969) - atriz brasileira.

12/04 - Frans Krajcberg (1921-2017) - pintor, escultor, gravador e fotógrafo polonês, naturalizado brasileiro.

12/05 - Ruth de Souza (1921-2019) - atriz brasileira.

28/05 - Celso Luft (1921-1995) - professor, gramático, filólogo, linguista e dicionarista brasileiro.

05/06 - Zuzu Angel (1921-1976) - estilista brasileira. O filme *Zuzu Angel* (2006), dirigido por Sérgio Rezende (1951), revela a trajetória da estilista mineira em busca do filho Stuart Angel Jones preso, torturado e morto pela ditadura militar. As manifestações da estilista mineira ecoaram no Brasil, no exterior e em sua moda. A cruzada de Zuzu expõe as vísceras da repressão e incomoda tanto que, certa noite, em um estranho desastre de carro, ela tem o mesmo destino do filho.

21/08 - Milton Ribeiro (1921-1972) - ator brasileiro. Seus filmes de maior sucesso, além de *O Cangaceiro* foram *Arara Vermelha*, *A Morte Comanda o Cangaço*, *O Cabeleira*, *Lampião - O Rei do Cangaço*, *O Diabo de Vila Velha*, *Corisco - O Diabo Loiro* e *Meu Nome é Lampião*.

16/09 - Zé Keti (1921-1999) - cantor e compositor brasileiro.

19/09 - Paulo Freire (1921-1997) - educador e filósofo brasileiro.

22/09 - Yara Côrtes (1921-2002) - atriz brasileira.

14/11 - Dick Farney (1921-1987) - cantor, pianista e compositor brasileiro.

26/11 - Otelo Zelsoni (1921-1973) - ator ítalo-brasileiro.

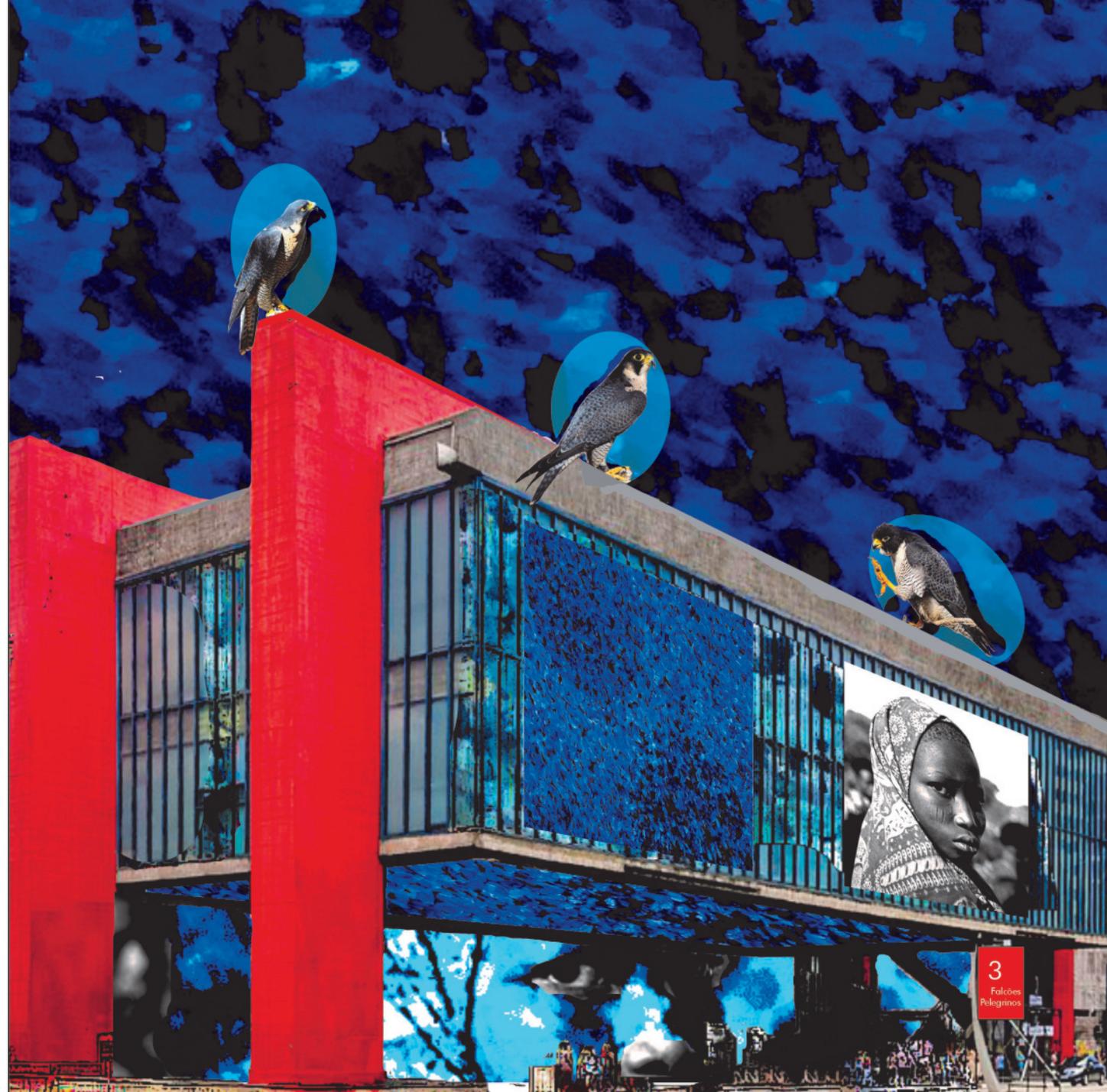
01/12 - Nestor de Holanda (1921-1970) - jornalista, escritor, teatrólogo, produtor de rádio e TV, compositor e publicitário brasileiro.

<http://www.elfikurten.com.br/2021/01/centenarios-de-2021-e-outras-efemerides.html>

Três Falcões Pelegrino nos lembram Pierre Verger,
Tomie Otake e Lina Bo Bardi.

Estudo digital para pintura dotada de inteligência artificial.

01



2019

Centenário de Guanambi

«Guanambi nasceu ao redor da Fazenda Carnaíba de Dentro, de propriedade de José Dias Guimarães, que era português e devoto de Santo Antônio. Quando faleceu, sua fazenda foi dividida entre os seus seis filhos. O filho mais velho – Joaquim Dias Guimarães – escolheu a parte da fazenda que queria. No final do Século XIX, à margem direita do Rio Carnaíba de Dentro, nascia um pequeno arraial que ficou conhecido como Beija-Flor. No local, havia uma lagoa em cujo entorno circulavam tropeiros que abasteciam a região.

Segundo relatos de antigos moradores, uma mulher de nome Bela, devota de Santo Antônio, construiu uma casa de taipa nas proximidades do Riacho Belém, na margem direita do Carnaíba de Dentro. Desde então, para ali se convergiam os moradores da vizinhança que, junto com Bela, todos os anos, rezavam benditos e ladainhas para o Santo. Esse encontro se transformou num festejo de muitos dias. Bela promovia festas com frequência, o que atraía muita gente para o lugar, principalmente domingos e dias santos. Assim, foram surgindo outras casas, cujos moradores eram de vilas e lugarejos da região.

Outra versão da história da cidade conta que Bela tinha uma filha muito simpática que se chamava Flor. Era comum durante as cerimônias de Santo

Antônio que as festividades apenas se iniciassem depois que todos beijassem a imagem do santo, a começar pela filha da dona da casa, a bonita Flor. Querendo que a festa se iniciasse logo, todos os presentes pediam: “Beija, Flor! Beija, Flor”. Assim, o povo passou a chamar o lugarejo de Beija-Flor.

Uma terceira versão diz que a denominação Beija-Flor, dada ao Arraial, veio da pequena ave da espécie colibri, pois o terreno sempre úmido devido a vazante, contíguo ao local do arraial, permitia a existência de muitas flores silvestres e, em consequência, a presença de muitos beija-flores. O fato é que o nome Guanambi tem origem etimológica no Tupy Guarany, das palavras “Guainumbi, Guanumbi, Guanambi”, que significam Beija-Flor.

Localizada a 796km da capital do estado da Bahia, Guanambi liga-se a Salvador pelas BR-030 e BR-324, bem como pela BA – 262. A cidade está circundada pelos municípios de Igaporã, Caetité e Matina (ao norte); Candiba e Sebastião Laranjeiras (ao sul); Pindaí e Caetité (a leste); Palmas de Monte Alto (a oeste) e é considerada uma cidade-polo nas áreas comercial, de saúde e educacional na região.»

Recorte do artigo publicado em:
www.guanambi100anos.com.br

01

O Leãozinho ou a Pedra
do Índio, a esfinge de
infância.
Guanambi – Bahia. 2019



Centenário de Guanambi

A *Beija-flor e o Carcará*, pintura pelos 100 anos de Guanambi, é a segunda pintura da série *As Águias e seus Reinos de Pássaros*, projeto conclusivo de 20 anos conectando memórias centenárias do novo século.

A sede do arraial de Beija-Flor tornou-se município por decreto em 14 de agosto de 1919, com o nome de Guanambi. A instalação administrativa se verificou a 1º de janeiro de 1920. Guanambi, em tupi-guarani beija-flor, antigo distrito de Palmas de Monte Alto, fica igualmente próxima a Caetité, a mata da pedra grande, cidade onde nasceu Anísio Teixeira, que em 2000 tornou-se centenário, quando dou início ao projeto de memória e cidade. Debruço 20 anos depois sobre o centenário da cidade em que nasci. Na pintura, uma beija-flor fêmea busca, em uma plantação de algodão, fibras para fazer seu ninho, e assim, invoca um outro renascimento mítico da cidade, que viu, na década de 1980, o florescimento da cultura algodoeira transformar a pequena cidade, alavancada pelo fervor econômico. Ao alto, plana um carcará, alma popular da águia Anísio Teixeira, lá do sertão produtivo. Ao fundo, uma torre de energia do maior complexo eólico da América Latina, implantado na região neste novo século, que alterou a

paisagem ao redor de Guanambi, criando um clima futurista, por conta do desenho aerodinâmico dos equipamentos para captação da energia dos ventos.

Apesar da beleza bucólica da composição, existe uma tensão ecológica entre as torres da chamada energia limpa com o fluxo dos pássaros. Assim, é comum ouvir preocupações sobre a diminuição dos pássaros na região, assustados com o gigantismo circular das asas mecânicas. Guanambi recebe águas, através da transposição do Rio São Francisco, outra questão ecológica da qual não se deve fugir. Pintar essa síntese imagética, foram momentos de lembranças e de reflexão sobre essas contradições entre desenvolvimento e sustentabilidade. A meu ver, só nos cabe exigir financiamento para pesquisas e soluções que minimizem ao máximo, os efeitos nocivos à fauna e ao rio.

Guanambi entra em seu tempo centenário, no ano que o mundo parou por conta da pandemia que vivemos. No caótico 2020, o Brasil tem uma safra recorde de algodão, cultura que transformou a cidade, em um passado recente. Essa enorme safra, teve parte considerável exportada para a China, que vai se tornando a primeira economia do planeta. Fato que será a maior transformação do cenário econômico do mundo, desde a segunda guerra mundial que levou os Estados Unidos e sua economia imperialista, para o posto agora em franco declínio. A beija-flor atenta ao espírito crítico do famoso Carcará, inspirador da contestação do povo do sertão, constrói seu ninho em uma plantação de contornos dourados da flor do

algodão, chamada ouro branco, em técnica de representação oriental, para refletir o tempo pós pandemia, que está por vir.

Situada no Sertão Produtivo, região de impulso econômico notável, com uma geologia rica em minérios como: ferro, magnesita, manganês, talco e o temido urânio, vive preocupações com o impacto das retiradas desses minérios, na saúde de sua população, que já apresenta aumento nos índices de doenças oncológicas. O câncer é um temor que ronda a região. Então, só resta a esperança de ver investimentos na medicina, no diagnóstico imagético e no desenvolvimento de tecnologias de cura. Nada mais justo, que essa economia, das minas, do agronegócio e do intenso comércio, invista no desenvolvimento de recursos para a melhoria da saúde dos moradores da região.

A Beija-flor e o Carcará, pelos 100 anos de Guanambi.
Acrílico sobre tela. 120cm x120cm. 2020.

01



2020

Centenário de Dolly MacRae

Homenagem a Dulce MacRae (Dolly)

Missa de Centenário na Igreja da Ressurreição do Senhor em Ondina.

Salvador, 24 de julho de 2020.

Recortes da apresentação de Dolly, por seu filho Edward Macrae:

“- 8 anos de Saudades. Nós da família e aqueles que conviviam em maior proximidade com ela sentimos grande falta de sua amorosidade e força protetora. Mas ela tinha tantas outras qualidades que nos deixam saudades:

- Sua alegria de viver trazia também uma seriedade em relação as nossas vidas e nossos futuros. Nos ensinou a prezar o estudo, o trabalho e a planejar o futuro. Nos ensinou a nunca desistir e sempre procurou maneiras de resolver problemas que nos apresentam, mesmo os que que parecem insolúveis.

- Sua apreciação pelas novidades foi um legado precioso que nos deixou e que nos dá interesse por outros línguas, outras culturas e nos leva a pensar sobre novas formas de viver.

- Mesmo proveniente de meios sociais tradicionais e conservadores, sempre se mostrou flexível e ao longo de sua vida foi incorporando novos valores para poder nos acompanhar e manter diálogo com posições que apresentávamos, mesmo quando em forte contradição com o que era considerado normal e de bom tom.

- Ainda hoje, recebo declarações das mais diversas pessoas que a conheceram, expressando admiração pela sua inteligência, simpatia e elegância. Essas declarações amigas confirmam meus sentimentos de orgulho e gratidão pelo privilégio que foi conviver com ela durante tantos anos.”

Nesses 20 anos de convivência com o Edward MacRae, e pelo enorme afeto que os uniam, tive um dos mais belos encontros fortuitos de minha vida. Conviver com D. Dolly foi um exercício de estética relacional colocada no cotidiano. Era impressionante a jovialidade dela. Unia pérolas legítimas, com peças garimpadas de lojas infanto-juvenil, e a estas dava um toque senhorio jovial, equilibrando tempos, e outras tantas composições. Instalava frascos de perfumes de uma vida toda, unindo-os em uma cartografia de memória e cheiros. Também fez acumulações de todas suas chaves antigas, unindo as portas que abriu e fechou vida adentro.

Para mim, Dolly foi o “Sorriso de Mona Lisa” reencarnado à minha frente, ao me possibilitar a existência do filho antropólogo, que por sua vez me encaminha ao encontro com o neto, João Leal MacRae que, vindo morar conosco, para conclusão do ensino médio, e escolha de sua área de aptidão, inicia uma jornada de aproximação com a arte. Há, então, um encontro geracional, que me posiciona frente a Jojo MacRae, seu nome artístico, como um “curador fotógrafo”. Assim, fizemos em Madrid nosso debut de colegas e em seguida em Londres: Registrei sua intervenção urbana, quando Jojo usa o próprio corpo como dispositivo, para a pintura e o visagismo em arte. E direciono sessões fotográficas vendo sua provocação ao cotidiano da cidade. Fizemos uma sessão fechada em São Paulo, no apartamento no Ed. São Luis, que fora de seus bisavós. E aguardamos o fim da pandemia para fazer a ação urbana na cidade em que ele nasceu, tendo Dolly como avó.



JoJo MacRae em São Paulo, Londres e Madrid.
Fotografias 2019.

2020

Centenário de Clarice Lispector

Nunca se viu, em 20 anos, um centenário explodir como o de Clarice Lispector: foi luz da “flor do peito”, possibilidade de tradução do seu sobrenome, para todo o planeta. No mundo doente pela falta de ar, causada pelo novo corona vírus, quando o impacto impõe uma revisão da velocidade produtiva do sistema capitalista, que foi forçado a parar, reinventar a maneira de seus serviços fundamentais funcionarem, trabalhar de forma remota, fazer isolamento social, ficar em casa nas redes sociais, nas plataformas virtuais e ler Clarice. Foi um despedaçar das suas obras em milhões de citações virais. Para muitos, pois traduzida em dezenas de línguas, foi inevitável ler ao menos um livro inteiro, dos 37 títulos da autora publicados.

Considerada por muitos uma escritora hermética, ficou pop nessa pulverização viral. E sua história de vida se fez saber para os que antes a achavam enigmática. Clarice nasceu na Romênia, quando os pais Pinkhas e Mania Lispector fugiram da Rússia, da caça aos judeus e das lutas travadas entre povos atingidos pelo abalo da primeira guerra mundial e pela Revolução Bolchevista. Chega ao Brasil em 1922, aos 2 anos, junto com as irmãs, o pai comerciante falido e a mãe abalada pela jornada de terrores vividos na fuga. Desembarcaram em Maceió, Alagoas, sem recursos. Como

forma de sobreviverem, o pai recolhe os sebos e gorduras dos açougues, para a produção de sabão, que são vendidos.

Embora, enfrentando essa escassez de recursos materiais, a vasta cultura e as línguas conhecidas permitem à família uma ascensão rápida para uma escala mediana de renda, o que os leva a mudarem para Recife. Lá, Clarice vai iniciar seus estudos formais e, ainda criança, escrever suas primeiras histórias, que, em vão, busca publicar. As lembranças de Recife, rendem mais tarde, contos cheios de encantamento pela cidade ao Nordeste do país. De Recife, onde perde sua mãe, um novo salto pela prosperidade dado pelo pai, e a família muda para o bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro em 1934. Alguns anos depois, Clarice decide estudar Direito, com o propósito de ajudar na revisão dos processos que levavam mulheres ao cárcere.

É no Rio de Janeiro que, aos vinte anos, vai começar a escrever seu primeiro livro. Concluído em 1943, a obra *Perto do Coração Selvagem* rende-lhe o prêmio Graça Aranha de 1944 quando é publicada, e sua escrita acessa o conhecimento da alta literatura nacional. Na Faculdade de Direito, conhece seu futuro esposo, Maury Gurgel Valente. Colegas, se formam juntos. Ele se torna embaixador e vai levá-la a viver em embaixadas brasileiras por várias cidades da Europa e nos Estados Unidos, ao passo que nascem seus dois filhos. Nos 14 anos que viveu fora do Brasil, nunca deixou de escrever e publicar regularmente. Separada do embaixador, em 1959, volta a morar no Rio de Janeiro, com os dois filhos, Pedro e Paulo Gurgel. Lá, continua a escrever e tem a possibilidade de manter uma relação mais próxima com o ambiente cultural do país.

Clarice chega a mim quando criança, na voz de Maria Bethânia. Memorizei o primeiro parágrafo do seu último livro, *A Hora da*

Estrela. Embora este só fosse lançado em 1977, havia sido disponibilizado pela escritora para o show *Pássaro da Manhã*, que, por sua vez, tornou-se disco em 1976. No mesmo ano ele me foi presenteado, pois já era conhecida a minha admiração pela cantora. Esse marco na minha memória, vai impulsionar ações no centenário clariciano. Assim como Anísio Teixeira me dá um prumo, um empoderamento por pertencimento territorial e geopolítico, ao expandir para o Brasil o meu Sertão Produtivo Baiano natal, Clarice me universaliza. Pois, ao conhecer seu texto, inserido no show musical de Bethânia e divulgado pela cultura de massa brasileira, tive acesso à chave para meu posterior encontro com sua literatura em Salvador. Ao ler Clarice, o jovem estudante do interior na capital baiana, é lançado ao seu feminino espaço interior expandido ao universal. E recebe uma das mais poderosas vozes da potência feminina planetária.

PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM

ESTÉTICA RELACIONAL, COMO INTERVENÇÃO URBANA

CARURÚ PARA YANSÃ

PELOS 100 ANOS DE CLARICE LISPECTOR

REALIZADO EM 04/12/2020

É PERFORMANCES COM O ÚLTIMO PARÁGRAFO DO PRIMEIRO LIVRO DE C.L.

CONVIDADOS ESPECIAIS
PARA FALAR CLARICE:

BETO HERÁCLITO
CLAUDIO BRITO
LINDA KATONGO
LUCINHA MORAES
STERFANE ESTIME
FAO MIRANDA
JANETE CATARINO
RITA CLIFF
YURI TRIPODI

COLETIVO AUDIOVISUAL
SANDRO ABADEPIMENTEL
MARIA PINHEIRO
AVATAR CORONAVÍDEOS
STERFANE ESTIME

CARURÚ
ESCOLA DE GASTRONOMIA
DA BAHIA STREET

COLETIVO PRODUÇÃO
SANDRO ABADEPIMENTEL
JANETE CATARINO
EDIVALDO BOLAGI

PARCERIA
BAHIA STREET

APOIO
MAPEAMENTO CULTURAL PELA LEI ALDIR BLANC
DA FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATOS - PMS

Projeto e realização:



Perto do Coração Selvagem

Estética Relacional como Intervenção Urbana:

Caruru para Yansã pelos 100 anos de Clarice Lispector.

Realizado em 04 de dezembro de 2020.

A escritora nasceu em 10 de dezembro de 1920 e elevou-se ao infinito, um dia antes de fazer 57 anos, em 1977. O Atelier realizou uma Intervenção na cidade de Salvador, pelos 100 anos de Clarice Lispector. Tratava-se de atividade de artes integradas, com a literatura da jovem Clarice Lispector quando concluiu *Perto do Coração Selvagem*; gastronomia cultural com feitiço de caruru, estética relacional com a distribuição da culinária por motoboys. Realizou-se assim, um mapeamento urbano, sobre pandemia e o dia de comer Caruru para Yansã e Santa Bárbara em Salvador. É 4 de dezembro, quando ocorrem procissão e festa popular, impossibilitadas, em 2020, devido a atual crise sanitária vivida pelo mundo.

Junto a embalagens customizadas para a entrega, os convidados receberam o parágrafo final de *Perto do Coração Selvagem*. Solicitamos aos convidados remotos que retornassem um vídeo ou um arquivo de áudio, com a leitura de uma das 9 divisões propostas para o parágrafo final do livro. O cozimento foi filmado. Assim como a ambiência da cozinha, na Ong Bahia Street, local da produção do caruru e, sua saída para entrega aos convidados foram registradas por drone. Algumas ações das entregas também foram filmadas no fluxo da cidade, e tivemos retornos de leituras e visões da cidade das janelas de vários amigos.

A ação tinha o objetivo de criar um audiovisual para o centenário de Clarice, para a plataforma virtual do projeto em construção, pois vou a cada ano, captando imagens, criando roteiros e narrativas para os centenários estudados. No Caruru para Yansã pelos 100 anos de Clarice Lispector, uma vez definido o último parágrafo do primeiro livro, como força propulsora da literatura clariciana, estudei a divisão do texto final em nove partes. Afinal, são nove os filhos de Yansã, orixá da cor vermelha, cor que Clarice invoca nesse epílogo. A partir daí,

convoquei um grupo de artistas e ativistas, pois Yansã batalha pela justiça. Esse grupo dos “nove corações selvagens”, como os chamo, me dão sustentabilidade artística para realizar a ação, planejada a partir de grupo relacional remoto. Aqui, conto mais uma vez com a participação de Maria Pinheiro, mestre em multimeios, que se deslocou de São Paulo e segue trabalhando neste livro virtual. Esse projeto conta também com assistência da produtora cultural e artista Janete Catarino e do sociólogo e produtor cultural Edivaldo Bolagi, parceiros em outros centenários aqui apresentados.

Dos nove que apresentam o texto, alguns realizaram e registraram outras performances, enriquecendo o processo de criação. A leitura do texto se inicia com Alberto Heráclito, historiador e poeta, grande conhecedor de Clarice. Segue Claudio Brito, artista visual e restaurador que participou de trabalhos aqui mencionados. Logo após, vêm Linda Kaiongo, ativista cultural, pedagoga e parceira das ações no Movimento Nosso Bairro é 2 de Julho. Lucinha Moraes, designer de moda e objetos, chef e produtora cultural. Sterfane Estime, residente no atelier durante a pandemia, fotógrafa de várias obras desse E-book. Fao Miranda, cantora com formação clássica, pesquisadora da voz, professora substituta e mestranda na Escola de Teatro da UFBA. Janete Catarino, colaboradora de vários projetos aqui citados. Rita Cliff, presidente da Ong Bahia Street, que trabalha com mulheres negras na entidade do bairro 2 de Julho e nossa Chef no preparo do caruru. Yuri Tripodi, jovem mestre artista visual, com formação anterior em letras, morador da Vila Coração de Maria, Ocupação da Cabocla Ivana Chastinet.

O último parágrafo do primeiro livro de Clarice Lispector

Perto do Coração Selvagem

«O que nela se elevava não era a coragem, ela era substância apenas, menos do que humana, como poderia ser herói e desejar vencer as coisas? Não era mulher, ela existia e o que havia dentro dela eram movimentos erguendo-a sempre em transição. Talvez tivesse alguma vez modificado com sua força selvagem o ar ao seu redor e ninguém nunca o perceberia, talvez tivesse inventado com sua respiração uma nova matéria e não o sabia, apenas sentia o que jamais sua pequena cabeça de mulher poderia compreender. Tropas de quentes pensamentos brotavam e alastravam-se pelo seu corpo assustado e o que neles valia é que encobriam um impulso vital, o que neles valia é que no instante mesmo de seu nascimento havia a substância cega e verdadeira criando-se, erguendo-se, salientando como uma bolha de ar a superfície da água, quase rompendo-a... Ela notou que ainda não adormecera, pensou que ainda haveria de estalar em fogo aberto. Que terminaria uma vez a longa gestação da infância e de sua dolorosa imaturidade rebentaria seu próprio ser, enfim enfim livre! Não, não, nenhum Deus, quero estar só. E um dia virá, sim, um dia virá em mim a capacidade tão vermelha e afirmativa quanto clara e suave, um dia o que eu fizer será cegamente seguramente inconscientemente, pisando em mim, na minha verdade, tão integralmente lançada no que fizer que serei incapaz de falar, sobretudo um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nós que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão

poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! o que eu disser soará fatal e inteiro! não haverá nenhum espaço dentro de mim para eu saber que existem o tempo, os homens, as dimensões, não haverá nenhum espaço dentro de mim para notar sequer que estarei criando instante por instante, não instante por instante: sempre fundido, porque então viverei, só então viverei maior do que na infância, serei brutal e malfeita como uma pedra, serei leve e vaga como o que se sente e não se entende, me ultrapassarei em ondas, ah, Deus, e que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos porque basta me cumprir e então nada impedirá meu caminho até a morte-sem-medo, de qualquer luta ou descanso me levantei forte e bela como um cavalo novo.» [1]

1 - <https://farofafilosofica.com/2018/01/10/clarice-lispector-19-livros-para-download-em-pdf/>





Perto do Coração Selvagem

- 1 - Alberto Heráclito
- 2 - Cláudio Brito
- 3 - Linda Kaiongo
- 4 - Lucinha Moraes
- 5 - Sterfane Estime
- 6 - Fao Miranda
- 7 - Janete Catarino
- 8 - Rita Cliff
- 9 - Yuri Tripodi

O Ovo da Águia Clarice Lispector

Pintura pelos seus 100 anos

«– Eu sei: nós dois sempre tivemos medo de minha solenidade e da tua solenidade. Pensávamos que era uma solenidade de forma. E nós sempre disfarçávamos o que sabíamos: que viver é sempre questão de vida e morte, daí a solenidade. Sabíamos também, embora sem o dom da graça de sabê-lo, que somos a vida que está em nós, e que nós nos servimos. O único destino com que nascemos é o do ritual. Eu chamava “máscara” de mentira, e não era: era a essencial máscara da solenidade. Teríamos de pôr máscaras de ritual para nos amarmos. Os escaravelhos já nascem com a máscara com que se cumprirão. Pelo pecado original, nós perdemos a nossa máscara. Olhei: a barata era um escaravelho. Ela toda era apenas a sua própria máscara. Através da profunda ausência de riso da barata, eu percebia a sua ferocidade de guerreiro. Ela era mansa, mas sua função era feroz.»

Clarice Lispector, *A Paixão Segundo G.H.*

Há 20 anos busco compreender nosso país, pelo fenômeno dos acontecimentos que fazem 100 anos, pois são testes de memória, de uma possível eternidade para o Brasil. Tão jovem a nossa arte e já responde ao infinito tempo, para existir como nação, cultura e uma talvez civilização. Clarice chegou ao seu centenário em meio à maior crise contemporânea da humanidade. Penso que os que nasceram para fazer o espaço tempo moderno no Brasil do século XX, são suporte para o por vir. Temos de seguir...

Em 2022, analisaremos o que foi possível acontecer nesses 100 anos depois da Semana de Arte Moderna de 1922. E os mistérios de Clarice já são construtores de um segundo tempo moderno: quando escreve *A Paixão Segundo G.H.*, nos primei-

ros anos da década de 1960, narra uma mulher só, branca, escultora, artista e senhora de seu sucesso profissional, que fica abalada ao entrar no quarto dos fundos de Janair, espaço da dita “empregada doméstica” na arquitetura moderna, que na sua projeção só podia ser sujo. Tem o choque ao encontrar um lugar, cuidado pela etnia de origem africana, de limpeza contemporânea. Só lhe cabe, fazer do quarto de Janair, a camarinha do sânscrito nagô, da viagem no tempo de “fazer o santo”. Talvez, Clarice intuisse o inexorável momento por vir e a explosão antirracista na pandemia de nossos dias. Com G.H., ela nos propõe uma gênese, absorve o tempo in-mundo da origem da vida, consome o branco atemporal dos insetos, que possibilitou a evolução das espécies, antes mesmo dos dinossauros. E sessenta e cinco milhões de anos depois destes, os primatas mamíferos que nos tornam humanos.

A pintura, a primeira da série *As Águias e seus Reinos de Pássaros*, veio para celebrar o centenário da Semana de Arte Moderna em 2022. Para iniciar a série, pinto essa gênese com Clarice. Volto às baratas e vou para antes destas, aos moluscos caracóis, que surgiram a 550 milhões de anos atrás, para os Nagô, primeira forma de Exu. Vou com Clarice ao começo de tudo, no espírito de sua personagem GH, no quartinho da rainha africana Janair, na queda aos insetos, para ver surgir os besouros, e entre eles, os escaravelhos egípcios. Vou aos anfíbios ameríndios, pois, na criação do mundo, o espírito de tudo tomou a forma de uma gígia. Vou aos répteis serpentes e ao ovo do escaravelho com asas de águia, símbolo da comunicação dos alquimistas, que se torna aqui Exú-Hermes. Com Clarice e seu destino universal, vejo os vãos das águias cansadas de serem imperialistas, para um tempo de reinos de pássaros, reinos livres.



O Ovo da Águia Clarice Lispector
Acrílico sobre tela. 120cm x 120cm. 2020.

Rumo ao centenário da Semana de Arte Moderna de 1922

Efêmeros e Eternos na Construção do IMCAV Instituto Memória e Cidade em Artes Visuais.

Este E-book, em formato de livro virtual, catálogo que compila duas décadas de minha pesquisa e produção artística é o ponto de partida para construção do IMCAV. Ao estabelecer o acervo aqui apresentado em alicerce para esse Instituto, objetivo iniciar um banco de dados sobre nosso passado recente e rememorar as personalidades culturais que construíram o imaginário do século moderno. Esse instituto, a partir dos eventos centenários, através de seus dispositivos e plataformas, ambiciona conceber uma base de pesquisa sobre arte e cultura de nossa recente civilização, sobre a qual nossas existências contemporâneas se realizam.

Em diálogo com os estudantes do último ano do ensino médio e os alunos do primeiro ano de ingresso na vida universitária, o instituto dará atenção especial a esse repasse subjetivo da cultura brasileira. O cerne da proposta do IMCAV é produzir um portal que ofereça acesso ao sistema ordenado de personalidades e fatos: falas institucionais e de familiares, assim como, outras obras e artistas que pesquisem,

apresentem e retratem esses ícones centenários. Faz parte também de seu escopo de atuação, desenvolver outros ramos e rumos entre memória e cidade, convidar outros agentes e instituições para construir esse acervo de informações e oferecê-lo às redes relacionais contemporâneas.

As estratégias para a construção do Instituto de Memória e Cidade em Artes Visuais, iniciada com esta publicação pela Lei Aldir Blanc, possibilitam a comunicação da minha obra com o projeto, e do projeto com as cidades brasileiras. O próximo passo previsto é a finalização dos processos audiovisuais já realizados, que retratam os anos desses centenários pesquisados por minha obra. Enquanto, por um lado, sigo na publicação desse material que revela as imagens captadas em cidades onde reverberam essas memórias, com vista na ação pelos 100 anos da Semana de Arte Moderna em 2022, por outro, vou consolidar os estatutos, conselhos, administração e reformas no Atelier Abade Pimentel, como *site-specific*, espaço físico de sua rede virtual de ações.



**INSTITUTO MEMÓRIA E CIDADE
EM ARTES VISUAIS**

Em construção

Nesse primeiro momento, é prioritário desenvolver a comunicação junto às instituições e familiares dos centenários evocados nesses vinte anos de produção. Bem como, encaminhar esse E-book a todos os artistas e agentes citados.

Na sequência, urge finalizar e publicar os audiovisuais no site do IMCAV e em redes sociais. Trata-se de um banco de imagens, sons, desenhos e animações produzidos no percurso do processo criativo de cada centenário. Os audiovisuais nessa fase de estudo, que carecem de finalização, podem ser visualizados na plataforma Vimeo, em vitrine privada, com uso de senha a ser solicitada.

É fundamental também criar ações relacionais com intercessores, artistas e instituições, com o intuito de expandir o conhecimento sobre os fatos aqui apontados, da pesquisa, das obras de mobilidade física e dos audiovisuais registrados nesse E-book.



Plataformas Audiovisuais

As sinopses a seguir são breves descrições ano a ano, de narrativas, imagens e sons para finalização dos audiovisuais:

2000, no território de Anísio Teixeira, *O Leite das Pedras* e os *Oito Olhos da Aranha*. Em Salvador, o Armazém Santo Expedito e em Caetité, a casa do educador que se tornou Fundação. Imagens capturadas em 1999/2000, 2010 e 2020 por Sandro Abade Pimentel. Áudio: Quatro músicas do repertório de *Rosa dos Ventos*, o *Show Encantado*, de Maria Bethânia, de 1971, quando morre Anísio Teixeira: *Carcará* de João do Valle e José Cândido, *Último Pau de Arara* de Luiz Gonzaga, *Bogodó* de Guio de Morães e Luiz Gonzaga, *Assombrações* de Sueli Costa e Tite Lemos e *Rosa dos Ventos* de Chico Buarque de Holanda; e citações de Anísio Teixeira.

2001, com Cecília Meireles nos Cartogramas de Salvador, pinturas de território psicografados em derivas, e mapeamento da costa marítima na instalação *Água 100+*. Imagens de Rosa Ribeiro e Sandro A. Pimentel. Áudio: *A Babá*

de Tom Zé, o poema *Morena Pena de Amor (19)* de 1939, de Cecília Meireles e trecho de *Rosa dos Ventos*, de Chico Buarque com Maria Bethânia.

2002, leitura de Drummond em *Retrato Filmado na Baixa dos Sapateiros*. Um mapeamento da rua, com seus principais edifícios, seu comércio popular, a história de seus cinemas e festa de Santa Barbara. Imagens: Rosa Ribeiro, Petro Pires, Roque Araujo e Sandro Abade Pimentel. Áudio: Células musicais de *Na Baixa do Sapateiro*, de Ary Barroso, com vários de seus intérpretes; Textos de Alberto Heráclito e Raimundo Fonseca, poema *Mãos Dadas* de Carlos Drummond de Andrade. Pré edição de Sandro Abade Pimentel.



2003, *Travessieiros para Sonhar Encontros*, a Baixa dos Sapateiros, cidade real e música de Ary Barroso, sua *Cama, Mesa e Banho*, em uma casa do imaginário baiano. Imagens: David Gabiru, Flavio Lopes, Carlinhos Lantyer. 1ª Edição; David Gabiru e Caetano Travassos. Direção trecho Mouraria Pax Flávio Lopes. Direção trecho Sto. Antônio Pax Maria Pinheiro. Prêmio Braskem, 2003. Áudio: *Na Baixa do Sapateiro*, de Ary Barroso em células musicais com Gal Costa, Elis Regina e a música *Integral* com Fao Miranda. Direção Final Sandro Abade Pimentel.

2004 e 2005 na performance *Cama de Rua* dos Festivais da Livre Expressão Sexual, enquanto Dercy Gonçalves fazia 100 anos. Registros da performance de Sandro A. Pimentel por Marcondes Dourado e Flávio Lopes, Imagens de Dercy em desfile na Sapucaí, da Escola de Samba Viradouro, Áudio: Samba enredo da Viradouro: *Bravíssimo Dercy Gonçalves o Retrato de um Povo* de Odil Sereno, Adir, Gerson e Rubinho; *Convite* de Walter Smetak, e texto de Edward McRae para o Festival da Livre Expressão Sexual.

2005 e 2006, na psiquiatria refinada de Dra. Nise da Silveira,

em oficinas, organizadas na sistematização do conceito da redução de danos, e prevenção ao uso abusivo de drogas. Imagens: Fotografias de Dra. Nise retiradas da internet; imagens das oficinas monitoradas por Sandro e do documentário de Flavio Lopes *Pesquisa-ação em Artes Visuais na Prevenção Ao Abuso de Drogas*. Áudio: Música incidental *Wonderful Life* do Chiling Matenda, narrativas de Sandro A. Pimentel, Dr. Luiz Alberto Tavares e Dr. Edward McRae; música final *Hermes Trismegisto e Sua Celestial Tábuade Esmeralda* de Jorge Benjor.

2007, *Big Bem – Uma História do Tempo*. Feitio de cerâmicas com escaravinhos em Maragojipinho, oficinas para pintá-las no atelier do neto do Vô Abade ocultista e na escola Landulfo Alves no complexo projetado pelo escritório de Oscar Niemeyer que chega aos 100 anos vivo; as missas das também vivas no ano de seus centenários D. Canô e D. Zuzu. Imagens: Carlinhos Lantyer, Sandro A. Pimentel e Ivo Xavier. Áudio: *Os Argonautas* de Caetano Veloso, *Das Partes* de Pedro Sá e Domenico com Moreno Veloso, *Sou Faraó* de Carlinhos Brawn, *Faraó, Divindade do Egito* de Luciano Alves com Margareth Meneses e *Rainha do Egito* de Jorge Mautner.

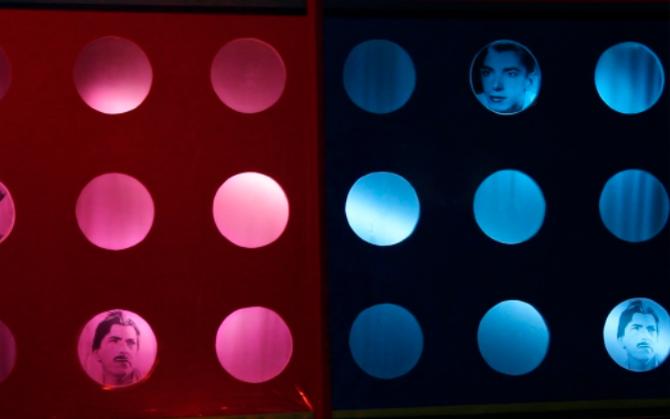


2008, com Ogum-Marte Cartola: *Trilha para o Expresso da Maré das mais de Mil Tribos*. Mapeamento da margem marítima de Salvador - da Avenida Contorno à Estação Ferroviária da Calçada. Imagens e primeira edição de Carlinhos Lantyer. Áudio: sons desse trecho, com a voz de Cartola projetada na trilha de escaravelhos; *Alvorada* de Cartola com Pedro de Rosa Moraes e *Perdão* com Ney Matogrosso.

2009, com a superstar Carmen Miranda, subindo da Cidade Baixa e descendo a Baixa dos Sapateiros, margens de proteção interna do Centro histórico de Salvador: *Se Papai Noel Fosse Egípcio*, em vigília pelo Cine Teatro Jandaia. Imagens: Maria Pinheiro e Carlinhos Lantyer. Pré-edição: Paulo Cardan e Sandro Abade Pimentel. Áudio: *O Efêmero* e *o Eterno* poema de Beto Heráclito. Músicas do repertório de Ná Ozetti, *Na Batucada da Vida*, e Daniela Mercury, *Cinema em Transe*, gravadas por volta dos 100 anos de Carmen Miranda e *Na Baixa do Sapateiro* com a própria Carmen Miranda.

2010, com Patrícia Galvão descobrindo em São Paulo, trilhas atuais de Pagu, musa dos modernistas: *Um Copo de Mar Para Pagu*. Imagens: Maria Pinheiro, Carlinhos Lantyer e Sandro A. Pimentel, Imagens de Pagu: *Viva Pagu – Fotobiografia* de Patrícia Galvão de Lúcia Maria Teixeira Furlani e Geraldo Galvão Ferraz. Áudio: Narrativa biográficas, trechos da obra e poemas de Pagu. Músicas: *Fantasia 16* de Francesco de Milano com Shirley Rumsey; *Liebling Kreuzberg* de Klaus Doldinger; *The Last Emperor* de Ryuichi Saramoto e *La Vie Quotidienne* de Yann Tiersen. Pré edição: Gabriel Teixeira.

2011, em Japarutuba – Sergipe, cidade natal de Arthur Bispo de Rosário, o nascimento de um sol para uma constelação centenária: *Um Sol Arthur Bispo do Rosário*. Imagens e primeira edição Sandro Abade Pimentel. Áudio: texto construído através de *Arthur Bispo do Rosário Arte e Loucura* de Jorge Anthonio da Silva, *A Flauta Mágica* de Mozart, *Assum Branco* de Tom Zé e Zé Miguel Visnik e *José* de Caetano Veloso.



Em 2012, *Exu-Hermes Trismegisto - Repouso em Mazarropi*: Imagens da instalação com peças do acervo erótico do GGB, intitulada *Uma Bandeira em Ganimedes pelos 100 anos de Mazarropi*, editadas com músicas de duplo sentido do filme *O Vendedor de Linguíça* desse homenageado, por Sandro Abade Pimentel. Áudio: músicas de *O Vendedor de Linguíça* que teve direção musical de Hector Lagna Fieta e as músicas: *Poema do Adeus* de Luiz Antônio com Miltinho, *Não Ponha a Mão* de Mutti, Argô Canegal e Buck Moreira com Elsa Soares e *O Linguiceiro* de Elpidio dos Santos com Mazarropi e *Toques Para Exu*, do Axé Ylê Oba Ladanê.

2012, *Exu-Hermes Trismegisto - Decolagem com Nelson Rodrigues*. Performance para filmagem baseada em *O Beijo no Asfalto* de Nelson Rodrigues, realizada sob o vão livre do MASP, da arquiteta Lina Bo Bardi. Imagens: Maria Pinheiro. Áudio: *Toques para Exu*, do Axé Ylê Oba Ladanê e música *Dissolvendo o Sol* de Sunrae.

2012, *Exu-Hermes Trismegisto - Voo com Jorge Amado*. A

construção das sandálias de Exu-Hermes na Bahia e em São Paulo, e, um passeio pela ambiência cultural da Praça Roosevelt com registro da exposição sobre a história do Teatro Cultura Artística, cujo painel frontal de Di Cavalcanti, sobreviveu a um grande incêndio. A união de Jorge Amado e Zélia Gattai, que ocorreu no centro de São Paulo e a convivência destes com o autor do painel. Imagens: Maria Pinheiro. Áudio: *Toques para Exu*, do Axé Ylê Oba Ladanê e *Music of the Italian Renaissance, Fantasia n.16* com Shirley Rumsey.

2012, *Exu-Hermes Trismegisto - Aterrisagem com Luiz Gonzaga*. O feitio do prato de culinária nordestina *Baião de Dois*, no Mercado Municipal de São Paulo, evoca a música de Luiz Gonzaga, de mesmo nome e reflete uma relação entre culturas das regiões ao Nordeste e ao Sudeste. Imagens: Maria Pinheiro. Áudio: *Toques para Exu*, do Axé Ylê Oba Ladanê. Fragmentos de *Assum Preto, Paraíba* e versão completa de *Baião de Dois* com Luiz Gonzaga. Primeira edição: Sandro Abade Pimentel.



2013, com Vinicius de Moraes, *Um Jardim Para Netuno em Águas de Yemanjá*. Um conflito colocado por moradores da Ladeira da Preguiça, acerca da possibilidade de privatização da Praia na Av. Contorno, em frente à ladeira, remete às imagens de um jardim hippie, com apelos ecológicos, que foi substituído pelo paisagismo frio do Ed. Porto Trapiche e a nova muralha da Marina Contorno. Imagens e primeira edição: Sandro Abade Pimentel. Áudio: músicas de Vinicius de Moraes com Toquinho, Maria Bethânia e na voz do próprio poeta e diplomata.

2014, com Dorival Caymmi na Re-performance de *Cama de Rua*. A performance construída a partir da instalação *Cama*, que saiu da Baixa dos Sapateiros, em montagem de galeria, para ocupar o espaço urbano, realizada pelo centenário de

Caymmi, no encerramento da III Bienal da Bahia. Imagens de Maria Pinheiro e Mamede. Áudio: músicas de Dorival Caymmi: *Eu Não Tenho Onde Morar* com Lado da Lua, *Só Louco* com Gal Costa e Renato Russo e *Rosas* com o próprio Caymmi. Performance e primeira edição: Sandro Abade Pimentel.

2015, *Jardim das Delícias para Grande Otelo*: Revendo o herói brasileiro sem caráter, na performance de Grande Otelo, para nosso clássico modernista *Macunaíma*. Imagens: Cena do nascimento de Macunaíma, do filme homônimo dirigido por Joaquim Pedro de Andrade em 1969, fotografia animada da pintura, o tríptico *O Jardim das Delícias Terrenas*, de Hieronymus Bosch, de 1505, acervo do Museo Prada, Madrid, Espanha. Áudio: *Nascedouro* da Nação Zumbi. Estudo de montagem: Sandro Abade Pimentel.



2016, o centenário de Zélia Gattai na exposição da Casa do Rio Vermelho com montagem do arquiteto Gringo Gardia, texto de Zélia Gattai sobre o projeto da casa e as transformações no urbanismo do bairro: *Anarquista Graças a Oxalá*. Imagens de Sandro Abade Pimentel. Áudio: Narrativa com texto de Sandro A. Pimentel, trilha musical: *Italian Shoes Continuum*, do disco *Cobra and Phases*, Group Play Voltage; *Xirê Ewá* – Ketu.

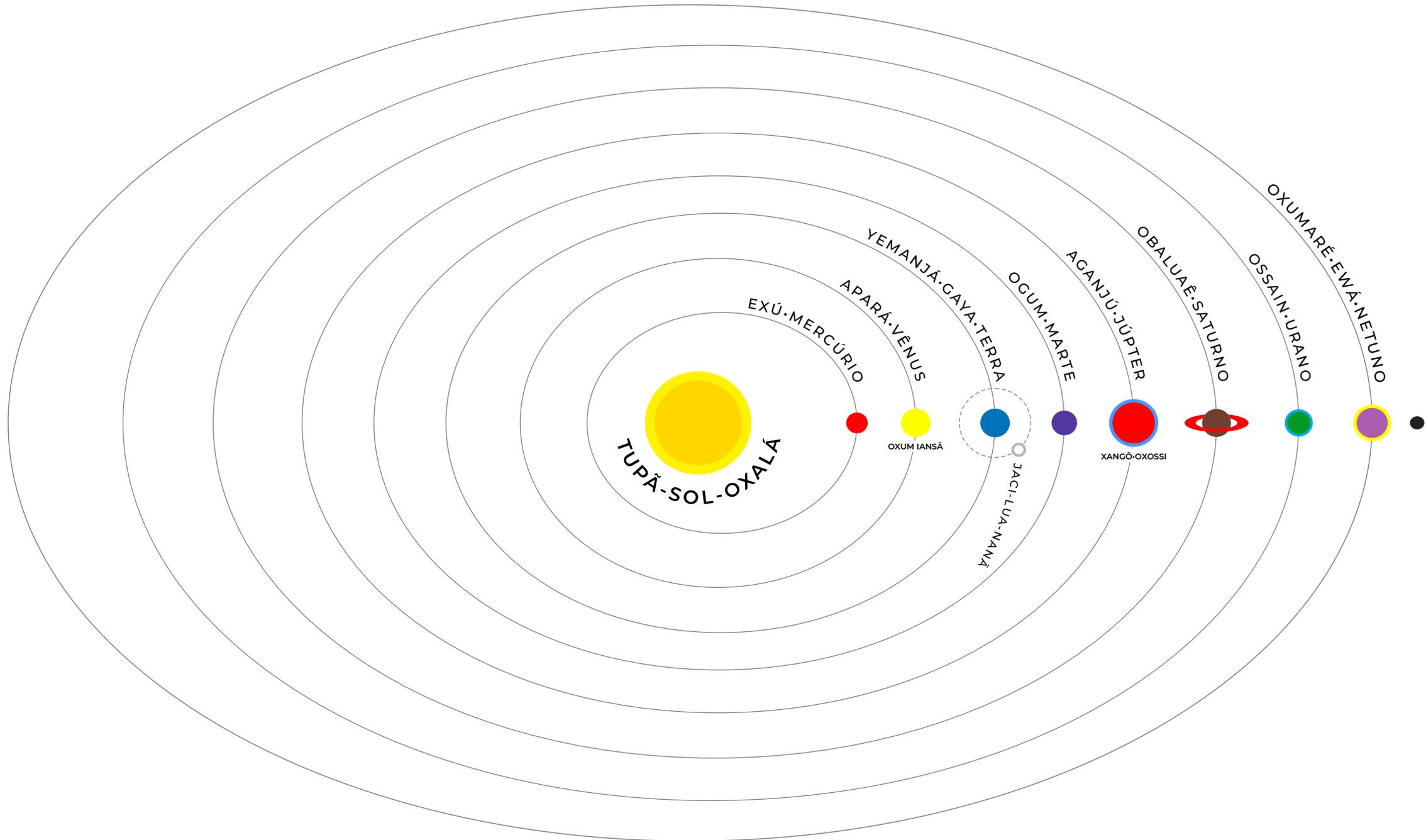
2017, centenário de Mestre Didi: *Artistas Graças a Olorun*, do *Cetro da Ancestralidade* ao bairro 2 de Julho com a proteção de Oxumaré. Imagens: 20 anos do 2 de Julho do arquivo de Sandro A. Pimentel; *Cetro da Lança com Duas Serpentes* de Mestre Didi, acervo Itaú Cultural. Áudio: *Oxumaré*, domínio público, por Gilberto Martins do disco *Ascensão* de Serena Assumpção. Texto estudos de *Os Nagô* e *a Morte* de Juana Elben; mixagens com *Taiko* (Tambores Japoneses), *Atabaques Entre as Folhas* do Ilê Asipá, piano para *Concerto n° 21* de Amadeus Mozart por Alicia De Larrocha e guitarra com solos de Jimi Hendrix para *Freedom*. Células musicais de *Nobre Asipá* de Inaicyr Falcão.

2018, são vazios para outros centenários ainda não citados.

2019 / 2020, possui pasta de arquivos com imagens, sons e textos sobre Guanambi, onde Sandro A. Pimentel pretende fazer uma ocupação artística e produzir o audiovisual sobre a cidade beija-flor. E em 2020, possui pasta arquivo onde guarda as imagens de Jojo MacRae em Madrid, Londres e ensaio fechado em São Paulo, onde planejamos fazer uma ação urbana, refletindo a ideia de memória centenária para as novas gerações.

2020, *Perto do Coração Selvagem* no Caruru pra Yansã pelos 100 anos de Clarice Lispector. O último parágrafo do primeiro livro de Clarice, no giro de nove participações para falar a conclusão da explosão da Lispector: Alberto Heráclito, Claudio Brito, Linda Kaiongo, Lucinha Moraes, Sterfane Estime, Fao Miranda, Janete Catarino, Rita Cliff e Yuri Tripodi. E outras imagens de janelas, de amigos em isolamento social, na pandemia da cidade no dia 04 de dezembro, quando em Salvador comemora-se o dia de Santa Barbara e se come o caruru de Yansã. Projeto de audiovisual em parceria com Maria Pinheiro.

A conclusão que me chega agora, é que esse mapeamento cartográfico sobre memória centenária, feito em terras ameríndias, traçou orbitas em um sistema solar afro-latino. Depois de alcançar Tupã-Sol-Oxalá, Exu-Mercúrio, Vênus-Apará, Jaci-Lua-Naná, Terra-Gaya-Yemanjá, Ogum-Marte, Júpiter-Aganjú, Obaluaê-Saturno, Ossain-Urano e Oxumaré-Ewá-Netuno, de alguma forma, esse projeto constrói uma cartografia em que grande é o mundo (àiyé) e vasto o cosmo (orun), podendo afirmar-se efêmero e eterno, na construção de uma civilização brasileira.



Créditos Fotográficos

- 01** - Sandro Abade Pimentel
- 02** - Sterfane Estime
- 03** - Carlinhos Lantyer
- 04** - Rosa Ribeiro
- 05** - Edgar Oliva
- 06** - Márcia Alfano
- 07** - Beto Souza
- 08** - Bia Medeiros
- 09** - Gina Leite
- 10** - Edward MacRae
- 11** - Ayrson Heráclito
- 12** - Henrique Luz
- 13** - Aurélio (Lelo) da Mata
- 14** - Carol Leite

Informações Complementares

- 15** - Programação visual material *Festival da Livre Expressão Sexual*:
Fotos Carol Bandeira e projeto gráfico de pn design (Pat e Neto):
- 16** - Programação visual material *Pesquisa Ação para Prevenção ao Abuso a Drogas*:
Arlon Souza.
- 17** - *Abajur e Talheres*, obras de Arthur Bispo do Rosário:
Catálogo Brasil 500: Imagens do Inconsciente. Fundação Bienal de São Paulo.
- 18** - *Cetro da Lança com Duas Serpentes* obra de Mestre Didi:
Catálogo virtual do Itaú Cultural.
- 19** - Fotos da página 223 de todos os centenários famosos são amplamente disponibilizadas via internet.
Programação visual de *Big Bem - Uma História do Tempo*, e ações com O MNB2J são de Sandro Abade Pimentel (01).
- 20** - Cartaz do *Circuito Cultural 2 de Julho Respirar no Coração da Cidade* feito com Mariachiara e Blerta Copa.
- 21** - Material gráfico do *Projeto Arte de Passagem*.
- 22** - Material gráfico da *3ª Bienal da Bahia*.

Bibliografia

ROCHA, João Augusto de Lima. *Breve História da Vida e Morte de Anísio Teixeira -Desmontada a Farsa da Queda no Fosso do Elevador*. Prefácio de Haroldo Lima. Salvador: EDUFBA, 2019.

JUNIOR, Nivaldo Vieira de Andrade. *Coleção Arquitetura Moderna na Bahia (1947 - 1951)*. Salvador: EDUFBA, Vol. 1, Vol. 2, Vol.3, Vol. 4, Vol.5, 2019.

MEIRELES, Cecília. *O Aeronauta*. São Paulo: Global Editora, 2014.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.

MEIRELES, Cecília; CARPINEJAR, Fabrício (org.) *Cecília de Bolso – Uma Antologia Poética*. Porto alegre: Editora L&PM POCKET, 2010.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do Mundo*. São Paulo: Editora Record, 2002.

LEAL, Geraldo da Costa; FILHO, Luis Leal. *Um Cinema Chamado Saudade*. Salvador: Editora Santa Helena, 1997.

SANTOS, Milton. *A Baixa dos Sapateiros*. Salvador: Revista do IGHBA, vol. 81, 1957.

ANDRADE, Moacyr. *Ary Barroso – Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ed Mediafashion, 1910.

BARROSO, Ary. *Sua Glória é Lutar - História da Música Popular Brasileira No. 5*. Rio de Janeiro: Editora RCA/Abril Cultural, 1970.

SILVEIRA, Nise da; AGUILAR, Nelson (org.). *Aguilar Imagens do*

Inconsciente - Mostra do Descobrimento. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, Associação Brasil 500 anos Artes Visuais, 2000.

ARAP, Fauzi. *Mare Nostrum - Sonhos, Viagens e Outros Caminhos*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

PEDREIRA, Livia. *O Inventor de um Mundo Novo*. Revista Bravo, Ed. Abril, dezembro de 2007.

WISNIK, Guilherme. *O Construtor de Enigmas*. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, domingo, 9 de dezembro de 2007.

OLIVEIRA, Sérgio. *Cartola - Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Editora Mediafashion, 2010.

CASTRO, Ruy. *Carmen Uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira; FERRAZ, Geraldo Galvão. *Viva Pagu – Fotobiografia de Patrícia Galvão*. São Paulo: Editora Unisanta, Imprensa Oficial, 2010.

GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu – A autobiografia Precoce de Patrícia Galvão*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2005.

CAMPOS, Augusto. *Patrícia Galvão Pagu Vida-Obra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

SILVA, Jorge Anthonio e. *Arthur Bispo do Rosário Arte e Loucura*. São Paulo: Ed. QUAISSQUER, 2ª ed., 2003.

SOUZA, Olga Rodrigues Nunes de. *Cronologia Mazzaropi*. Jornal do Mazza para a Semana Mazzaropi. Museu Mazzaropi, Instituto Mazzaropi. Taubaté, 2000.

CASTRO, Ruy. *Anjo Pornográfico*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992.

RODRIGUES, Nelson. *O Beijo no Asfalto*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2012.

AMADO, Jorge (textos); BISILLIAT, Maureen (fotografias). *Bahia Amada Amado*. São Paulo: Empresa das Artes/Unisys, 1996.

AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado Uma Biografia*. São Paulo: Editora Todavia, 2018.

FONTELES, Bené (org.). *O Rei do Baião Luiz Gonzaga*. Brasília: Editora Fundação Athos Bulcão, 2010.

MORAES, Vinicius de. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, Selo Companhia do Bolso, 2009.

DIDIER, Aluisio. *Dorival Caymmi - Coleção Folha Raízes da Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Mediafashion, 2010.

CABRAL, Sérgio. *Grande Otelo uma Biografia*. São Paulo: Editora 34, 2007.

GATTAI, Zélia. *Anarquista Graças a Deus*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1979.

GATTAI, Zélia. *Reportagem Incompleta*. Salvador: Editora Corrupio Bahia, 1986.

GATTAI, Zélia. *A Casa do Rio Vermelho*. São Paulo: Editora Record, 1999.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nãgô e a Morte – Pàde, Àsésè e o Culto Égun na Bahia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

LUZ, Marco Aurélio; LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio (orgs.). *Pensamento Insurgente - Direito à alteridade, Comunicação e Educação*. Salvador: EDUFBA, 2018.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Rocco Digital, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G. H.* Rio de Janeiro: Editora Rocco Digital, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas Vol. I - Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2007.

BEUYS, Joseph. *A revolução Somos Nós*; catálogo da exposição com direção e curadoria geral de Solange Oliveira Farkas. São Paulo: Editora Sesc, realização Associação Cultural Videobrasil / Sesc, 2010.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

IMCAV

INSTITUTO MEMÓRIA E CIDADE
EM ARTES VISUAIS

Em construção